

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS  
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

**DÉBORA EGDA DA SILVA CRUZ**

**PRODUÇÃO DO ESPAÇO DA CIDADE DE JUAZEIRO DO NORTE-CE:** uma  
leitura a partir das práticas religiosas.

Dourados - MS  
2025

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS**  
**FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS**  
**PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

**DÉBORA EGDA DA SILVA CRUZ**

**A PRODUÇÃO DO ESPAÇO DA CIDADE DE JUAZEIRO DO NORTE-CE:**  
uma leitura a partir das práticas religiosas

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação – Mestrado em Geografia, da Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados como requisito para a obtenção do título de Mestre em Geografia.

**Orientadora:** Profa. Dra. Cláudia Marques  
Roma.

Dourados - MS

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

( Cruz, Débora Egda Da Silva  
PRODUÇÃO DO ESPAÇO DA CIDADE DE JUAZEIRO DO NORTE-CE:UMA  
LEITURA A PARTIR DAS PRÁTICAS RELIGIOSAS. [recurso eletrônico] / Débora Egda  
Da Silva Cruz. -- 2025.  
Arquivo em formato PDF.  
  
Orientador: Cláudia Marques Roma.  
Dissertação (Mestrado em Geografia) -Universidade Federal da Grande Dourados,  
  
Disponível no Repositório Institucional da UFGD em:  
<https://portal.ufgd.edu.br/setor/biblioteca/repositorio>  
  
. Produção do espaço. 2. Juazeiro do Norte. 3. Práticas espaciais religiosas. 4. Padre  
Cícero. 5. Romarias. I. Roma, Cláudia Marques. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

©Direitos reservados. Permitido a reprodução parcial desde que citada a fonte.

BANCA EXAMINADORA:

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Claudia Marques Roma – orientadora (UFGD)

---

Prof. Dr. Claudio Smalley Soares Pereira (UECE)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria José Martinelli Silva Calixto (UFGD)

---

## DEDICATÓRIA

*Dedico esse e todos os trabalhos à minha mãe, Maria das Dores Cruz. Grande amor da minha vida e minha maior saudade.*

## AGRADECIMENTOS

*“É justo que muito custe o que muito vale”*

*Santa Teresa D'Ávila*

Reconhecendo que nenhuma conquista é fruto do esforço isolado, mas sim da colaboração, apoio e incentivo daqueles que estão ao nosso lado durante a caminhada, gostaria de, ao concluir esta etapa tão importante da minha trajetória acadêmica, registrar meus agradecimentos a todos que, de diferentes maneiras, estiveram presentes e contribuíram para a concretização deste trabalho. Cada apoio, incentivo, puxão de orelha e conselho recebido foram fundamentais para superar os desafios e alcançar este momento

Agradeço primeiramente à minha família, meus pais, Dasdores e Elias, e meus irmãos, Edglei, John, Jamyson, Euzébio e Maria Eduarda, que sempre me deram muito apoio e são o alicerce e porto seguro de toda minha vida.

À minha orientadora, profa. Dra. Claudia Marques Roma, que aceitou e mergulhou comigo na produção deste trabalho, sendo prestativa e paciente. Seus conhecimentos e suas orientações foram fundamentais para que este trabalho fosse realizado de forma agradável e para que este momento se tornasse possível. Agradeço-lhe imensamente.

Agradeço também aos meus amigos, de longe e de perto, que estiveram ao meu lado nessa jornada, às vezes turbulenta; em especial meu querido amigo Mazinho, que contribuiu inúmeras vezes e de diversas formas para que eu chegasse até aqui. As amizades que encontrei durante a estadia em Dourados: Víctor, Mirtes, Mateus, Mário e a professora Maria José, cujo carinho e acolhimento tornaram a distância de casa suportável.

Também agradeço sinceramente aos membros da banca examinadora, profa. Dra. Mirtes Rose, prof. Claudio Smalley e profa. Maria José, pelas valiosas observações e sugestões, as suas contribuições enriqueceram este trabalho. As leituras atentas e considerações críticas foram fundamentais para o aprimoramento da pesquisa e para meu crescimento enquanto pesquisadora.

Agradeço a todos os funcionários da Universidade Federal da Grande Dourados, por estarem de braços abertos para me receber, e à Coordenação de

Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo apoio financeiro por meio da bolsa de Mestrado, que tornou possível a permanência em terras sul-mato-grossenses.

Todos tiveram a sua importância para a concretização deste sonho, tenha sido com contribuições diretas ou indiretas. E, por isso, lhes serei sempre grata.

## RESUMO

Esta dissertação analisa a produção do espaço urbano de Juazeiro do Norte (CE) a partir das práticas espaciais religiosas, com ênfase nas romarias realizadas pelos romeiros. A pesquisa fundamenta-se no referencial teórico de Lefebvre, especialmente em sua concepção de que o espaço é socialmente produzido por meio da interação entre práticas espaciais, representações do espaço e espaços de representação. Nesse sentido, busca-se compreender como a religiosidade popular, particularmente em torno da figura de Padre Cícero, atua como força (re)produtora do espaço, reconfigurando usos, significados e dinâmicas urbanas. As romarias, enquanto manifestações recorrentes e profundamente enraizadas no imaginário nordestino, mobilizam grandes fluxos de pessoas e promovem transformações temporárias e permanentes na cidade, expressas na paisagem urbana, nas práticas econômicas e nas relações sociais. A pesquisa utilizou-se enquanto procedimentos metodológicos de entrevistas semiestruturadas com representantes do poder público, instituições religiosas e romeiros, a fim de captar diferentes perspectivas sobre os impactos e significados dessas práticas. Os resultados revelam que o espaço urbano de Juazeiro do Norte é intensamente estruturado pela presença dos romeiros e pelas lógicas da fé. Assim, a cidade se apresenta como um espaço vivido, construído socialmente pela prática religiosa e produzido cotidianamente pelas práticas espaciais.

**Palavras-chave:** Produção do espaço. Práticas espaciais religiosas. Romarias, Juazeiro do Norte. Padre Cícero

## ABSTRACT

This dissertation analyzes the production of urban space in Juazeiro do Norte (CE), Brazil, through religious spatial practices, with an emphasis on the pilgrimages and rituals performed by the pilgrims. The research is grounded in the theoretical framework of Lefebvre, particularly his conception that space is socially produced through the interaction between spatial practices, representations of space, and spaces of representation. In this context, the study seeks to understand how popular religiosity, especially surrounding the figure of Padre Cícero, acts as a spatial productive force, reshaping urban uses, meanings, and dynamics. The pilgrimages, as recurring manifestations deeply rooted in the Northeastern Brazilian imaginary, mobilize large flows of people and promote both temporary and permanent transformations in the city, as expressed in the urban landscape, economic practices, and social relations. The research also relied on semi-structured interviews with representatives of the public sector, religious institutions, and pilgrims, in order to capture different perspectives on the impacts and meanings of these practices. The results reveal that the urban space of Juazeiro do Norte is profoundly shaped by the presence of the pilgrims and the logics of faith. Thus, the city emerges as a lived space, socially constructed through religious practice, confirming that space is neither neutral nor given, but produced daily by human actions.

**Keywords:** Production of space. Religious spatial practices. Pilgrimages. Juazeiro do Norte. Padre Cícero



## RESUMEN

Esta disertación analiza la producción del espacio urbano de Juazeiro do Norte (CE) a partir de las prácticas espaciales religiosas, con énfasis en las romerías y las realizadas por los peregrinos. La investigación se fundamenta en el marco teórico de Lefebvre, especialmente en su concepción de que el espacio es socialmente producido mediante la interacción entre prácticas espaciales, representaciones del espacio y espacios de representación. En este sentido, se busca comprender cómo la religiosidad popular, particularmente en torno a la figura de Padre Cícero, actúa como fuerza productora del espacio, reconfigurando usos, significados y dinámicas urbanas. Las romerías, como manifestaciones recurrentes y profundamente arraigadas en el imaginario noresteño, movilizan grandes flujos de personas y promueven transformaciones temporales y permanentes en la ciudad, expresadas en el paisaje urbano, en las prácticas económicas y en las relaciones sociales. La investigación también se basó en entrevistas semiestructuradas con representantes del poder público, instituciones religiosas y peregrinos, con el fin de captar diferentes perspectivas sobre los impactos y significados de estas prácticas. Los resultados revelan que el espacio urbano de Juazeiro do Norte está intensamente moldeado por la presencia de los peregrinos y las lógicas de la fe. Así, la ciudad se presenta como un espacio vivido, construido socialmente por la práctica religiosa, confirmando que el espacio no es neutral ni dado, sino producido cotidianamente por las acciones humanas.

**Palabras clave:** Producción del espacio, Prácticas espaciales religiosas, Romerías, Juazeiro do Norte, Padre Cícero.

## LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: Durante percurso realizado via teleférico saindo da praça do romeiro com destino ao horto, ocorreu a primeira entrevista com a romeira vitória, que também se encontrava no teleférico, junto a sua amiga rita .....	17
Imagem 2: Registro com o romeiro antônio osmar, que se encontrava na praça da basílica de nossa senhora das dores a espera de seus companheiros para partir de volta a sua cidade. ....	18
Imagem 3: Mesa de debate intitulada “padre cícerio: vida, missão e submissão”, com a participação um padre, historiadores e jornalistas. Promovida pela fundação memorial padre cicero, realizada na casa de saberes daniel walker..	19
Imagem 4: Painel presente na porta do cemitério da capela do socorro, onde se encontram os preceitos ecológicos do padre cícerio, em que o sacerdote aconselha a população a como lidar de boa forma com a fauna e flora e finaliza com um alerta caso os preceitos não.....	46
Imagem 5: Romaria de nossa senhora das candeias, também conhecida como procissão das luzes, percorrendo ruas de juazeiro do norte .....	57
Imagem 6: Encerramento da romaria de candeias na basílica e santuário nossa senhora das dores .....	58
Imagem 7: Mosaico composto pela capela de nossa senhora do perpétuo socorro (capela do socorro), ao lado o cemitério, com comércios de artigos religiosos, estrategicamente posicionados em seu entorno, além de um pátio para realização de eventos, onde também são .....	67
Imagem 8: Loja de artigos religiosos ao lado da capela do socorro. Nela os proprietários parabenizam de forma carinhosa o padre cícerio pelos 180 de seu nascimento.....	67
Imagem 9: Loja de artigos religiosos ao lado da capela do socorro.....	68
Imagem 10: Largo da capela do socorro.....	69
Imagem 11:Largo da capela do socorro durante celebrações e comemorações	70
Imagem 12: Basílica santuário de nossa senhora das dores. ....	74
Imagem 13: Encerramento da romaria de candeia .....	72
Imagem 14: Estátua de padre cícerio .....	73
Imagem 15: Estatua de padre cícerio “guarda” a cidade de juazeiro do norte....	74

Imagem 16: Fachada inferior do teleférico do horto, de onde é possível visualizar, ao fundo, a estátua do padre cícero na colina do horto. ....	75
Imagem 17: Monumento de padre cícero vista da praça dos romeiros, a visualização é possível não somente pela câmera, mas também a olho nu, devido ao relatado anteriormente a respeito do seu tamanho e localização. ....	76
Imagem 18: Em um dos quartos do casarão, uma estátua representa a imagem do padre cícero deitado em uma rede, próximo a uma cama e no chão se encontram várias cédulas deixadas pelos visitantes, provavelmente como pagamento de alguma promessa. ....	77
Imagem 19: Igreja de bom jesus do horto .....	78
Imagem 20: Secretaria de desenvolvimento social e trabalho da prefeitura municipal de juazeiro do norte-ce .....	86
Imagem 21: Empresa de água mineral lança garrafa no formato de padre cícero, como forma de atrair consumidores que buscam artigos relacionados ao sacerdote. ....	85
Imagem 22: Matriz curricular 2018.2, em que “psicologia da religião” aparece como disciplina constituinte do currículo de formação do curso de psicologia da unileão.....	86
Imagem 23: Se refere a matriz curricular vigente do curso, em que é possível perceber uma alteração no nome da disciplina.....	87
Imagem 24: Fachada frontal do hospital geral padre cícero. Uma clara estratégia de inserção, por parte do grupo hapvida, na identidade da cidade de juazeiro do norte.....	87
Imagem 25: Dentre as várias imagens escolhidas para estampar a parede, a imagem do padre cícero se faz presente. ....	88
Imagem 26:Painel na parte interior de uma lanchonete no aeroporto de juazeiro do norte .....	89
Imagem 27: Para os turistas internacionais, pressupondo que não falem português, a administração do geossítio colina do horto disponibiliza informações em inglês.....	90
Imagem 28: Representação da estátua do padre cícero na coluna do horto, estampa táxis da cidade.....	91
Imagem 29: Xilogravura representa momento da partida de família sertaneja em busca de melhores condições de vida .....	97

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>Procedimentos metodológicos .....</b>	<b>16</b>
<b>2 PRODUÇÃO E REPRODUÇÃO DO ESPAÇO: religiosidade como</b>	
<b>fenômeno produtor do espaço urbano.....</b>	<b>21</b>
<b>3 JUAZEIRO DO NORTE E AS PRÁTICAS ESPACIAIS RELIGIOSAS .....</b>	<b>33</b>
<b>3.1 As práticas espaciais religiosas em Juazeiro do norte .....</b>	<b>33</b>
<b>3.2 Tabuleiro Grande e padre Cícero.....</b>	<b>35</b>
<b>3.3 Juazeiro do Norte e padre Cícero.....</b>	<b>42</b>
<b>3.3.1. Juazeiro do Norte e padre Cícero: narrativas do poder público e</b>	
<b>religioso .....</b>	<b>48</b>
<b>4 OS SIMBOLOS DO SAGRADO E DO PROFANO .....</b>	<b>60</b>
<b>4.1 Fé e Padre Cícero na identidade de Juazeiro do Norte .....</b>	<b>80</b>
<b>4.2 A territorialidade da fé .....</b>	<b>103</b>
<b>4.3 Os peregrinos e seus percursos .....</b>	<b>107</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>111</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>114</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>116</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Juazeiro do Norte, município situado no interior do estado do Ceará, destaca-se como um dos principais centros de religiosidade popular do Brasil. Desde sua fundação até os dias atuais, a produção do espaço da cidade está intrinsecamente ligada às práticas religiosas, especialmente em torno da figura do padre Cícero Romão Batista. Esse sacerdote exerceu profunda influência sobre a produção e reprodução do espaço da cidade, atuando não apenas como líder religioso, mas também como agente político, ocupando cargos como o de prefeito e deputado. Sua atuação deixou marcas profundas na paisagem urbana, nos rituais coletivos e no cotidiano, ou seja, as práticas espaciais presentes em Juazeiro do Norte.

Nesse contexto, a tríade de Lefebvre (2006): espaço percebido, concebido e vivido, oferece elementos para compreender como esse espaço é produzido. O espaço percebido, relacionado às práticas cotidianas, pode ser observado nas rotinas dos romeiros, comerciantes e moradores que utilizam as ruas, feiras e espaços religiosos da cidade. O espaço concebido refere-se ao planejamento urbano e às representações do espaço produzidas pelo poder público e por arquitetos. Já o espaço vivido se manifesta nas experiências simbólicas e afetivas da população, especialmente nas expressões religiosas e culturais ligadas ao padre Cícero. Em Juazeiro do Norte, esses três elementos coexistem e revelam um espaço construído por dinâmicas formais e informais, sagrado e profano, popular e institucional.

Embora se reconheça que outros fatores também contribuíram significativamente para a produção do espaço urbano de Juazeiro do Norte, como os fluxos migratórios provocados pelas secas recorrentes no semiárido nordestino, bem como os aspectos edafoclimáticos, o presente trabalho busca demonstrar como as ações desempenhadas, principalmente, pela figura dos romeiros, tanto no tempo sagrado quanto no profano, Rosendahl (1999), foram a força impulsionadora para o surgimento e a continuidade do desenvolvimento dessa cidade. Visto que eles demandam acomodações, comércio e serviços, o que levou a formação de vilas em torno dos locais sagrados e da figura do padre. Como aponta Pena (s.d., p.1), a respeito dos agentes que interferem no espaço através de seus atos:

Há que se dizer que, além de produzido, o espaço geográfico é propriamente concebido. Isso quer dizer que, além de resultado das práticas e intervenções humanas sobre o meio, ele é fruto da forma com que as pessoas enxergam

a realidade. Nesse sentido, o espaço também interfere nas diferentes maneiras com que podemos apreender a realidade e a ela dar significado, ganhando, nesse sentido, uma substância, em termos de conteúdo, que lhe dá uma dinâmica própria." Pena (s.d., p.1).

Essas dinâmicas estão presentes no espaço em forma de símbolos, sejam eles materiais ou imateriais. E é de suma importância ressaltar os símbolos e a relevância dos espaços sagrados na materialização da religiosidade dos devotos e na formação socioespacial das cidades. Esses elementos têm papel fundamental na experiência e expressão religiosa e, influenciam diversos aspectos da vida das pessoas.

Esses espaços sagrados são locais onde rituais e tradições religiosas são preservados e transmitidos ao longo do tempo e desempenham um papel crucial na preservação da identidade cultural e espiritual da comunidade. "Penetrados de imaginário e de simbolismo, eles têm por origem a história de um povo e a de cada indivíduo pertencente a esse povo." (Lefebvre, 2006, p.70).

Os símbolos estão presentes em diversas esferas socioespaciais, especialmente na arquitetura de templos, sinagogas, igrejas, mesquitas, etc. onde os rituais religiosos são celebrados e, em muitos casos, foram o ponto central para o início das cidades. Esses símbolos estão presentes também em forma de adereços, que são produzidos e comercializados para os fiéis, além das expressividades culturais. Todas essas práticas espaciais conferiram a essa cidade, bem como a outras, uma identidade.

Isto posto e levando em conta a afirmação feita por Pereira de que:

Embora Lacoste (1988) e Moreira (2001) tenham tomado as práticas espaciais como elementos fundamentais para entender a produção geográfica da sociedade, eles não explicitaram de forma clara o que são essas práticas, não chegando a desenvolver mais amplamente o conceito. Apesar disso, contribuíram para a melhor apreensão conceitual por meio de exemplos e análises. (Pereira, 2024, p.02)

Assim sendo, o presente estudo analisa um conjunto de práticas espaciais que, observadas empiricamente durante pesquisa de campo dentro do espaço vivido, do concebido e do percebido, direta ou indiretamente, (re)produzem o espaço urbano de Juazeiro do Norte.

Dentre essas práticas destacamos: *as romarias; a visitação a lugares sagrados e simbólicos; o comércio da fé; a estadia dos romeiros dentro e fora do período de festividades; a relação entre romeiros e habitantes da cidade; e a utilização de serviços públicos e privados pelos romeiros.* Tais manifestações, listadas e descritas

no item 2.1 desse texto, além de revelarem a estrutura social e simbólica urbana, também evidenciam a centralidade da fé como agente produtor do espaço.

Para elaboração desse trabalho, será dado enfoque principalmente a quatro das práticas espaciais supracitadas, sendo elas: as romarias, o comércio da fé, a visitação a lugares simbólicos e a relação entre os romeiros e os habitantes da cidade. Não ignorando a importância das demais. Ainda, dentre as romarias, em especial a Romaria de Nossa Senhora das Candeias, por ser a única criada pelo padre Cícero ainda em vida e a que atrai o maior número de visitantes à cidade.

Assim sendo, serão consideradas as diferentes figuras que compõem o universo das práticas espaciais de caráter religioso em Juazeiro do Norte: peregrinos, entendidos como aqueles que visitam a cidade fora do calendário oficial de festividades, em busca de uma experiência de fé mais individual; romeiros, aqueles que se deslocam especificamente durante os períodos festivos para participar das romarias; e turistas religiosos, cuja motivação principal é o interesse cultural ou simbólico pelos espaços religiosos, não necessariamente atrelado a práticas de fé ou participação direta nas romarias.

Considerando esses aspectos, a seção a seguir detalha os procedimentos metodológicos adotados para a coleta e análise dos dados, com o intuito de compreender as práticas espaciais e os sujeitos envolvidos no contexto estudado.

Em seguida, esse texto está dividido em três capítulos. Estruturados da seguinte forma;

### **Capítulo 1. Produção e Reprodução do Espaço: religiosidade como um fenômeno produtor do espaço urbano**

Este capítulo discute a produção e reprodução do espaço urbano de Juazeiro do Norte tendo a religiosidade como um agente estruturante. Analisa-se a forma como práticas, valores e símbolos religiosos se materializam no espaço urbano, influenciando a organização espacial e as dinâmicas sociais urbanas. A religiosidade é compreendida não apenas como expressão cultural, mas como força produtora de espacialidades e identidades urbanas.

### **Capítulo 2. Juazeiro do Norte e as Práticas Espaciais Religiosas**

Este capítulo analisa as práticas espaciais religiosas que moldam a configuração urbana e social de Juazeiro do Norte. Dividido nas seguintes partes;

#### **2.1 As práticas espaciais religiosas em Juazeiro do Norte:** apresenta as

manifestações cotidianas de fé que se refletem na organização do espaço urbano, destacando romarias, peregrinações e o papel dos fiéis na construção simbólica da cidade.

**2.2 Tabuleiro Grande e Padre Cícero:** discute a importância histórica e simbólica da localidade de Tabuleiro Grande e a trajetória de Padre Cícero, evidenciando sua influência nas práticas religiosas e no imaginário coletivo.

**2.3 Juazeiro do Norte e Padre Cícero:** aborda a relação indissociável entre a figura do sacerdote e o desenvolvimento da cidade, enfatizando como sua imagem orienta dinâmicas territoriais, econômicas e religiosas.

**2.3.1 Narrativas do poder público e religioso:** analisa as diferentes interpretações e disputas simbólicas entre as esferas política e religiosa na construção da memória e da identidade de Juazeiro do Norte.

### **Capítulo 3. Os Símbolos do Sagrado e do Profano**

O terceiro capítulo explora as representações do sagrado e do profano no espaço urbano juazeirense, evidenciando como essas dimensões coexistem e se entrelaçam nas práticas cotidianas. Discute-se a presença de símbolos, rituais e manifestações religiosas que se articulam com atividades comerciais, culturais e turísticas, revelando a complexidade das relações entre fé, economia e cultura popular no espaço urbano.

### **Procedimentos metodológicos**

Como parte do processo de desenvolvimento de qualquer trabalho científico, os procedimentos metodológicos se fazem indispensáveis. Pois, “Trata-se, por conseguinte, de detalhar os instrumentos e procedimentos metodológicos utilizados pelo pesquisador para a realização da pesquisa” (Jacobsen, 2016, p. 17).

A presente pesquisa foi desenvolvida com base em uma abordagem qualitativa, não se apegando à quantidade, mas sim ao conteúdo das entrevistas, por meio de trabalho de campo realizado no município de Juazeiro do Norte - CE, entre os meses de janeiro e março de 2024.

As atividades foram voltadas à compreensão da relação entre o padre Cícero, os romeiros e os diferentes agentes culturais e religiosos envolvidos na dinâmica local. A metodologia se concentrou em observação direta, entrevistas semiestruturadas e



participação em eventos relevantes, buscando captar elementos subjetivos, simbólicos e materiais do recorte empírico e analítico analisado.

### *Levantamento de Dados em Campo*

O trabalho de campo consistiu em visitas a órgãos públicos, instituições religiosas e culturais, bem como à observação de eventos religiosos e entrevistas com romeiros. As visitas e entrevistas ocorreram nas seguintes datas:

- 24/01: Entrevista com os secretários de Cultura Wanderlucio Pereira (Vandinho) e de Turismo e Romarias, Renato Wilamis, na sede da Secretaria de Cultura em Juazeiro do Norte.
- 01/02: Visita à Paróquia de Nossa Senhora das Candeias para observação da celebração religiosa.
- 02/02: Entrevista com as romeiras Rita e Vitória (oriundas de Maceió- AL), durante o trajeto do teleférico até o Horto, com observação e registro da Romaria de Candeias. A imagem 1 retrata o momento da entrevista, dentro do teleférico com a romeira Vitória.

Imagem 1: durante percurso realizado via teleférico saindo da Praça do Romeiro com destino ao horto, ocorreu a primeira entrevista com a romeira Vitória, que também se encontrava no teleférico, junto a sua amiga Rita



Fonte: autora, 2024.

- 03/02: Entrevistas com os romeiros Antônio Osmar (Serra Talhada- PE) e Edicleide (Gravatá-PE), na Basílica Santuário de Nossa Senhora das Dores. A imagem 2 retrata o momento da entrevista com o romeiro Antônio.

Imagem 2: registro com o romeiro Antônio Osmar, que se encontrava na praça da Basílica de Nossa Senhora das Dores à espera de seus companheiros para partir de volta a sua cidade.



Fonte: autora, 2024.

- 27/02: Entrevista com o padre Paulo Cezar Borges de Souza, abordando a relação da Igreja Católica com Padre Cícero.
- 15/03: Entrevistas com a presidente da Fundação Memorial Padre Cícero, Teresa Siqueira, e com a historiadora Yorrana Gonçalves, na sede da Secretaria de Cultura. Foi realizado também um tour guiado pelo curador Allan de Sá Barreto ao acervo do memorial.
- 21/03: Participação como ouvinte na mesa-redonda “Padre Cícero: vida, missão e submissão”, promovida pela Fundação Memorial Padre Cícero, durante a 42ª Semana do Padre Cícero. Apresentada na Imagem 3.

Imagem 3: mesa de debate intitulada “Padre Cícero: vida, missão e submissão”, com a participação de um padre, historiadores e jornalistas. Promovida pela Fundação Memorial Padre Cicero, realizada na Casa de Saberes Daniel Walker



Fonte: autora, 2024

### *Entrevistas*

Foram realizadas sete entrevistas, gravadas em áudio, todas com autorização prévia dos entrevistados. As entrevistas foram do tipo semiestruturadas, com roteiro base, porém permitindo liberdade de exploração de temas espontâneos conforme o desenvolvimento das conversas.

As entrevistas foram divididas por perfis:

- Gestores Públicos (1): Secretário de Cultura e Secretário de Turismo, para compreender o papel das políticas públicas na valorização do legado de padre Cícero na produção do espaço urbano.
- Romeiros (4): Rita, Vitória, Antônio Osmar e Edicleide, com o objetivo de entender os fluxos de peregrinação, práticas culturais e religiosas, além do consumo local.
- Religioso (1): padre Paulo Cezar, cuja entrevista visou discutir as relações entre a Igreja Católica e a figura de padre Cícero, desde o contexto histórico até os dias atuais.

- Instituição Cultural (2): Teresa Siqueira e Yorrana Gonçalves, ligadas à Fundação Memorial padre Cícero, abordando a atuação do memorial na preservação da memória do padre, sua relevância histórica e ações institucionais.

#### *Técnicas Complementares*

- Observação direta: utilizada durante as celebrações religiosas e visitas aos espaços públicos e religiosos, com registro fotográfico.
- Registro audiovisual: todas as entrevistas foram gravadas com autorização dos participantes.

## **2 PRODUÇÃO E REPRODUÇÃO DO ESPAÇO: religiosidade como fenômeno produtor do espaço urbano**

De acordo com Lefebvre (2001), a produção do espaço envolve três dimensões principais: o espaço percebido, o espaço concebido e o espaço vivido, que interagem constantemente. O espaço não é apenas um lugar passivo que se limita a ser ocupado, mas um produto das interações entre os sujeitos e as estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais. Sendo assim, o espaço torna-se produto das relações de poder, das dinâmicas de classe, e das construções simbólicas que definem uma sociedade. As práticas cotidianas dos indivíduos, suas crenças, suas ações e seus desejos, contribuem diretamente para a transformação do espaço, criando uma configuração territorial única que reflete as particularidades de um grupo social. Portanto, o espaço para Lefebvre é um produto social, dotado de interrogações: Como? Por quê? Por quem? Para quê? Se produz o espaço social. Nesse sentido, as práticas espaciais são o movimento da ação de produção e reprodução desse espaço.

A produção do espaço, ainda de acordo com Lefebvre (2001), é um processo contínuo que envolve a transformação do território por meio das interações sociais e culturais. No contexto da peregrinação religiosa na cidade de Juazeiro do Norte, essa dinâmica se manifesta de forma nítida, como será detalhado nos relatos apresentados nos capítulos 2 e 3, que descrevem o intenso fluxo de romeiros que chegam a Juazeiro do Norte movidos pela fé e pela devoção, e pela consequente formação de um mercado local especializado na venda de objetos religiosos, como imagens de santos, velas, terços e lembranças, evidenciando a interação entre práticas religiosas e dinâmicas econômicas.

Conforme ressaltam Freitas e Ferreira (2011), a produção do espaço abrange não só a organização material do território, mas também as relações de poder e as trocas que ele envolve. No caso das peregrinações, a cidade se transforma num centro de convergência religiosa e comercial, onde o sagrado e o mercado se entrelaçam, (re)produzindo o espaço tanto em termos físicos quanto sociais. As práticas de fé e os rituais não apenas estruturam o espaço, mas também reforçam identidades coletivas e criam novas formas de dinamismo econômico.

A produção do espaço, ainda de acordo com Freitas e Ferreira (2011), abarca as relações entre os indivíduos, o Estado e a iniciativa privada, com relações

econômicas, de poder, entre outras. Sendo assim, todas as relações socioespaciais exercidas pelos sujeitos e agentes sociais dentro do urbano são capazes de criar, fragmentar, segregar e transformar o espaço, em suma, produzir o espaço.

De acordo com Sposito (s.d. p. 02) “Lefebvre. Foi esse autor quem desenvolveu a discussão da concepção de produção do espaço”. Esse conceito se dá como categoria fundamental aos estudos a respeito do espaço, principalmente o social, que, conforme Souza (2013, p.22), é “(...) aquele que é apropriado, transformado e produzido pela sociedade.” Ao passo que são as práticas espaciais dos agentes e sujeitos sociais que produzem o espaço, portanto, é através do estudo delas que se pode compreender como e por que determinada prática (re)produz o espaço.

A produção e reprodução do espaço pode ser apreendida conforme as dinâmicas que se quer elucidar, ou seja, a perspectiva teórica-analítica concebida pelo(a) pesquisador(a). As dinâmicas e processos destacados pela geografia urbana, principal enfoque desse trabalho, elucidam determinadas questões, enquanto a geografia cultural, por exemplo, oferece outra oportunidade de leitura, nesse caso uma análise mais interdisciplinar do espaço urbano. No entanto, ambas as perspectivas, às vezes dissociadas nas análises teóricas-analíticas, estão inter-relacionadas no vivido.

Na perspectiva da geografia cultural, um enfoque importante relacionado à reprodução do espaço urbano são as dinâmicas e processos relacionados à religião. Ou como trataremos aqui, concordando com Portuguese, religiosidade, que para ele é:

...enquanto a religiosidade pode ser expressada individual ou coletivamente por meio da fé, da devoção e de práticas mítico-ritualísticas ancestrais, a religião contemporânea (conceito eurocentrado) seria uma organização formal, com caráter de instituição, podendo, em alguns casos, formatar-se como pessoa jurídica (ou similar) (Portuguez, 2024, p.90).

Como forma de adentrarmos nas práticas espaciais que (re)produzem o espaço, faz-se pertinente, primeiramente, um breve histórico a respeito da cidade. Como afirma Sposito:

Entender a cidade de hoje, apreender quais processos dão conformação à complexidade de sua organização e explicam a extensão da urbanização neste século, exige uma volta às suas origens e à tentativa de reconstruir, ainda que de forma sintética, a sua trajetória (Sposito, 1988, p.6).

Localizada no interior do estado do Ceará, distante cerca de 494 km da capital Fortaleza, a cidade de Juazeiro do Norte, desde sua fundação, ainda como o vilarejo

Tabuleiro Grande, que antes da chegada do Padre Cícero era apenas um ponto de parada de viajantes e tropeiros em andanças pelo sertão, traz uma forte relação com a religiosidade, de acordo com Oliveira e Oliveira (2009). O vilarejo era pertencente ao município do Crato. Sendo algumas das principais personagens de sua formação socioespacial, o padre Pedro Ribeiro de Carvalho. Formação socioespacial essa que tomamos pela perspectiva de Santos (2006, p. 39) “(...) é o conjunto indissociável, solidário e também contraditório dos sistemas de objetos e dos sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá.” Sendo assim, o espaço geográfico, na perspectiva de Santos, não é algo apenas físico, mas uma construção histórica e social, resultante da interação entre ações humanas e estruturas.

Foi o padre Pedro Ribeiro de Carvalho, seu fundador, que em 1827 construiu uma capela em frente a uma árvore chamada Juazeiro e distribuiu terrenos nos quais foram construídas as primeiras moradias do vilarejo. Assim sendo, o início da formação do que viria a ser a cidade de Juazeiro do Norte não se difere, de acordo com Soares e Júnior, das demais cidades cearenses:

A capela construída por sesmeiros ou religiosos que pregavam pela região seria o elemento central dos primeiros povoados, o edifício mais importante e imponente do lugarejo, o espaço referencial que, com os casebres ao seu redor, se estabeleciam como a principal característica na formação dos primeiros povoados, vilas e cidades cearenses. Foi a partir do terreno doado como patrimônio que se ergueram às primeiras casas, fazendo surgir posteriormente à praça, que aos poucos, foi delineando o traçado das primeiras ruas, constituindo-se o templo como o eixo simbólico da povoação. (Soares e Júnior, 2009, p.93)

Complementando que:

Uma ermida, edifício religioso de pequeno porte, erigida em local de peregrinação ou em uma estrada, tornava-se, com relativa frequência, marco inicial do surgimento de arraiais e vilas. Este pequeno templo era ampliado, adquirindo status de capela, e podia ser elevado à condição de igreja, dependendo do número de habitantes do local e de sua área de abrangência. Dessa forma, os espaços religiosos passavam a ser os centros sociais e políticos da região sendo, na maioria das vezes, identificados como os locais mais públicos e com as construções mais “imponentes” dos povoados. (Soares e Júnior, 2009, p.94)

Posteriormente, acontece a chegada, em 1872, do padre Cícero Romão Batista ao vilarejo. Já “Em 1909, Juazeiro contava com 17 ruas, quatro praças, três travessas, um beco e uma população de 15.050 habitantes, distribuídos em vários ofícios



(artesãos, farmacêuticos, lojistas, educadores, etc.) (SETUR, 2000)”, de acordo com (Oliveira e Oliveira, 2009).

Também conhecido apenas como Padre Cicero ou, carinhosamente, como “Padim Ciço”, sua figura já se fazia conhecida na região e depois do que ficou conhecido como “milagre da hóstia”<sup>1</sup>, protagonizado junto à Beata Maria de Araújo, fez com que o vilarejo crescesse rapidamente até a sua emancipação política em 1911, quando se torna município.

Esse reconhecimento e crescimento estão ligados, principalmente, às práticas de acolhimento popular que Padre Cícero mantinha com os sujeitos daquele local, fortalecendo sua imagem como líder religioso e figura protetora da comunidade. Que mesmo tendo sido proibido de celebrar missas pela Igreja Católica em decorrência dos acontecimentos relacionados ao “milagre da hóstia”, o qual levou as autoridades eclesásticas a suspeitarem de fraude e iniciaram investigações. Mas que após perícias e processos canônicos foi considerado inconclusivo pela Igreja, a qual acusou Padre Cícero de desobediência e fanatismo religioso. E como resultado, ele foi suspenso de suas funções sacerdotais, sendo proibido de administrar os sacramentos, incluindo a celebração da missa. Apesar disso, continuou exercendo forte liderança religiosa e política na região do Cariri, sendo amplamente venerado pelo povo. Como tratam os mesmos autores:

Mesmo sem poder exercer suas funções de sacerdote, o padre passou a ouvir os romeiros diariamente em sua casa. Eles vinham em busca de conselhos, bem como de proteção espiritual, atendendo a todos. Recebia e distribuía esmolas. Aconselhava-os oralmente e por escrito. Era o padrinho de todos e assim passou a ser chamado de forma íntima por seus devotos de “Padim Ciço”. (Oliveira e Oliveira, 2009, p.157)

E continuam:

O comércio tem um grande impulso com os artigos religiosos vendidos aos romeiros que peregrinam a Juazeiro. Juntamente com isso, surgem os abrigos para romeiros e o núcleo urbano aumenta, pois a população imigrante estabelece-se no povoado. Os romeiros trazem oferendas ao Padre Cícero e esse canaliza os recursos para obras que vão incrementando as estruturas urbanas de Juazeiro. (Oliveira e Oliveira, 2009, p. 157)

A oração inicial da citação anterior, faz referência ao momento em que padre Cícero não mais era sacerdote da igreja católica. Isso aconteceu devido a sua entrada

---

<sup>1</sup> O milagre da hóstia, como ficou conhecido, foi uma série de acontecimentos em que o padre Cicero, ao ministrar a hóstia à beata Maria de Araújo, no momento da comunhão, ela se “derretia” em “sangue” na boca da beata. Fazendo com que multidões se reunissem nas missas conduzidas pelo sacerdote para testemunhar tal momento.

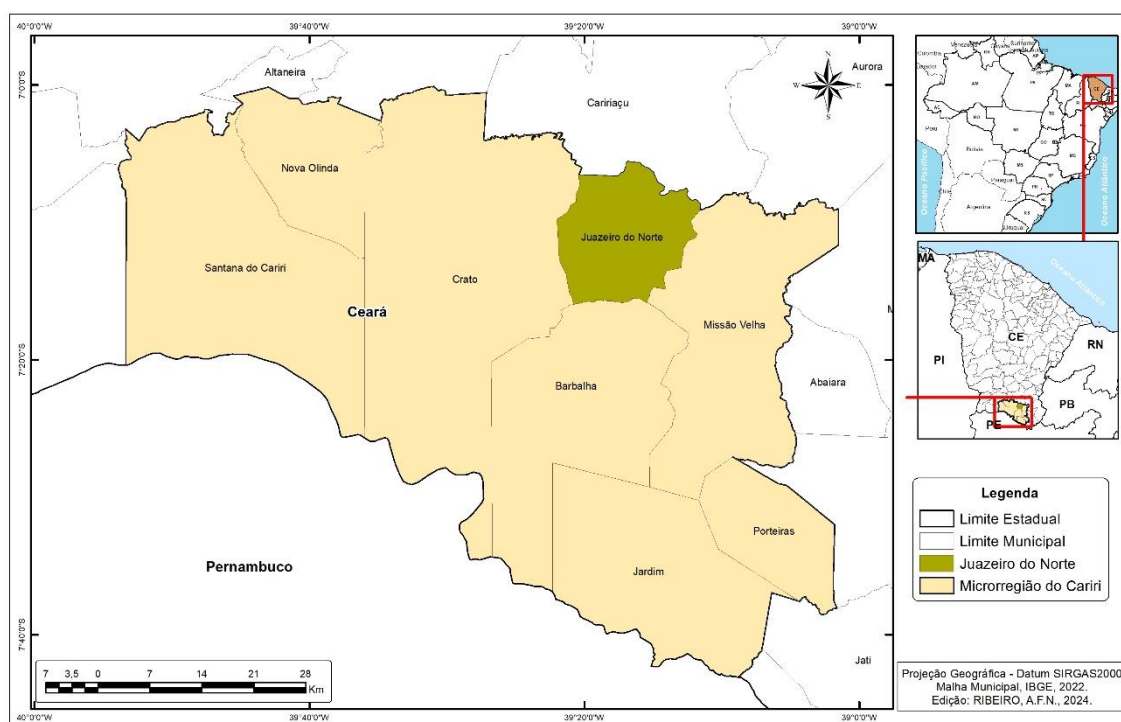


na esfera política, momento em que se tornou o primeiro prefeito da agora cidade, que se desenvolveu ainda mais ao longo das últimas décadas, contando atualmente com 286.120 habitantes (IBGE, 2022).

Na produção do espaço de Juazeiro, o templo e os espaços religiosos são o principal eixo simbólico e, assim, centros sociais e políticos. Para Lefebvre (2006), as ideologias não são nada sem o espaço ao qual ela se refere e, nesse sentido, códigos e vocabulários vão se constituindo. A igreja, a sua estrutura material e simbólica, representa a ideologia religiosa judaico-cristã que foram criando espaços que asseguram a sua duração e intervenção no espaço social, na sua produção-(re)produção enquanto uma representação do espaço político da igreja.

Essa cidade, destacado no mapa 1, é um bom exemplo de como a religiosidade pode desempenhar um papel importante na análise da produção do espaço urbano. A cidade se destaca como um significativo centro de peregrinação religiosa, com origem em eventos hierofânicos. Atualmente, ela se posiciona como o segundo maior centro de peregrinação do Brasil, atraindo aproximadamente 2,5 milhões de visitantes anualmente, conforme a Secretaria de Turismo (SETUR).

Mapa 1. Mapa de localização da região metropolitana do Cariri cearense, em destaque o município de Juazeiro do Norte.



Ainda para Lefebvre (2006, p. 59) “a prática espacial engloba a produção e reprodução, lugares especificados e conjuntos espaciais próprios a cada formação social (...)”. As práticas espaciais e sociais realizadas por esses visitantes em suas peregrinações constituem elementos estruturantes na produção do espaço urbano de Juazeiro do Norte. E, ao conectá-las às atividades cotidianas dos moradores do espaço urbano, o espaço vivido de Lefebvre (2006) que é aquele que é percebido, experimentado e apropriado pelas pessoas no seu cotidiano. essa análise se torna ainda mais rica. Um espaço vivido que se estrutura numa realidade cotidiana marcada pelas peregrinações religiosas.

Como ressalta Souza (2013), "Estabeleça-se claramente: a prática espacial é uma prática social". De fato, como enfatiza o autor:

todas as práticas espaciais, repito, são sociais. Práticas espaciais são práticas sociais em que a espacialidade (a organização espacial, a territorialidade, a 'pluralidade'...) é um componente nítido e destacado da forma de organização, do meio de expressão e/ou dos objetivos a serem alcançados. Toda prática espacial, assim como, mais amplamente, toda prática social, é uma ação (ou um conjunto estruturado de ações) inscrita nos marcos de relações sociais e ação social (Souza, 2013, p. 241).

Assim, não se pode dissociar uma da outra. Quando os romeiros estão em peregrinação pela cidade e os moradores começam a jogar bombons das janelas, quando ambos os grupos compartilham os mesmos espaços sagrados e expressam juntos a sua fé, ou quando os residentes atuam como guias e/ou recebem os romeiros nas suas casas, essas práticas espaciais revelam uma profunda conexão com o social.

As práticas espaciais e sociais revelam a conexão entre visitantes e moradores num espaço urbano multifuncional. Sposito (s/d, p. 04) destaca em suas análises sobre produção do espaço: “a) a prática espacial b) as representações do espaço c) os espaços de representação”.

Para Lefebvre (2006) a prática espacial é a dimensão da espacialidade das relações sociais, o uso do espaço; as representações do espaço, ou seja, o espaço concebido relaciona-se às relações de produção, o espaço da abstração, do planejamento de urbanistas, tecnocratas, cientistas e etc.; os espaços de representação são os espaços do vivido, das pessoas.

No contexto do espaço urbano de Juazeiro do Norte-CE, onde as práticas religiosas desempenham um papel central, podemos observar que ambas dinâmicas espaciais se dialetizam.

A categoria prática espacial demonstra a interação dos visitantes com os moradores, mas também nos permite explorar como essas dinâmicas moldam as representações coletivas do espaço sagrado e as significações que emergem desse encontro. Assim, a compreensão dessas práticas se torna essencial para mapear a produção do espaço e suas implicações sociais no urbano. Sendo assim, e tendo em vista o nosso recorte analítico e empírico de pesquisa, relacionado à produção do espaço da cidade de Juazeiro do Norte- CE a partir das práticas religiosas, a triplicidade das dimensões (percebido-concebido-vivido) na produção do espaço:

a) que engloba produção e reprodução, lugares específicos e conjuntos espaciais próprios a cada formação social, que assegura a continuidade numa relativa coesão. Essa coesão implica no que concerne ao espaço social e em relação ao espaço de cada membro de tal sociedade, às vezes uma certa competência e uma certa performance.”

b) As representações do espaço, ligadas às relações de produção, à 'ordem' que se impõe e por aí, aos conhecimentos, aos signos, aos códigos, às relações 'frontais'.

c) Apresentando (com ou sem códigos) simbolismos complexos, ligados ao lado clandestino e subterrâneo da vida social, mas também à arte, que poderia eventualmente se definir não como código, mas como código dos espaços de representação. (Lefebvre apud Sposito, s.d., p. 04)

A partir das afirmações acima, no que se referem a lugares específicos - com características próprias de formação e as representações do espaço - aos signos e aos códigos é que traremos foco à análise da produção espacial da cidade de Juazeiro do Norte-CE e suas variadas formas de reprodução. Essa análise será conduzida a partir das três dimensões do espaço propostas por Lefebvre: o espaço concebido, que envolve as representações e planejamento oficiais; o espaço percebido, relacionado às práticas cotidianas e ao uso efetivo dos lugares; e o espaço vivido, que diz respeito às experiências, simbolismos e significados atribuídos pelos sujeitos. Assim, exploraremos as múltiplas formas de reprodução e transformação do espaço urbano. Nesse contexto, a religiosidade se apresenta como um dos elementos dessa produção espacial, com usos, práticas e representações que marcam o espaço.

Em se tratando da religiosidade como elemento transformador do espaço, Portuguese (2024, p. 104), afirma “Como nos ensina Capalbo (1999) e Rosendahl (1996), as religiões modelam e remodelam paisagens, adicionando formas de uso

sagrado nos mais diferentes recantos da Terra.” Assim, para análise da realidade socioespacial urbana de Juazeiro do Norte serão tomadas como base as diversas dinâmicas desenvolvidas ao longo dos anos pelos agentes e sujeitos sociais da/na cidade, que a levaram a se caracterizar da forma/conteúdo atual, em especial, as práticas espaciais religiosas, voltadas à figura do padre Cicero.

As práticas espaciais que são capazes de produzir e reproduzir espaços, apresentam-se por meio de variadas dinâmicas, podendo ser elas: econômicas, políticas, sociais e culturais. Essa última apresenta subcategorias, dentre elas a religião que, a partir de suas representações e símbolos, é capaz de moldar um espaço. Como bem trata Rosendahl (1997, p.120), ao destacar nas suas pesquisas sobre espaços sagrados e profanos “(...) foram valorizadas as relações recíprocas entre religião e ambiente, incluindo-se a análise da paisagem, o simbolismo dos lugares sagrados e as práticas espaciais associadas ao sagrado.” Em outras palavras, (re)produção do espaço.

Exemplos disso incluem cidades que a autora identifica como importantes centros de prática religiosa e que se expandem a partir desse fenômeno, como Juazeiro do Norte:

No interesse de conhecer o impacto que o sagrado impõe ao lugar e no arranjo das atividades humanas, selecionamos quatro exemplos de lugares consagrados ao exercício da religião: Meca, cidade de peregrinação do islamismo; Lourdes, uma importante cidade-santuário do cristianismo; Shikoku, lugar de peregrinação do budismo; e Muquém, centro religioso no interior do Brasil. (Rosendahl, 1997, p. 128)

A respeito de Juazeiro ela nos traz:

A história do catolicismo brasileiro registra vários movimentos de protesto social de camponeses no final do século XIX. O episódio de Padre Cícero, em Juazeiro, oferece à geografia da religião um rico material à reflexão sobre o fenômeno das romarias no Ceará. (Rosendahl, 2008, p.77,78)

São as práticas espaciais econômicas, políticas, sociais e culturais dessas localidades, a partir, por exemplo: da comercialização de objetos religiosos (lembrancinhas, ou seja, símbolos do sagrado); do poder público, por meio das ações de planejamento e organização do espaço; da prestação de serviços, tais como: hospedarias, transportes e restaurantes; da cultura, por meio das expressões religiosas e os simbolismos, os templos de expressão da fé e a arte que constituem a representação das cidades. Sendo assim, são as principais práticas espaciais que produzem e reproduzem o seu espaço. No caso de Juazeiro do Norte, é difícil analisar essas dinâmicas sem considerar a religiosidade quase que inerente à cidade.

Trazendo como exemplo o que foi referido anteriormente a respeito de expressões culturais, comércio, prestação de serviço, Rosendahl nos fala sobre Meca:

A peregrinação anual a Meca ou Hajj é um dos mais notáveis movimentos de população no Oriente Médio, tendo durado, sem interrupção, os treze séculos do islamismo. Constitui-se na principal fonte de renda para a região de Hijaz, na Arábia Saudita "Nós não plantamos trigo ou sorgo, os peregrinos são nossas colheitas", diz um ditado popular de Meca. Atualmente é um acontecimento altamente organizado pelo governo árabe saudita. Agências de viagens operam em vários países e há conexão dos vôos com os ônibus destinados ao transporte de peregrinos. (Rosendahl, 1997, p. 128 e 129)

Estando, dessa forma, evidenciada a capacidade das práticas espaciais religiosas de produzir e reproduzir espaços, a partir dos conceitos de produção e reprodução do espaço urbano. No âmbito das relações sociais, destacam-se essas práticas, especialmente as de natureza religiosa, como elementos fundamentais na configuração do espaço urbano de Juazeiro do Norte:

(...) "Deste modo, a produção tudo abarca e nada exclui do que é humano. O mental, o intelectual, o que passa por espiritual e o que a filosofia toma por seu domínio próprio são produtos como tudo o resto. Há produções das representações, das ideias, das verdades, como há das ilusões e dos erros. Até há produção da própria consciência. (...) 'No sentido amplo, há produção de obras, ideias, de espiritualidade aparente, em resumo, de todo o que faz uma sociedade e uma civilização. Em sentido restrito, há produção de bens, de alimentos, de vestuário, de habitação, de coisas. (Lefebvre apud Sposito, s.d., p. 03,)

Sposito nos apresenta outra afirmação pertinente, quando traz:

Por consequência, a cidade abarca na verdade a dupla acepção do termo produzir. Sendo também ela obra, é o lugar onde produzem obras diversas, incluindo o que dá sentido à produção: necessidades e satisfações. Igualmente constitui o lugar onde produzem e trocam os bens, onde são consumidos. Nela se conjugam estas realidades, estas modalidades do produzir, umas imediatas, outras mediadas (indiretas). Esta unidade, de que é o suporte social, de que é o sujeito, unidade que era abstrata e intemporal, recebe da cidade concretização e inserção no tempo. (Lefebvre apud Sposito, s.d., p. 52)

No sentido de que o espaço urbano é local de necessidades e satisfações, de produção, troca e consumo de bens, trazemos a concepção de produção do espaço, tratando das demandas (necessidades) e a forma como são sanadas (satisfação), por aqueles que são os maiores transformadores do espaço social: os sujeitos. No caso do nosso recorte analítico, esses sujeitos são a população urbana e os romeiros que a visitam todos os anos. A necessidade da fé, de expressar a fé, passa a ser satisfeita

nas peregrinações; assim, necessidade e satisfação produzem e reproduzem o espaço urbano em Juazeiro do Norte.

A cidade requer ajustes (organização) contínuos para atender às demandas decorrentes tanto dos peregrinos, dos romeiros e dos turistas religiosos que a visitam, quanto dos residentes que participam ativamente das manifestações de fé que ocorrem nos locais sagrados. Conforme apontado por Rosendahl (1997), “(...) a cidade se organiza para os devotos. É preciso primeiramente dar condições de acesso ao lugar sagrado e em seguida alojar os peregrinos” (p.130).

É a partir daí que as cidades começam a ser produzidas. A procura por estadia, daqueles que desejam estender a visita a mais de um dia, cria a necessidade de pousadas e hotéis, ou ainda o que é conhecido em Juazeiro do Norte como “ranchos”, que são hospedarias informais em casas de famílias. A alimentação, demanda a criação de restaurantes, lanchonetes e afins. Vários estabelecimentos comerciais contratam funcionários temporários para atender a alta demanda proveniente da chegada desses visitantes.

Algumas necessidades específicas que surgem durante as visitas à cidade também geram movimentação, ainda que em menor escala, em alguns serviços locais. Um exemplo é o caso mencionado pelo padre Paulo, sobre um peregrino que faleceu enquanto estava na cidade. A igreja interveio junto à administração pública para garantir o traslado do corpo até o seu município de origem.<sup>2</sup>

Diante de demandas como as apresentadas acima e outras, retratadas posteriormente nas falas dos secretários, as ofertas de empregos aumentaram, as pessoas passaram a fixar residência na cidade, e os agora residentes necessitaram de serviços públicos tais como: escolas, faculdades, hospitais, segurança pública, entre outros. Aumentando também a demanda por moradia e o consumo de bens e serviços. Dando forma à paisagem urbana e influenciando o estilo de vida das pessoas. Assim afirmam Oliveira e Oliveira:

A religiosidade incentivada por Padre Cícero ao sertanejo e os conselhos de trabalho e fé fizeram JdN prosperar, deixando em pouco tempo de ser um mero distrito subordinado a cidade vizinha, Crato, para tornar-se um dos municípios mais desenvolvidos do Ceará; polo regional na atração de romeiros, turistas e consumidores, dinamizando a economia local e projetando JdN em muitas escalas. (Oliveira e Oliveira, 2009, p.158 e 159)

---

<sup>2</sup> Além disso, mais informações serão apresentadas posteriormente pelos secretários de cultura e de turismo e romarias, ao apresentarem ações adotadas pela administração durante os períodos de grandes romarias.

Isso, claro, em se tratando dos espaços que podem vir a se tornar cidade, diferente de alguns centros de peregrinação que tem o intuito apenas de receber as pessoas por curtos períodos e não para fixação de moradia, sendo assim, não se tornando cidades.

Ao longo do tempo, as necessidades podem se modificar e/ou intensificar, e cidades que, em um primeiro momento, tinham como função principal receber os devotos, passam a desempenhar papéis diferentes dentro da rede urbana. No caso de Juazeiro do Norte, que é hoje, para além do local de peregrinação dos devotos do padre Cícero, o aglomerado urbano mais importante da Região Metropolitana do Cariri e do sul do estado do Ceará, devido ao desenvolvimento em diversas áreas, como: educacional, contando com diversas instituições de ensino básico e superior, tanto privadas quanto públicas; comercial, com filiais de grandes lojas, supermercados, empreendimentos imobiliários, automobilísticos e diversos outros; serviços de saúde, tanto humana quanto animal, através dos seus vários hospitais públicos e particulares, clínicas e planos de saúde.

Para além da paisagem da cidade, a influência da religiosidade produz o espaço da cidade também em seu âmbito social. As diversas formas que as pessoas encontraram, ao longo do tempo, de honrar o alvo de sua devoção, moldam como esses sujeitos se relacionam com a cidade e com o seu entorno. As expressões, cânticos, celebrações, danças, cultos, entre outros, são responsáveis por proporcionar um estilo de vida diferente para essas pessoas, daquelas que vivem nas cidades que não desenvolvem essas práticas.

Esses sujeitos têm os seus momentos de meditação, de visitação dos lugares sagrados, de participar das celebrações, sejam elas nos locais sagrados ou profanos, de reuniões, que para serem vivenciados, é preciso programação, deslocamento e muitas vezes abdicação de outras atividades. Tais práticas fazem parte do seu cotidiano e das suas decisões. Afetando de forma ativa a vida e a (re)produção do espaço.

Além da individualidade de cada sujeito, a religiosidade é capaz de (re)produzir o espaço social a partir das expressões coletivas. As celebrações e festas reúnem dezenas, centenas ou até milhares de pessoas, que enchem a cidade, colore os muros e as ruas, fazem barulho, cantam, dançam, divertem e felicitam, são partes

fundamentais das cidades que tem a religiosidade como um dos pilares de sua (re)produção.

Tudo isso faz com que as religiões e as práticas da religiosidade popular, enquanto fenômenos sociais, se tornem também fenômenos espaciais. O espaço geográfico, nesse sentido, passa a refletir toda sorte de relações humanas decorrentes da prática religiosa, tanto no que diz respeito à territorialização dos grupos religiosos, quanto em relação aos conflitos decorrentes dos usos que fazem. Soma-se a isso, as diferenças de princípios entre distintas religiões, que muitas vezes geram disputas e embates acalorados na sociedade. (Portuguez, 2024, p. 105)

A partir das reflexões apresentadas, observa-se que a produção do espaço urbano de Juazeiro do Norte é profundamente influenciada pelas práticas de religiosidade, que se manifestam tanto de forma individual quanto nas expressões coletivas. As celebrações e festividades não só promovem a interação social, mas também transformam a paisagem urbana, elas criam uma dinâmica que abarca sentimentos, tradições e territorialidades. Essas manifestações representam a identidade cultural da sociedade local. Além disso, a religiosidade se revela como um elemento central na configuração das relações sociais e culturais, já que diferentes grupos expressam as suas crenças e valores no espaço urbano de formas diferentes.

As três dimensões do espaço propostas por Lefebvre nos trazem a produção espacial como um processo complexo, que envolve diferentes níveis de experiência e interpretação. O espaço percebido diz respeito ao uso cotidiano e às práticas materiais que moldam o território, é o espaço tal como é vivido fisicamente pelas pessoas em seu dia a dia. Já o espaço concebido está relacionado aos planejamentos, representações técnicas e discursos institucionais, como os produzidos por arquitetos, urbanistas e gestores públicos. Por fim, o espaço vivido abrange as experiências subjetivas, simbólicas e afetivas que os sujeitos atribuem aos lugares, muitas vezes atravessadas por memórias, crenças e identidades. Juntas, essas dimensões revelam que o espaço não é apenas uma estrutura física, mas um produto social em constante transformação, carregado de significados múltiplos e, por vezes, contraditórios.

Neste sentido as práticas espaciais religiosas, coletivas ou individuais, proporcionam um sentimento de pertencimento, onde as identidades podem se manifestar nas diferentes dinâmicas que ocorrem na cidade. Assim, o espaço social, dotado de símbolos e significados, torna-se um reflexo das relações humanas, o que evidencia a importância da religiosidade como um fenômeno produtor do espaço urbano.



Práticas essas que serão também abordadas no capítulo seguinte deste texto. Intitulado: Juazeiro do Norte e as práticas espaciais religiosas; e dividido em três partes: Tabuleiro Grande e padre Cícero, Juazeiro do Norte e padre Cícero, Juazeiro do Norte e padre Cícero: narrativas do poder público e religioso.

Para este capítulo são abordados, além do momento que antecede a chegada de Padre Cícero e emancipação da cidade, enquanto ainda vilarejo de Tabuleiro Grande (principalmente referenciado pela tese da professora Fátima Pinho, que trouxe um novo olhar sobre as dinâmicas existentes na época), também o momento da chegada do sacerdote, sua vida e obra, embasado pela supracitada tese e também pelas entrevistas realizadas com o secretário de Turismo e Romarias, Renato Wilamis Silva, pelo ex-secretário de Cultura, Wanderlucio Pereira e pelo padre Paulo Cesar Borges de Souza.

### **3 JUAZEIRO DO NORTE E AS PRÁTICAS ESPACIAIS RELIGIOSAS**

#### **3.1 As práticas espaciais religiosas em Juazeiro do norte**

As romarias configuram-se como uma das práticas espaciais mais marcantes da religiosidade popular em Juazeiro do Norte. A cidade recebe, ao longo do ano, centenas de milhares de fiéis que se deslocam de diferentes regiões do Brasil, especialmente do Nordeste, em caravanas, para prestar homenagens ao padre Cícero. Esses fluxos não apenas reafirmam a importância simbólica do sacerdote, como também interferem diretamente na organização urbana: vias são adaptadas para receber os romeiros, o comércio se reorganiza para atender à demanda, e estruturas temporárias são erguidas, como: tendas, barracas e palcos para celebrações. As romarias criam um espaço-tempo específico na cidade, pautado pela fé, pela peregrinação e pela memória, ressignificando continuamente o espaço urbano.

Quanto à visitação a lugares sagrados, Juazeiro do Norte possui diversos pontos considerados sagrados pelos fiéis, cuja visitação é parte essencial da experiência romeira. Locais como a Estátua do Padre Cícero no Horto, a Igreja Matriz de Nossa Senhora das Dores e a Capela do Socorro (onde estão os restos mortais do padre) se tornam espaços simbólicos revestidos de espiritualidade. A recorrente

visitação a esses espaços não apenas os fortalece como ícones religiosos, mas também contribui para sua conservação, expansão e valorização. Tais lugares se revestem do imaginário religioso coletivo e estruturam percursos urbanos que orientam o fluxo dos visitantes e transformam a experiência espacial da cidade.

Além dos locais estritamente religiosos, há espaços que, embora não consagrados formalmente, são ressignificados simbolicamente pelas narrativas locais e pela devoção popular, como os que compõem a Colina do Horto, casas de devotos antigos, mercados em que se comercializam artigos religiosos, espaços onde ocorreram eventos milagrosos ou importantes para a trajetória do padre Cícero, passam a compor o circuito simbólico da fé. A visita a esses locais reforça a dimensão cultural e afetiva do espaço urbano, revelando a construção social das territorialidades e sua relação com a memória coletiva.

O comércio da fé é uma das dimensões mais visíveis e economicamente significativas da produção do espaço em Juazeiro do Norte. Durante os períodos de romaria, a cidade se transforma em um grande mercado religioso,

são vendidos terços, imagens, medalhas, velas, livros e uma infinidade de produtos relacionados ao culto e devoção ao padre Cícero. Além disso, há a comercialização de alimentos, hospedagem e transporte. Esse comércio configura uma economia da fé que dinamiza o espaço urbano e, em muitos casos, determina a funcionalidade de determinadas áreas da cidade.

A presença dos romeiros não se limita aos períodos festivos. Muitos permanecem na cidade por dias, semanas ou até meses, especialmente os que vêm de regiões mais distantes. Essa estadia prolongada implica na utilização contínua dos equipamentos e espaços urbanos, não apenas os religiosos, mas também os de habitação, saúde, alimentação e lazer. A criação de hospedarias específicas para romeiros, muitas delas informais, alteram o tecido urbano e influenciam diretamente na configuração dos bairros onde se localizam. Fora dos períodos de festividade, a permanência de grupos menores mantém viva a dinâmica da cidade religiosa, reafirmando a função urbana de Juazeiro do Norte.

As interações entre os moradores de Juazeiro do Norte e os romeiros visitantes configuram uma dimensão social importante da produção do espaço. Essa relação, marcada por trocas culturais, comerciais e afetivas gera hospitalidade e não só acolhimento quanto tensões, especialmente em períodos de grande fluxo. Os romeiros influenciam costumes locais e até o ritmo da cidade. Por outro lado, os

habitantes moldam as experiências dos visitantes, oferecendo serviços, orientações e espaços de convivência. Essa troca contínua colabora para a construção de uma identidade urbana singular em Juazeiro.

Durante as romarias e estadias prolongadas, os romeiros utilizam intensamente os serviços públicos e privados da cidade, como transporte, saúde, segurança, saneamento e comércio. Isso provoca adaptações temporárias e permanentes na infraestrutura urbana, forçando o poder público e os agentes privados a planejarem ações específicas diante da demanda sazonal. Escolas e igrejas, por exemplo, são ocasionalmente transformadas em abrigos improvisados. O sistema de transporte é reforçado e os serviços de saúde pública precisam atender tanto a população local quanto os visitantes. Assim, os serviços urbanos tornam-se elementos importantes das práticas espaciais na (re)produção do espaço religioso e da experiência da fé.

A presença massiva de romeiros e a constante mobilização de fiéis influenciam diretamente o ordenamento espacial, a localização de equipamentos urbanos, a adaptação de vias e o estímulo a empreendimentos turísticos e religiosos. Assim, o planejamento urbano local não pode ser dissociado das manifestações de fé e das dinâmicas espaciais que, ao longo do tempo, estruturam a cidade.

### **3.2 Tabuleiro Grande e padre Cícero**

Tabuleiro Grande foi um povoado localizado ao sul do estado do Ceará, pertencente ao Crato, que é um município localizado na Região Metropolitana do Cariri, distante cerca de 508 km da capital estadual Fortaleza. O povoado se localizava próximo à Estrada Real, que ligava esta cidade à também cearense Missão Velha.

O povoado teve início com a chegada, em 1827, do padre Pedro Ribeiro e a construção, por parte dele, de uma capela em louvor a Nossa Senhora das Dores. A referida capela foi construída em frente a uma grande árvore chamada Juazeiro, que viria posteriormente a dar nome à vila (Joaseiro) e, mais tarde, à cidade.

Em nossa análise, traçaremos duas linhas de contextualização em relação à história do povoado até a chegada de quem viria a ser um dos mais famosos personagens do nordeste brasileiro, o padre Cícero Romão Batista. Já que durante a pesquisa de campo surgiu uma versão diferente da que aparece na maioria dos textos e que foi apresentada pela historiadora Djulany Yohanna, ao sugerir a leitura da tese

da professora Fátima Pinho: PADRE CÍCERO: ANJO OU DEMÔNIO? Teias de notícias e ressignificações do acontecimento padre Cícero (1870-1915); para uma outra visão sobre o povoado Tabuleiro Grande.

A versão mais conhecida, presente em relatos de acadêmicos, religiosos e moradores antigos, descreve o local como uma simples paragem para viajantes, com pouca presença populacional fixa, cujo desenvolvimento teria começado somente com a chegada do Padre Cícero.

Como na narrativa endossada pelo padre Paulo Cesar, ao afirmar que quando da chegada de padre Cícero o vilarejo não contava com mais do que quinze famílias:

E aí quando o padre, desse sonho, o padre Cícero nas suas andanças, desceu a serra de Caririçu e encontrou aqui uma aldeia chamada Tabuleiro Grande. E ele encontrou mais ou menos umas 15 famílias, não era mais do que isso. 15 famílias e uma capelinha que era desse tamanho, dessa porta pra lá.<sup>3</sup>

A respeito dessa população Pinho coloca que para grande parte da literatura que versa sobre esse assunto, seus poucos moradores eram desordeiros, depravados, cachaceiros e diversos outros adjetivos referentes à “baixa” conduta:

Ao revisitar a literatura memorialista ou acadêmica que versa sobre o contexto social, educacional, econômico e religioso de Juazeiro antes da chegada do padre Cícero em 1872, constata-se que existe um consenso a respeito da narrativa que apresenta o povoado como um lugar de caos, desordem, ignorância, enfim, sem Deus, sem lei, sem instrução, ou como um local desprezível, insignificante, obscuro, inexpressivo, inóspito. (Pinho, 2019, p.35).

Como na passagem a seguir, retirada da obra de Lourenço Filho, que ilustra de forma clara o que relata Pinho:

O Juazeiro é uma potência, fora da lei e da razão, ainda bem viva e poderosa, para que permita o depoimento franco dos que por aí habitam, e encontra-se bem guardado, a fim de evitar a comprovação irrefutável de vícios e delitos que mal esconde. Tempo virá em que se possam colher todos os dados necessários ao estudo de tão estranho caso, fruto de inconsciência dos homens mais que simples produto das condições da terra [...]. (Filho, 2002, p. 19)

A respeito desse tipo de narrativa a autora coloca:

Tais narrativas são construídas em diferentes tempos e por diversas pessoas, desde aqueles que conviveram com o sacerdote, jornalistas, intelectuais, membros de comissões governamentais que visitaram o povoado antes e

---

<sup>3</sup> Padre Paulo Cesar Souza, 2024, (FONTE ORAL). Entrevista realizada em 27/02/2024

depois de sua morte, a pesquisadores acadêmicos e autodidatas. (Pinho, 2019, p.35)

Essas narrativas se refletem, por exemplo, na literatura memorialista que descreve Juazeiro:

Quando se verifica a chamada literatura memorialista as narrativas afirmam que “[...] Juazeiro era arraial desprezível. Excetuando uma dúzia de famílias morigeradas, sua população se compunha, geralmente, de verdadeira escória social, constituída de analfabetos e também de desordeiros, entregues à indolência, à embriaguez e, não raro, à feitiçaria [...]. (Pinho, 2019, p.35).

A representação social apontada a qual destaca a população composta por “analfabetos” e pessoas entregues “à feitiçaria”, sendo postas na figura de “escória”, pode, propositalmente, ter sido criada para potencializar a narrativa do padre como o salvador daquele povo sertanejo, que vivia em mazela, tendo em vista que se fosse o povoado retratado como um local “próspero” e de “pessoas de bem”, a influência do sacerdote, talvez, não seria tão grande ou tão percebida. Ou poderia, de fato, ser essa a visão que os narradores das histórias tinham dos sujeitos que ali viviam.

Tendo a empiricidade de quem viveu, por muitos anos, nessa região, ambas as hipóteses (de serem essas narrativas uma estratégia para potencializar a influência do padre e a de que, realmente, era essa a visão que tinham das pessoas que lá viviam) são prováveis. Já que várias são as histórias que contam as “proezas” realizadas pelo eclesiástico, dentro daquela realidade de seca e sofrimento, que moldam o imaginário de muitas pessoas.

É visível também, no cotidiano, o retrato que se fez de pessoas que têm um “estilo de vida” diferente do convencional, como sujeitos entregues a vícios, analfabetos, divorciados, que não tem residência fixa, mulheres que não são devotadas à casa, marido e filhos, dentre outros. E, entendo como os que acreditam e pregam a medicina holística e a fitoterapia, ou praticam religiões diferentes da católica, principalmente as espíritas e de matriz africana, são os denominados “entregues à feitiçaria”. Todos formando a população de “escória” que ocupava o vilarejo. Pois, são essas pessoas que viviam à margem da sociedade, tendo pouca ou nenhuma chance de adentrar os locais frequentados pelos locutores dessas histórias.

Um exemplo bastante pertinente é o de uma das principais personagens da história da cidade de Juazeiro e protagonista, junto ao padre do “milagre da hóstia”, a beata Maria de Araújo, uma mulher, pobre, negra e analfabeta, marcadores que, para a realidade da formação socioespacial brasileira representa desigualdades e

estereótipos, um retrato da “escória” da época, motivo pelo qual foi quase que apagada, por muitos anos, da história e do imaginário das pessoas. O que é, de certa forma, relatado na fala do padre Paulo:

Aí tu imagina. Aí Deus, numa aldeia tão pequena, chamada Tabuleiro Grande, numa aldeia se manifesta numa mulher escrava, negra e pobre. Sem formação nenhuma, assim, uma analfabeta. Aí Deus veio e se manifestou nessa criatura. A igreja e a sociedade da época não admitiam negros. Era a questão da escravatura. Deus precisou se manifestar na beata, para liderá-los. E que padre Cícero, de sangue azul, branco, família rica, sacerdote, intelectual, um homem viajado.<sup>4</sup>

Diversos são os relatos ouvidos ao longo da vida, principalmente, de quem nasce e cresce próximo a essa cidade, como o caso da autora que vos fala, que versam sobre a influência do padre, por exemplo, na vida matrimonial dos seus fiéis, ao aconselhar que maridos e esposas abdicassem de uma vida profana e honrassem suas famílias; que pessoas largassem vícios em bebida, jogos, promiscuidades, entre outros, e optassem por uma vida digna. Para melhorar a ideia de “arraial desprezível”<sup>5</sup> ou “arraial sórdido e miserável”<sup>6</sup> que se tinha do povoado. Como nas descrições de Lourenço Filho, que, em algumas passagens traz “Crianças nuas passam correndo, sem gritos nem risos;” ou ainda, “mulheres, sentadas às portas, sem saia e camisa, despenteadas, quase todas com a miséria impressa nas faces, dão-se à tarefa de catar insetos à cabeça dos filhos.” (Filho, 2002, p.41).

Continuando a sua descrição da cidade ele ainda coloca:

Aí está o Juazeiro arraial. Vinte mil almas, a que se agrega e de que se despede, cada dia, uma multidão de romeiros. É esse o Juazeiro temível, o Juazeiro tradicional, a Meca do fanatismo sertanejo que primeiro depara o viajante, se ele não avisou em tempo o padre Cícero e os de seu grupo, ciosos em ocultá-lo, mas solícitos em mantê-lo. (Filho, 2002, p. 41)

Antes de apontar que esse era o Juazeiro Arraial, mas que existia um outro Juazeiro, um Juazeiro diferente, esse sim, digno:

Porque há um outro pequeno Juazeiro abrolhando no seio desse arraial sórdido e miserável, sem higiene e sem trabalho, abrigo de peregrinos e de cangaceiros da pior espécie, de doentes e malucos. É um verdadeiro milagre em tal moldura, mas existe. Duas ou três ruas – a “do Padre Cícero”, a “de São Pedro” e a “Rua Nova” – são calçadas a pedra bruta e dão-se ao luxo de ter alguma coisa parecida com passeios laterais, três ou quatro construções de sobrado, casas com platibandas, “jacarés” salientes e numeração mais

<sup>4</sup> Padre Paulo Cesar Souza, 2024, (FONTE ORAL). Entrevista realizada em 27/02/2024

<sup>5</sup> Pinho, p. 35, 2019

<sup>6</sup> Filho, p. 42, 2002

discreta. Habitações há de relativo conforto e casas comerciais de boa aparência. (Filho, 2002, p. 42)

São nas ruas citadas que ele narra em que se encontra a população que se difere da do arraial, descrita como “estável”:

É nessa parte que habitam propriamente os cearenses do Juazeiro, a população estável, entregue ao comércio e a pequenas e rudimentares indústrias. Aí fica também a casa do padre, baixa e modesta, sempre fechada, tendo ao lado um sobrado tosco, por ele construído, para mais comodamente oferecer a “bênção” diária aos peregrinos. (Filho, 2002, p.42)

Esses relatos, além de retratar a dura realidade da comunidade, também se entrelaçam com as histórias sobre transformações de vida como as histórias que narram como ele convidou pessoas para residir no vilarejo, oferecendo terras para trabalhar, a partir de sua influência junto a grandes latifundiários locais. O acordo implicava na concessão de terras, muitas delas em desuso, com a promessa de que os trabalhadores as tonassem produtivas e, conseqüentemente receberiam moradia. A esse respeito Araújo afirma que:

Padre Cícero, diante do flagelo da seca, empreendeu atividades agrícolas em grande escala, promovendo a fixação do homem no solo, para o cultivo e a colheita de produtos resistentes ao clima quente, a exemplo da mandioca, raiz da qual se produz a farinha. A magnitude da produção de mandioca gerou excedente para exportar para estados vizinhos, vindo o Cariri se tornar um centro produtor de farinha, revertendo o problema da fome no Joazeiro. (Araújo, 2005, p.40)

A autora continua:

Após a seca de 1877, no Juazeiro e Cariri, o Padre Cícero se preocupava cada vez mais com a agricultura, solicitando junto aos governantes, ações voltadas para tentar reverter o problema das estiagens prolongadas. Neste sentido, o Padre incentivou a criação de açudes, reservatórios de água, reflorestamento e abastecimento alimentar. Assim, a preocupação do Padre Cícero com a atividade agrícola, assim como o grande contingente de mão-de-obra que afluía ao Joazeiro, em busca de trabalho e a extensa quantidade de terras agricultáveis no topo da Chapada do Araripe, contribuíram para a formação de comunidades de pequenos agricultores. (Araújo, 2005, p.40)

Aliada ao desenvolvimento das atividades agrícolas, teve início, em consequência, uma relação social e afetiva dos sujeitos entre si; e entre o padre e os sujeitos, aos quais ele direcionada sua atenção e cuidado, a partir das experiências, vivências e interações cotidianas que eles depreendiam, o espaço vivido de Lefebvre (2006), que é o espaço da experiência cotidiana das pessoas, onde se manifestam práticas, memórias e relações sociais, carregado de significado emocional e cultural. Como bem destacado pela mesma autora, quando fala do cenário que se constituiu a

partir dessas relações “Este ‘mundus camponês’, enquanto espaço social, pautado em uma nova esperança de vida, através do trabalho, encontra-se permeado por relações de confiança, honra, hierarquia e parentesco” (Araújo, 2005, p.40)

Cenário esse que, segundo ela:

No novo cenário, Padre Cícero expandiu a ocupação de terras na Chapada do Araripe, empregando grande contingente de mão-de-obra, incentivando novos cultivos agrícolas. A referida ação econômica do Padre repercutiu na expansão do Joazeiro, impulsionando o crescimento e a prosperidade do lugar. (Araújo, 2005, p.41)

Outro relato que reafirma essa narrativa é trazido pelo padre Paulo, quando perguntado sobre as histórias de que o padre Cícero cedia terras a pessoas que queriam morar no vilarejo:

O padre Cícero não tinha terras, eu acho que o patrimônio dele era quase nada, o que era que o padre Cícero fazia? Aqui tinha muitos fazendeiros, aqui existia muitos latifundiários, muitas fazendas que estavam aí abandonadas, e o que é que o padre Cícero fazia? Ele conhecia toda a região, ele tinha mapeado na sua cabeça, toda essa região do Cariri. E ele sabia onde tinha mais fazendas, onde tinha menos fazendas e onde tinha mais, mega fazendas. Então ele ia lá, conversava com os fazendeiros, “olha, eu te dou tantas famílias para cultivar a tua terra, para cuidar de tua terra, e em troca eu só quero que você dê moradia a eles, que o próprio sustento eles vão tirar da terra.”<sup>7</sup>

Foi a partir dessas oportunidades de vida que o vilarejo começou a atrair pessoas não apenas dos arredores da cidade, mas também de outros estados nordestinos, que ao ficarem sabendo do que acontecia e estarem à procura de melhores condições de vida, trabalho, moradia, conforto espiritual e fugindo das secas, começaram a migrar para Tabuleiro Grande.

Como indica padre Paulo, essa é uma das principais motivações que levam vários romeiros a visitarem a cidade de Juazeiro do Norte todos os anos, a gratidão pelo que o padre trouxe a seus antepassados ao, por exemplo, proporcionar que aqueles que vieram primeiro, fossem buscar o restante de sua família. As duas próximas passagens ilustram como o padre Cícero acolhia as pessoas que vinham a ele buscando essas melhorias: “Meu padrinho, minha família, o resto da família. - Manda buscar, minha filha, o resto da tua família.”<sup>8</sup>

E nas piores secas, as piores secas do Nordeste, o Padre Cícero tinha uma palavra para esse povo, o Padre Cícero tinha um acolhimento com essas famílias, e o Padre Cícero não deixava essas famílias abandonadas. De certa

<sup>7</sup> Padre Paulo Cesar Souza, 2024, (FONTE ORAL). Entrevista realizada em 27/02/2024

<sup>8</sup> Padre Paulo Cesar Souza, 2024, (FONTE ORAL). Entrevista realizada em 27/02/2024



forma que hoje a vinda do romeiro a Juazeiro, é uma forma de gratidão e de reconhecer o que o Padre Cícero fez pelos seus antepassados, pelo que o Padre Cícero fez pelos seus parentes.<sup>9</sup>

Por outro lado, a professora apresenta uma nova perspectiva, baseada em dados coletados por ela, que revelam a existência de uma comunidade já consolidada antes da chegada do sacerdote. A partir da mídia escrita da época: jornais, revistas, charges, entre outros, um novo olhar sobre a organização e acontecimentos do vilarejo antes da chegada do padre Cícero. Em sua pesquisa, a professora traz fontes que mostram que por lá já havia uma vida bastante movimentada:

Entretanto, o acesso a novas fontes como a imprensa oitocentista, sobretudo, os jornais publicados no Crato, Fortaleza e Rio de Janeiro, possibilita visualizar outras narrativas segundo as quais era o referido povoado um lugar com outro contexto social, político, moral e religioso. (Pinho, 2019, p.36)

A autora continua relatando que o vilarejo contava com relações de poder e crença, por parte dos políticos e dos religiosos<sup>10</sup>, relata também a existência de uma cadeira de ensino para homens “em setembro de 1858, o povoado é contemplado com uma cadeira de ensino público, através da Resolução nº 858,” (Pinho, 2019, p.36); então a autora coloca que “por fim, é importante ressaltar que, pelo menos desde 1868, o povoado já contava com os serviços de correio, conforme notícias publicadas em jornais da capital” (Pinho, 2019, p.42).

Ao relatar a violência empregada pelo padre professor responsável pela cadeira de ensino<sup>11</sup>, denunciada pelo pai do aluno violentado, a autora traz uma passagem que ressalta a diferença de comportamento das pessoas do povoado, em relação àquela concebida e relatada anteriormente:

A atitude do pai, ao protestar através da imprensa da capital os métodos de ensino do professor e capelão do povoado, assim como outras narrativas sobre o contexto social e educacional do lugar, demonstra haver na localidade certa “regularidade social”, cuja população vivia suas vidas de forma ordeira

<sup>9</sup> Padre Paulo Cesar Souza, 2024, (FONTE ORAL). Entrevista realizada em 27/02/2024

<sup>10</sup> Essas duas instituições exerciam uma grande influência nas sociedades, entrelaçando poder e crenças. Os líderes políticos utilizavam os religiosos para legitimar suas ações, enquanto líderes religiosos podiam direcionar a opinião pública e influenciar decisões políticas. Em períodos em que a religião muitas vezes moldava as políticas públicas e as normas sociais, enquanto a política assegurava a continuidade ou expansão do poder das instituições religiosas. Quando surgiam desavenças, eram tão intensas quanto as alianças

<sup>11</sup> “A acusação foi igualmente publicada no jornal O Cearense, na sessão “A pedidos”, com o título “O professor do Juazeiro” por iniciativa de um pai de aluno, o Sr. Gonçalo Cabral, morador do povoado, denunciando a pedagogia utilizada pelo pe. Almeida informando que seu filho, aluno daquele professor, teria sofrido agressão física quando o clérigo “[...] em um dos acessos de impaciência e frenesi brutal, feriu a criança [...] que com a cabeça quebrada, com uma orelha partida, atravessou a povoação correndo em sangue”. Pinho, 2019, p. 38, 39

e devotada ao trabalho, diferente, portanto, da realidade descrita pela historiografia de que ali o povo se encontrava entregue à desordem, bebedeira e outros vícios, sem lei, sem letras e sem Deus. (Pinho, 2019, p.39)

Sendo assim, é possível assegurar que as afirmações feitas a respeito do tamanho, importância e organização econômica, social e política do povoado, antes da chegada de padre Cícero, diferem em demasia das fontes da época apresentadas pela professora. Sendo sempre importante ressaltar que isso não muda a influência do padre e a dimensão religiosa na produção do espaço da cidade.

Nesse sentido, é relevante considerar que a presença dos centros religiosos como início de povoamento, no caso de Juazeiro do Norte, a capela, são aspectos bastante comuns na formação de centros urbanos, tendo em vista que atraem pessoas que buscam conforto espiritual em práticas religiosas semelhantes. Sobre isso, ao abordar a formação das cidades santuários, Rosendahl afirma que:

Ao falar de sagrado e urbano colocamos o templo como elemento forte da conexão entre cidade e religião. A presença do santuário ocupando o lugar central nos primeiros núcleos de povoamentos é reconhecida por ambas as vertentes de pesquisadores. (Rosendahl, 2008 p.67)

A autora reforça essa centralidade ao apontar o poder de atração espiritual dessas cidades.

... Exerciam também um poder de atração para homens vindos de muito longe, atraídos pelo estímulo espiritual para compartilhar as mesmas práticas mágicas ou crenças religiosas. A atração ocasional de homens a esses centros, não motivada por necessidade de residência fixa e sim pelo estímulo espiritual, continua sendo um dos critérios essenciais definidores da cidade-santuário. (Rosendahl, 2008, p.67)

Dessa forma, é possível perceber que o sagrado teve um papel central na produção do espaço da cidade de Juazeiro do Norte. A capela não foi apenas um espaço religioso, mas também o ponto de partida para o crescimento urbano da cidade. As pessoas eram atraídas pela fé, e isso ajudou a formar e fortalecer um núcleo de convivência e troca.

### **3.3 Juazeiro do Norte e padre Cícero**

A produção do espaço de Juazeiro do Norte, a partir das práticas religiosas, apresenta-se fortemente ligada à figura de padre Cícero. No momento de sua chegada, a hoje cidade, ainda era povoado, mas já era conhecida como Vila do

Joazeiro. As práticas religiosas foram de fundamental importância para o desenvolvimento do vilarejo e, nos dias atuais da própria cidade. Como afirma Rosendahl (2008), as práticas religiosas, assim como outros elementos sociais, econômicos, físicos, etc. são totalmente capazes de moldar um determinado espaço. E complementa:

É possível reconhecer o sagrado como elemento de produção do espaço. LEWANDOWSKI (1984) e outros, a este respeito sustentam que as construções são moldadas pelas ideias de uma sociedade, suas formas de organização econômica e social, a distribuição de recursos e autoridade, suas atividades, crenças e valores prevaletentes em qualquer período de tempo. De fato, critérios sócio-culturais podem ser tão importantes quanto fatores como clima e tecnologia para influenciar a construção do espaço. (Rosendahl, 2008, p. 67)

Essa concepção de que o sagrado pode ser um elemento produtor do espaço, encontra respaldo na história de padre Cícero e sua relação com a cidade de Juazeiro do Norte. Sua vida e obra não apenas marcaram a configuração religiosa e social da região, mas também moldaram o espaço urbano, refletindo as crenças e valores da sociedade. Assim afirmam Oliveira e Oliveira “Ao incutir princípios de trabalho e fé em sua gente, padre Cícero acabava por implantar as bases para a formação civilizacional e urbana, delineando o desenvolvimento econômico de Juazeiro do Norte,” (2009, p.157). E como sugerido por Rosendahl (2008), fatores sócio-culturais, como a influência de líderes religiosos, têm poder na produção do espaço.

O legado deixado pelo padre Cícero é um exemplo de como as práticas religiosas e a figura de um líder religioso podem transformar o espaço, não apenas de forma física, mas também simbólica. Nesse sentido, os espaços de representações e as representações do espaço se imbricam, conforme Lefebvre (2006) um conceito mais amplo de representação.

A exemplo disso, na Imagem 4 observam-se os preceitos ecológicos criados pelo padre, visando conscientizar a população a respeito do cuidado com a fauna e a flora local e também faz um alerta quanto à não prática deles.

Imagem 4: painel presente na porta do cemitério da capela do socorro, onde se encontram os Preceitos Ecológicos do Padre Cícero, em que o sacerdote aconselha a população a como lidar de boa forma com a fauna e flora e finaliza com um alerta caso os preceitos não



Fonte: autora, 2025.

Na produção do espaço os códigos estabelecem mensagens e produzem discursos e realidades adequadas, esses códigos têm uma história que se torna saber, poder e instituição (Lefebvre, 2006). Os preceitos advindos da relação de religiosidade, por meio da figura de padre Cícero, corresponde a elementos importantes para compreensão das dinâmicas e processos da cidade de Juazeiro do Norte.

Cícero Ramão Batista nasceu em Crato- CE, a 24 de março de 1844, filho de Joaquina Vicência Romana (quinor) e Joaquim Romão Batista. Desde sua juventude, pela influência de seus pais, os seus primeiros catequizadores, Cícero já manifestava desígnio em se tornar sacerdote da igreja católica. Com pretensão, principalmente, de ajudar os que mais necessitavam, conforme aponta o padre Paulo:

O Padre Cícero Romão Batista, ele é filho natural da cidade de Crato e desde sua adolescência, o padre Cícero já tinha esse desejo de ser sacerdote. E esse desejo foi, com o passar da idade, com o passar dos anos, foi sempre crescendo esse desejo no coração do padre Cícero, uma vez que isso foi

fortalecido pela formação religiosa dos seus pais. Seu Joaquim e dona quinqüenta, os primeiros catequistas do padre Cícero Romão Batista.

Cícero estudou no Seminário da Prainha, em Fortaleza, ordenando-se em 1870. Sendo padre pela Diocese do Crato, atuou por pouco tempo na paróquia da cidade de Caririaçu, antes de chegar ao povoado de Tabuleiro Grande.

Diversas narrativas contam que ele chegou ao povoado apenas para realizar a missa do galo daquele ano e em seguida retornaria a sua paróquia, mas após um sonho profético em que lhe apareceu a figura de Jesus Cristo e esse o disse para “tomar conta” daquele povo, o padre decidiu fixar residência no povoado levando consigo sua mãe, irmã e uma criada, seu pai havia falecido. Como narrado por Della Cava:

Um sonho, entretanto, veio alterar, de súbito, seus planos. Certa vez, ao anoitecer de um dia exaustivo, após ter passado horas a fio a confessar os homens do arraial, atravessou pesadamente o pátio da capela em direção ao prédio da pequenina escola onde estava provisoriamente alojado. Aí, no quarto contíguo à sala de aulas, caiu no sono e a visão fatal se revelou: treze homens em vestes bíblicas entraram na escola e sentaram-se em volta da mesa do professor, numa disposição que lembrava o quadro A última ceia, de Leonardo da Vinci. O padre sonhou, então, que acordava e se levantava para espiar os visitantes sagrados, sem que estes o vissem. (Della Cava, 2014, p.56)

E de forma quase que teatral, continua:

Cristo, então, virou-se para eles e falou, lamentando a ruindade do mundo e as inúmeras ofensas da humanidade ao Sacratíssimo Coração. Prometeu fazer um último esforço “para salvar o mundo”, mas, caso os homens não se arrependessem depressa, poria fim ao mundo que Ele mesmo havia criado. Naquele momento, apontou para os pobres e, voltando-se de repente para o jovem sacerdote estupefato, ordenou: “E você, padre Cícero, tome conta deles”. (Della Cava, 2014, p.57)

Fato esse<sup>12</sup> que também é refutado por Pinho (2019). A autora aponta que registros, como escritos de batismos, mostram que ele não estava na Região do Cariri, mas sim na cidade de Trairi, há cerca de 602 km de Caririaçu, em missão sacerdotal em um período que se fazia impossível realizar tal missa, narrando também que não existe nenhum registro original feito pelo padre que cite tal fato.

Portanto, constata-se que no Natal de 1871 o padre Cícero se encontrava em missão sacerdotal no município de Trairi e não no povoado de Juazeiro, conforme registra a historiografia local. Esse fato, porém, não descarta a possibilidade de ter sido o sonho/revelação a maior motivação para a decisão de exercer seu sacerdócio naquele povoado (...) (Pinho, 2019, p. 59)

<sup>12</sup> A realização da missa do galo daquele ano em que o padre teria narrado esse sonho.

Pinho reafirma, posteriormente que isso em nada muda a história do padre e a cidade:

De qualquer forma, seja por questões econômicas, políticas, sociais ou uma revelação divina, o fato é que o padre Cícero, em abril de 1872, começa uma história sacerdotal como sexto capelão do povoado do Juazeiro e de lá se tornará uma das personalidades mais conhecida, noticiada, debatida, polemizada do sertão brasileiro na história contemporânea. (...). (Pinho, 2019, p. 60)

Dando continuidade ao que expôs e com o intuito de reforçar a argumentação apresentada anteriormente, a autora traz a afirmação:

Segundo Barros, ao se estabelecer e exercer seu apostolado em Juazeiro, Cícero começa a trabalhar árdua e constantemente na evangelização e educação daqueles que lhe foram confiados “[...] entregando-se com paixão e desprendimento absoluto ao cuidado de seu povo. A pé, a cavalo, visita todos os moradores sob sua responsabilidade sacerdotal. (Pinho, 2019, p. 60)

Considerando que a principal objeção que essas novas informações apresentam é a possibilidade de existirem outras motivações que influenciaram a decisão do padre de estabelecer residência no vilarejo. Elas não influenciam em sua atuação nas diversas esferas citadas anteriormente. Mais relevante do que a intenção pessoal do padre é a maneira como ele é representado e percebido pela comunidade. Isso porque, independentemente das razões pessoais que o levaram a permanecer no local, a forma como a comunidade o interpreta e representa revela muito mais sobre os códigos simbólicos e as dinâmicas locais.

Essa construção simbólica carrega significados profundos: ao ser interpretado como alguém com uma missão divina, o padre se insere em um código de leitura cultural que associa religiosidade à salvação, bondade e liderança moral. Mesmo sendo histórias contadas, carregadas de oralidade e subjetividade, elas não são meramente ilustrativas. Elas operam como mecanismos de legitimação e sustentação das relações entre ele e os sujeitos.

Ou seja, essas narrativas fortalecem sua autoridade social e espiritual, permitindo que sua presença e ações sejam interpretadas não apenas como decisões humanas, mas como parte de um desígnio maior. Assim, essas histórias atuam diretamente na consolidação de sua influência, pois moldam a percepção sobre quem ele é e o que representa.

Entre as falas do povo nordestino, especialmente daqueles que habitam ou peregrinam para Juazeiro do Norte, é comum ouvir que padre Cícero foi “um enviado

de Deus para o Sertão”. Essa frase, repetida com fé e reverência, revela muito mais do que uma simples crença religiosa. Ela expressa um sentimento coletivo, uma construção simbólica e um modo de interpretar a realidade a partir da dor e da esperança vividas no Sertão nordestino.

Quando as pessoas dizem que “Padim Ciço foi mandado por Deus pra cuidar do povo do Sertão”, não estão apenas se referindo a um líder religioso. Estão nomeando uma figura que, para elas, representa proteção, milagre e justiça divina em meio à pobreza, à seca e ao abandono. Em muitos depoimentos populares, aparecem relatos de curas, bênçãos e visões milagrosas. Uma das histórias que costuma ser contada é a de que, no dia de sua morte, uma estrela cadente cruzou o céu, como sinal divino para aquele que haverá parido. Outras mais específicas, como o relato do romeiro Antônio, que atribui as suas mais de vinte visitas a Juazeiro do Norte a uma experiência marcante: em um momento de grande aflição, ao ser arrastado por um animal e temer pela própria vida, ele rogou pela ajuda de padre Cícero, e acredita que foi salvo por sua intercessão. Desde então, Antônio retorna quase todos os anos à cidade, em sinal de gratidão e devoção.

Essas falas não vêm de livros ou dogmas, mas da experiência cotidiana. Vêm da mãe que orou por um filho doente e viu melhora. Assim como minha própria, que fez uma promessa em razão do desvio ocular (esotropia) de um de meus irmãos. Prometendo que ele iria visitar, por alguns anos, sua estátua no horto, vestido de branco. Dos romeiros que percorrem quilômetros a pé, de bicicleta ou nos conhecidos “pau de arara” para pagar promessas. Do idoso que guarda com carinho o retrato de padre Cícero ao lado de santos da Igreja, algo comum nas casas nordestinas.

Esse tipo de fé também aparece de forma simbólica na mídia, como cena da “gaita benta” no filme *O Auto da Compadecida*, quando João Grilo afirma que o instrumento foi abençoado por Padre Cícero, sendo assim, quem a possuísse, não morreria. Retrato da fé e devoção que esses sujeitos têm pelo padre, mesmo em relação às histórias mais fantasiosas. Sendo que essa poderia, facilmente, ser relatada por algum de seus fiéis.

Nesse imaginário popular, Padre Cícero é mais do que sacerdote. É uma ponte entre o povo esquecido e um Deus que, por meio dele, olha para os pobres. Ele é visto como alguém que compreendia a linguagem do povo, falava com os humildes e se preocupava com os problemas reais da vida sertaneja.

As falas populares sobre ele são carregadas de emoção, gratidão e respeito. Nenhum “Meu padim, padre Ciço” sai a esmo. Por isso, ao dizerem que ele foi um enviado de Deus, os sertanejos não apenas o santificam. Padre Cícero preencheu uma espécie de vazio na vida desses sertanejos carentes de assistência. E por isso, mais de um século após sua morte, continua vivo na memória e na fé de milhões.

Além disso, essas falas alimentam um poder político real. Em Juazeiro do Norte, por exemplo, o nome de Padre Cícero é mobilizado em disputas eleitorais, em projetos turísticos e até em políticas públicas. A autoridade simbólica que o povo lhe confere é tão grande que qualquer liderança local que deseje legitimidade precisa, de algum modo, se alinhar à sua imagem. Isso também ocorre no discurso de figuras religiosas que se aproximam do imaginário popular para fortalecer sua própria influência. No Sertão, o poder muitas vezes se exerce pela fé.

### ***3.3.1. Juazeiro do Norte e padre Cícero: narrativas do poder público e religioso***

Outros relatos<sup>13</sup> contam que, com vasta experiência em assuntos relacionados à agronomia, ele solicitava aos fiéis que trouxessem amostras de solos das propriedades que desejavam realizar o plantio, para abençoá-las, então utilizava seus conhecimentos técnicos para realizar análises e aconselhar sobre a melhor escolha de cultivo. Quando o plantio era concluído com êxito e a colheita era satisfatória, era considerado, pelos fiéis, como um ato de santidade.

A respeito, quando essa colocação foi feita durante entrevista com o secretário municipal de turismo e romarias de Juazeiro do Norte, Renato Wilamis de Lima Silva e o então secretário de cultura, Vanderlucio Lopes Pereira (Vandinho), esse último afirma que “não era o conhecimento de revelação espiritual, era o conhecimento técnico.” E considera que era mais pertinente ao padre que ele não separasse a técnica da espiritualidade, pois era através dela que “(...) ele formava um verdadeiro batalhão. A favor da disposição da cidade. Na própria defesa de Juazeiro do Norte”<sup>14</sup>. Esse batalhão só foi possível graças a crença em sua santidade, provavelmente, se o

---

<sup>13</sup> Wanderlucio Pereira, 2024 (FONTE ORAL). Entrevista realizada em 24/01/2024

<sup>14</sup> Renato Wilamis Silva, 2024 (FONTE ORAL). Entrevista realizada em 24/01/2024



padre creditasse esses feitos à técnica, não repercutiria tão bem entre os fiéis. E padre Cícero sabia disso, acredita Pereira (2024):

Ele mesmo nunca quiz dissociar isso, agora isso é a visão minha, o pessoal. Ele nunca quiz dissociar o espiritual, porque, e assim, não estou julgando que ele fez certo ou errado, talvez até seja certo, porque naquela época, o misticismo religioso prendia tanto pessoas que o que o padre dissesse, então com isso ele aproveitou aquele poder que ele tinha sobre as pessoas e ensinou o bem.<sup>15</sup>

Outro exemplo da influência do padre na vida da comunidade se dava no que dizia respeito à profissão de muitas pessoas, como exemplificado também pelo secretário Vandinho (2024), quando relata que o padre determinava qual iria ser o ofício de muitos fiéis, sendo até mesmo algo que eles não sabiam desempenhar, mas buscavam aprender, pois o respeito às “ordens”<sup>16</sup> do padre e a confiança de que daria certo eram o mais importante. Como exemplo ele traz a história de um famoso artesão da cidade:

Para você ter uma ideia, aqui na Praça Padre Cícero nós temos um relógio que foi feito por um artífice, chamado Pelúcio Correia de Macedo. Esse cidadão criou um... Ele tem relógios que na região foi criado por ele. E esse mestre de relógio, aqui no Brasil ninguém fazia relógio, ele era importado da Europa. E o Padre Cícero, sabe o que foi que ele fez? Ele chamou uma pessoa e disse assim, “eu vou lhe comprar os livros, e você vai ver com esse livro como é que faz um relógio, você vai fazer um relógio”. Ou seja, ele não importou, ele fez a pessoa da cidade empreender, criar, inventar e fazer. E ele tinha essa visão de ver a qualidade das pessoas, de dizer, você tem condições de fazer. E dava um caminho, claro que muito mais rudimentado do que seria hoje, mas ele dava um caminho para a pessoa empreender, para a pessoa criar. Então assim, nesse aspecto do desenvolvimento o Padre Cícero... Porque Juazeiro é a cidade mais nova, e é maior do que Jardim, é maior do que o Crato, é maior do que todas as cidades? exatamente por uma visão empreendedora que saiu aqui do Padre Cícero. ...inclusive lá na sua cidade<sup>17</sup>, tem um relógio feito pelos Correia de Macedo, foi reinstalado agora aqui pelo mestre geral de relógio, daqui de Juazeiro do Norte, eu estive presente, nós até deixamos ele em exposição um período aqui no memorial, que estava lá no shopping, e foi recuperado agora. O relógio lá da Matriz de Jardim, foi recuperado agora e eu acompanhei esse processo, e esse relógio foi criado pelo Mestre Pelúcio, aqui de Juazeiro. Ele tem relógio em várias partes do nordeste, criado aqui em Juazeiro do Norte. Você ter uma ideia, tem o relógio daqui ele marca as fases da lua, ele marca minuto, segundo, hora e os anos bissextos, tudo feito por um artesão de Juazeiro do Norte, criado lendo livros na época.<sup>18</sup>

<sup>15</sup> Wanderlucio Pereira, 2024 (FONTE ORAL). Entrevista realizada em 24/01/2024

<sup>16</sup> As palavras derivadas de ordem serão inseridas entre aspas, pois o padre não é conhecido por dar ordens, mas suas solicitações eram assim entendidas pelos fiéis. Sendo assim, é uma expressão muito utilizada.

<sup>17</sup> A cidade a qual ele se refere é Jardim-CE, localizada a cerca de 48 km de Juazeiro do Norte

<sup>18</sup> Wanderlucio Pereira, 2024 (FONTE ORAL) Entrevista realizada em 24/01/2024

A fala do secretário demonstra bem a influência que o padre tinha em relação a seus fiéis e a visão em desenvolver a cidade a partir de atividades desenvolvidas por pessoas dá e para a cidade.

Além de expressar a sua assertividade em direcionar determinada atividade a uma pessoa, pois para além da importância comercial dos artigos serem produzidos na cidade e não mais ser necessária sua importação, o artesão foi capaz de desenvolver artigos complexos e vender para outras cidades da região, o que ajudou também no desenvolvimento da cultura local.

A relação entre os conhecimentos e a espiritualidade do padre foi uma faceta de fundamental importância para o desenvolvimento da cidade de Juazeiro do Norte. Em comparação, levantada pelo secretário anteriormente, com o município de Jardim-CE, ambas tendo quase a mesma idade, apresentam níveis de desenvolvimento diferentes. Jardim possui uma população de 27.411 habitantes, segundo dados de 2022; PIB per capita de 10.819,64; 18 estabelecimentos de saúde do SUS em 2009; território municipal de 544,980 km<sup>2</sup>; tendo sido fundada em 1916 (108 anos) (IBGE, 2022). Enquanto Juazeiro possui uma população de 286.120 habitantes; PIB per capita de 18.381,08 (2021); 94 estabelecimentos de saúde SUS (2009); um território municipal de 258,788 km<sup>2</sup> e emancipação em 1911 (113 anos) (IBGE, 2022). Aqui levando em consideração apenas alguns indicadores numéricos.

Em relação ao que não é quantificável, como festividades, cultura, lazer, entre outros, a cidade de Juazeiro também se destaca em relação às demais cidades do Cariri cearense. Não vamos aqui dizer que todo esse “desenvolvimento” se deu única e exclusivamente em virtude das práticas adotadas pelo padre, mas é sabido que, grande parte, vem delas. Sendo aperfeiçoadas durante os anos que se seguiram a seu falecimento. A sua influência perdura até hoje e nada indica que vá se findar em um tempo curto. Em relação a isso também é colocado pelo secretário Pereira (2024):

...só para contextualizar, a figura inicial do padre Cícero, enquanto visionário, empreendedor, enquanto homocípio dessa cidade, não necessariamente religioso. Que na época a religião ela tinha ainda um poder maior sobre as influências, que a religião dissesse, que o padre dissesse. Ele usou muito isso em pegar o seu poder enquanto líder religioso, enquanto líder religioso, e transformar isso em desenvolvimento, no comércio, no artesanato, na cultura, ele foi um grande influenciador disso. Então, para a sua época, é preciso reconhecer sempre o grande visionário que foi o líder padre Cícero.<sup>19</sup>

---

<sup>19</sup> Wanderlucio Pereira, 2024 (FONTE ORAL) Entrevista realizada em 24/01/2024

A figura de padre Cícero, como líder religioso e visionário, demonstra bem a análise de Darcy Ribeiro (2006) sobre a formação do povo brasileiro, quando destaca a importância das "figuras intermediárias" na construção da sociedade. Ribeiro afirma que essas lideranças, muitas vezes regionais, buscaram integrar diferentes segmentos sociais por meio de práticas econômicas e culturais, criando uma nova ordem social.

No caso de padre Cícero, a sua habilidade em usar a força da religiosidade para promover o desenvolvimento econômico local, como no caso da fabricação dos candeeiros e agricultura, exemplifica esse papel de liderança que não se limita ao campo religioso, mas busca transformar a realidade socioeconômica de sua comunidade, um fenômeno comum na história do Brasil, como explica Ribeiro.

Nesse mesmo sentido, conforme os entrevistados<sup>20</sup>, parte importante da formação socioespacial da cidade é a história do fiel que procurou o padre, pois passava por um momento muito difícil financeiramente, afirmando, inclusive, que pensava em buscar condições melhores em outros locais. Nesse momento o padre lhe "ordenou" que aprendesse a fabricar candeeiros, mesmo questionando e sem entender como isso o ajudaria, ele cumpriu as ordens do padre, que passou a pedir, em suas missas, que seus fiéis comprassem os candeeiros, pois seriam realizadas missas e procissões, e para isso eram necessários esses artigos como iluminadores da caminhada. Essas missas e procissões foram aumentando a cada ano, atraindo cada vez mais pessoas de diversos estados, tornando-se posteriormente a Romaria das Candeias:

(...), mas você sabe que, por exemplo, as romarias foram nascendo inclusive depois dele. Praticamente foi nascendo, criando e aumentando. Você vê a história de pessoas ali, 50 anos atrás. As romarias crescem a cada ano. Mas ele começou lá atrás. Por exemplo, a ideia da romaria de candeias, o Renato pode falar com mais propriedade disso. Ele fez por conta de um artesão. Porque a pessoa estava sem ter aqui. Ele disse "vá fazer candieiro". "Mas, padre Cicero, candieiro?", "faça candieiro". Ele, o padre Cicero teve a ideia, disse "eu vou colocar as pessoas para comprar o candieiro dele, para dar o lucro a ele. Para ele sustentar a família dele". Mas, ele tem o viés da religião. Dizer, eu vou orientar as pessoas, fazer uma procissão com os candieiros. Mas, a finalidade das pessoas "vão orar, vão se reunir, vão adorar a Deus". Mas, a finalidade era vender os candieiros.<sup>21</sup>

<sup>20</sup> Wanderlucio Pereira, 2024 (FONTE ORAL) Entrevista realizada em 24/01/2024

<sup>20</sup> Wanderlucio Pereira, 2024 (FONTE ORAL) Entrevista realizada em 24/01/2024

<sup>21</sup> Wanderlucio Pereira, 2024 (FONTE ORAL) Entrevista realizada em 24/01/2024

A Romaria de Candeias, conhecida também como Procissão das Luzes, devido à utilização dos candeeiros, dá-se no último dia da semana de festividades à Nossa Senhora das Candeias, entre os dias 29 de janeiro e 02 de fevereiro, marcando o fim das comemorações que acontecem na Basílica Santuário de Nossa Senhora das Dores, na Igreja de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e, no Horto de Padre Cícero onde são realizados confissões e missas. Sendo a única romaria criada pelo padre em vida e, atualmente, uma das maiores do país. Segundo o secretário Renato Silva as festividades de 2024 têm expectativa de atrair cerca de 300.000 (trezentas mil) pessoas à cidade. Mais que a população atual. Então coloca:

(...) Com esse pensamento já dá pandemia, eles vêm se dividindo. A gente acredita que desde o dia 20, teve o ciclo de reis que terminou dia 26, que é uma romaria muito grande também, que vem em São Sebastião, eles procuram essas datas de significado religioso para vir a cidade de Juazeiro, mesmo que aquele santo de devoção não seja da cidade, mas eles procuram nessas datas que têm esse simbolismo religioso, em reis, São Sebastião, e no dia 20, que todo dia 20 acontece a missa do Padre Cícero na capela do Socorro. A gente acredita que do dia 20 até o dia 2, cerca de 300 mil pessoas no mês passam em uma cidade de Juazeiro.<sup>22</sup>

Vale ressaltar que a importância das romarias para a cidade é tão grande que foi criada, no poder público municipal, uma pasta de romarias incorporada à de turismo e comandada por Renato Wilamis Silva, sendo assim, a Secretária de Turismo e Romarias. O que demonstra a forte articulação entre política e religiosidade na (re)produção do espaço, ilustrada na fala do secretário de cultura, ao afirmar que é o único caso de seu conhecimento “aqui em Juazeiro, pelo tamanho da cidade e pela especificidade das romarias. Acho que o Renato tem essa informação mais precisa, mas eu desconheço qualquer uma outra cidade que tenha uma secretaria de Romarias”.<sup>23</sup>

Como expressei anteriormente, as romarias, principalmente a de candeias, são responsáveis por mais que dobrar a população da cidade num curto período de tempo, além dos romeiros que visitam a cidade no decorrer do ano, em períodos que não são de festividades. Assim, podemos seguramente afirmar que o maior contingente turístico da cidade advém do turismo religioso. Essa romaria é um dos principais elementos que destacam a importância e a influência do padre na (re)produção do espaço urbano.

<sup>22</sup> Renato Wilamis Silva, 2024 (FONTE ORAL) Entrevista realizada em 24/01/2024

<sup>23</sup> Wanderlucio Pereira, 2024 (FONTE ORAL) Entrevista realizada em 24/01/2024

Elas também implicam alguma destreza à administração pública municipal, pois como afirmam os secretários, mesmo recebendo do Governo Federal um montante igual aos meses anteriores e com um número tão elevado de visitantes, a cidade precisa encontrar maneiras de acolher esses turistas da melhor forma possível:

Nós temos notado, eu sei que isso é uma luta que nós nunca vamos alcançar, que é exatamente as cidades que são turísticas, delas receberem um repasse maior, desde o FPM, enfim, dos repasses para a saúde, para que a gente tivesse essa possibilidade de assistir essas pessoas que, nesse tempo em que estão aqui, estão deixando de ser assistidas nas suas cidades, tanto com consulta médica, como com tudo, que você precisa enquanto cidadão. E que, aí, assim, eles a forma que eles trazem o desenvolvimento também, que compra, que o comércio, tal, também vai, mas diretamente o município tem um desperdício muito maior que qualquer outra cidade que não recebe pessoas.<sup>24</sup>

Como tentativa de amenizar essa carga sobre o poder público de gerir a cidade para mais que o dobro da sua população atual, com a mesma verba, o secretário de turismo e romarias aponta uma saída implementada por outras cidades turísticas brasileiras, mas que seria muito difícil de ser colocada em prática em Juazeiro, devido ao perfil dos romeiros e trabalhadores que visitam a cidade. Sobre isso, ele aponta:

E essa é, mesmo pelo próprio perfil, né, da romaria propriamente dita, que as pessoas dividem-se com o meio do turista, a romaria, do turismo religioso. Muitas das cidades, a grande maioria das cidades turísticas, ela cobra do turista, e quem vai se hospedar no hotel, existe uma taxa que é pago, uma taxa de turismo que é pago lá. Quando você faz a reserva do hotel, nessa reserva já o hotel, o espaço já cobram daquele cliente uma taxa, referente a uma taxa de turismo que é passada pro governo municipal. A gente, às vezes, tem até esse desafio, porque as pessoas tentam, se a gente for implantar esse tipo de política, “vai cobrar do romeiro? Em Juazeiro? você vai cobrar pra um romeiro entrar no Juazeiro”. Mas quando você vai, eu mesmo fui pra Arraial do Cabo, faz um ano, e antes de entrar na cidade você já tem que pagar. Você paga uma taxa. É administrado pela marinha, você paga a marinha, é uma taxa de R\$25,00 por cada do turista, só entra lá na cidade se pagar, e se a hospedagem tem um local lá, a gente também paga mais uma taxa da hospedagem, em cima do valor já da diária do hotel.<sup>25</sup>

Essa não é uma dificuldade apenas da Secretaria de Turismo e Romarias, assim como relata o secretário Vandinho Pereira, praticamente todas as secretarias têm que ser envolvidas na organização para que a cidade seja capaz de abarcar esse contingente de pessoas. Desde a secretaria municipal de saúde, com reforços para atendê-los; passando pela de segurança pública, devido, principalmente, aos pequenos furtos realizados nesse período, tanto por moradores de Juazeiro do Norte,

<sup>24</sup> Wanderlucio Pereira, 2024 (FONTE ORAL) Entrevista realizada em 24/01/2024

<sup>25</sup> Renato Silva, 2024 (FONTE ORAL) Entrevista realizada em 24/01/2024

como de pessoas de outros locais que vêm à cidade apenas para cometer esses crimes; a secretaria de meio ambiente, responsável tanto pela limpeza da cidade antes, durante e após a semana de festividades, como pela concessão de alvarás de funcionamento aos camelôs. “Durante as romarias, a gente tem todo um grupo de trabalho, das mais diversas secretarias que fazem esse atendimento”.<sup>26</sup> Passando pela secretaria de cultura, incumbida de proporcionar e organizar as atividades culturais realizadas tanto por grupos locais quanto de outras localidades, que veem nessas festividades um ótimo momento para demonstrar a sua arte. E a secretaria de turismo e romarias, que trabalha para recepcionar da melhor forma possível os romeiros. Sobre isso o secretário de cultura explica:

(...) como o Renato disse, é um envolvimento praticamente de todas as secretarias durante as romarias. O turismo, que abarca a maior parte do cuidado com as pessoas no receptivo e tudo mais; mas a SECULT manda as suas ações de cultura; a SEMASP, que é a Meio Ambiente, manda as suas autorizações, as limpezas dos espaços públicos. Aí vem a Segurança Pública, que envolve toda a parte da segurança; o DEMUTRAN, que está envolvido também. A Secretaria de Saúde, que monta vários postos de atendimento dentro das romarias. Você vai ver a tenda da saúde lá atendendo, recebendo com ambulâncias. Enfim, se você olhar para cada secretaria, cada uma tem... A Secretaria do Desenvolvimento cuida dessa parte das capacitações de qualificar as pousadas, as pessoas que estão no receptivo. O Memorial Padre Cícero se abre pra receber. Então, assim, todo mundo se envolve, não tem como ficar praticamente ninguém fora disso. Todos nós nos envolvendo diretamente.<sup>27</sup>

A romaria de candeias, representada nas imagens 5 e 6, como maior fenômeno de atração de pessoas a Juazeiro do Norte num período específico, traz à cidade indivíduos de diversas localidades, não apenas de estados da região nordeste, mas de outros estados do país, como observado por essa autora em trabalho de campo<sup>28</sup> a partir de placas e letreiros de ônibus presentes nos locais de estadia e visita dos romeiros. Alguns traziam nomes de cidades do estado do Paraná e Pará, bem como das cidades nordestinas de Porto Seguro-BA, Natal-RN, Campina Grande-PB e Arapiraca AL. Outros como Pernambuco e Alagoas são estados de alguns romeiros entrevistados.

---

<sup>26</sup> Fala destacada na entrevista com Edicleide, em 03/02/2024

<sup>27</sup> Wanderlucio Pereira, 2024 (FONTE ORAL) Entrevista realizada em 24/01/2024

<sup>28</sup> Trabalho de campo realizado em 02/02/2024

Imagem 5: Romaria de Nossa Senhora das Candeias, também conhecida como Procissão das Luzes, percorrendo ruas de Juazeiro do Norte



Fonte: reprodução rede social. 2025. Disponível em:  
<https://www.instagram.com/reel/DFq4dVePMPW/?igsh=dThlaGtvYXBkNXNI>

Imagem 6: encerramento da Romaria de Candeias na Basílica e santuário Nossa Senhora das Dores



Fonte: reprodução rede social. 2025. Disponível em:  
<https://www.instagram.com/reel/DFq4dVePMPW/?igsh=dThlaGtvYXBkNXNI>

Essas pessoas, para além do que a cidade precisa fazer para recebê-las da melhor forma possível, como citado anteriormente, desempenham um papel fundamental na produção do (re)espaço da cidade, devido à grande contribuição econômica que trazem à cidade, pois cada um necessita de hospedagem, alimentação, transporte, lazer e etc. para os dias que ficam de estadia. Sendo essas, para as atividades que não são desempenhadas pelo poder público, entra em cena o comércio local, para atender às demandas.

Durante realização do trabalho de campo, foi possível perceber a grande quantidade de pousadas e comércios de artigos religiosos, principalmente nas ruas adjacentes à Basílica e Santuário de Nossa Senhora das Dores. Eles situam-se estrategicamente nesse local, visto que é o principal local de realização das festividades. Sendo assim, torna-se mais cômodo para estadia e para a compra de artefatos religiosos, utilizados principalmente como presentes.

As épocas de romarias são vitais para as pessoas que desempenham e vivem desse tipo de comércio, como o caso de João Pedro dos Santos Costa, proprietário da Pousada Juazeiro, situada quase em frente à basílica, que afirmou ser complicado sustentar a pousada apenas com os hóspedes em dias esporádicos do ano, por conta da quantidade de pousadas próximas e que apenas consegue manter-se devido à renda obtida durante as romarias. Isso acontece também em outras pousadas, em que algumas pessoas relataram que aumentam o preço da estadia durante esse período em relação aos outros dias do ano.

Além dos hotéis e pousadas oficiais, que são registrados e funcionam de acordo com a Lei e normas da cidade, surgem e até mesmo desencadeiam problemas ao poder público os chamados “ranchos”, que são as casas de pessoas que passam a servir de hospedaria, como trata o secretário Renato Silva:

Inclusive, o maior problema é com questão dos ranchos, essas casas, essas residências que se tornam um hotel. Mas aí o que acontece, na maioria dos casos é o dono da residência ele fecha com o fretante, né? O fretante, muitas vezes, é o dono do ônibus que faz aquela excursão, aquela romaria e traz as pessoas. O fretante ele é a agência, ele é a agência de turismo do romeiro. Aí o que acontece é que muitas vezes a gente recebe relatos que a pessoa locou a casa, aí quando loca você já dá alguma garantia, pagou essa garantia tudo, mas quando chegou na cidade já haviam outras pessoas naquela residência porque o cara lá, o proprietário, encontrou quem pagasse mais caro, aí recebeu o pagamento e colocou as pessoas e quando eles



chegaram o proprietário devolveu o dinheiro dele e ele ficou no transtorno, muitas vezes, não encontra mais local pra ficar e tem que voltar pra cidade.<sup>29</sup>

Os problemas se dão pelo fato de ser difícil, quase impossível “rastrear” esses “ranchos”, para fazer com que se tornem formais, arquem com alguns transtornos que causem aos romeiros ou sejam desfeitos. Ainda para Silva (2024):

Essas pessoas já procuraram e é tanto que agora a gente tem o trabalho de juntar, principalmente, as universidades, os cursos de direito pra tentar de alguma forma intermediar essa questão dessa relação, com relação do consumo. Transformar uma coisa mais formal, mas que nós temos uma dificuldade, a gente só consegue chegar no problema, quando já está o problema, porque é difícil identificar a casa que vai ser o rancho. E a casa que é o rancho nessa romaria, muitas vezes, não é na próxima, porque tem uma romaria que os romeiros se concentram em outros bairros, que nem a romaria de novembro, ele vem mais para o Franciscanos, o santuário de São Francisco, aí as casas ao redor tudo se transforma em rancho. Já nessa romaria de candeias não são rancho por que o romeiro se concentra mais lá na matriz, na basílica então tem toda essa questão.<sup>30</sup>

Mesmo com as hospedarias formais e as informais, como ressaltado na fala da romeira Edicleide, que veio de Gravatá- PE, para participar da romaria ainda é, por vezes, difícil encontrar vaga para se hospedar. “Isso, isso. Gosto muito. Mas a pousada, sempre eu fico... aonde tem vaga. Às vezes é” (difícil de encontrar vagas nas pousadas)<sup>31</sup>. O que pode ser justificado nas falas de Renato Silva e Wanderlucio Pereira “A questão de pousadas e hotéis, eles sozinhos não atendem. Muitas vezes até na própria pousada, a pousada que um quarto é pra três pessoas, eles transformam, na romaria, para cinco ou seis.”<sup>32</sup>.

Há uma superlotação. Não tenha dúvida disso. Os hotéis, por exemplo, às vezes a gente precisa do hotel para receber alguém, no período de romaria, você não encontra. E as pessoas estão desde as pousadas a o hotel mais chique que está aqui, na Lagoa Seca, o lu-á. Pode ir lá no tempo de romaria que tem romeiros hospedados lá.<sup>33</sup>

Os fatos supracitados também influenciam na época do ano em que alguns romeiros visitam a cidade. Como ela recebe romeiros o ano inteiro, mas em menor número nas épocas que não é de festividades, alguns fazem essa escolha devido aos

---

<sup>29</sup> Proprietário da Pousada Juazeiro, em 02/02/2024

<sup>30</sup> Renato Silva, 2024 (FONTE ORAL) Entrevista realizada em 24/01/2024

<sup>31</sup> Fala destacada na entrevista com Edicleide, em 03/02/2024

<sup>32</sup> Renato Silva, 2024 (FONTE ORAL) Entrevista realizada em 24/01/2024

<sup>33</sup> Wanderlucio Pereira, 2024 (FONTE ORAL) Entrevista realizada em 24/01/2024

preços mais baixos de hospedagem e alimentação. Como também indicado por João Costa.<sup>34</sup>

Além das questões de estadia, ao entrevistar os romeiros Vitoria Nogueira e Rita de Cassia de Maceió- AL, Antônio Osmar de Souza de Serra Talhada-PE e Edicleide de Gravatá-PE, também foram abordadas outras questões como as dinâmicas econômicas. Quando perguntados se consumiam o comércio da cidade, todos afirmaram que sim, principalmente em se tratando de artigos religiosos para presente. Essa é uma característica, como trata Rosendahl, das cidades que compreendem uma grande e importante religiosidade. O que corrobora a afirmação feita anteriormente de os comércios de artigos religiosos estarem estrategicamente localizados próximos aos principais locais de celebrações:

O consumo do sagrado é uma característica singular nas cidades-santuários e independe da localização do espaço sagrado, podendo ocorrer no Santuário de Fátima, em Portugal, no espaço sagrado de Lourdes, na França, no Vaticano, na Itália, ou mesmo nos espaços sagrados brasileiros de Canindé, no Ceará, Muquém, em Goiás, e Santa Cruz dos Milagres, no Piauí, e outros. Apesar das diferenças sociais e culturais que esses centros possuem, o comércio do sagrado é realizado com os artigos religiosos da mesma natureza, sendo o sagrado comercializado de forma integrada com o sistema religioso católico universal.” (Rosendahl, 1999, p.140)

Outra afirmação importante feita pelos romeiros entrevistados é a de que eles apenas vão à cidade nos períodos de romarias. Sendo assim, se diferem de cidades que são turísticas, por exemplo, em virtude da natureza, que por assim ser, podem receber grande número de turistas o ano inteiro.

Essas pessoas, com suas demandas, transformam drasticamente a cidade, impactando até mesmo na vida cotidiana de seus moradores, como apontou o ex-secretário de cultura, Pereira (2024), ao afirmar que durante as festividades de Nossa Senhora das Candeias, os moradores da cidade reduzem sua mobilidade, dando espaço aos romeiros, e que isso não é em virtude de pedido dos agentes do poder público, mas sim, algo quase cultural da população. Não se sabe se em solidariedade aos visitantes, medo ou outros motivos. Essas práticas espaciais são próprias da (re)produção do espaço de Juazeiro. A espacialidade das relações sociais se expressa nas romarias, na mobilidade e mudança do cotidiano:

---

<sup>34</sup> Proprietário da Pousada Juazeiro, em 02/02/2024

O juazeirense ele se retrai, ele não sai muito as compras nesse período, por que ele sabe que vai estar tudo lotado no centro. Ele evita isso, ele evita descer pra lá. Então, assim “vai ter mais gente de fora do que nós”. Isso é algo que aconteceu natural, ninguém pediu para não ir. A pessoa sabe, descer nesse tempo é muito ruim. Você fica em casa, você não vai... Então normalmente o Juazeirense se retrai pra deixar as pessoas ficarem nos espaços<sup>35</sup>.

Sendo assim, e apesar de tudo, a cidade se torna palco de uma belíssima expressão de fé cujos fiéis e curiosos, vindos de diversas partes do país, tomam as ruas e estabelecimentos da cidade, em expressão da devoção e gratidão àqueles que são, para eles, o motivo de economizar dinheiro, fazer grandes deslocamentos, pedir dispensa do trabalho, etc. e receber “apenas” conforto espiritual em troca.

Durante a realização do trabalho de campo, no dia em que foi realizada a procissão de candeias, finalizada na Basílica e Santuário de Nossa Senhora das Dores, foi possível observar a imensa devoção das pessoas ali presentes, o que resultou em uma grande emoção para a pesquisadora que estava presente apenas para observar com olhar científico, a “visão de sobrevôo” destacada por Souza:

Mesmo uma “Geografia Cultural” e uma “Geografia Humanística”, se se ocuparem mais com os produtos culturais (com a “cultura material”) que com as interações entre os atores, e se “psicologizarem” e “culturalizarem” a “percepção espacial”, negligenciando, na construção do objeto, as práticas políticas dos atores (ou, antes, a dimensão política de suas práticas), estarão avançando pouco na direção de romper com a “visão de sobrevôo” que decorre da “alienação da Terra” (Souza, 2007, p.110).

Essa “visão de sobrevôo” foi rapidamente superada em decorrência da inconsciente mudança de olhar em relação à celebração, que passou de meramente um fenômeno espacial, para as expressões das pessoas ali presentes. A vivência no campo permitiu compreender que a fé e a religiosidade, mais do que expressões simbólicas, envolvem práticas políticas concretas. A partir da observação dos romeiros, da igreja e do poder público, foi possível apreender a dimensão política das representações do espaço, como destacado por Souza ao criticar abordagens que ignoram “as práticas políticas dos atores”. Os romeiros, com suas práticas espaciais, não apenas vivenciam, mas também (re)produzem o espaço, articulando o concebido (pelas instituições), o percebido (no cotidiano) e o vivido (na experiência da fé).

Alguns rezavam de cabeça baixa e olhos fechados por longos períodos, diversos animavam a noite cantando a plenos pulmões e balançando os seus chapéus; outros choravam, tomados de emoção, com a mão ao peito; vários

---

<sup>35</sup> Wanderlucio Pereira, 2024 (FONTE ORAL) Entrevista realizada em 24/01/2024

registravam o momento em forma de fotos e vídeos. Dentre várias outras externalizações dos sentimentos que os tomavam.

Ao meu lado, uma senhora de aproximadamente pouco mais de 60 anos, residente da cidade, após um longo período rezando segurando uma vela, me contou que aquela é sua época preferida do ano, que em proximamente 20 anos nunca perdeu uma noite da procissão e que o que sentia naquele momento era gratidão pelas graças alcançadas em virtude da fé no padre, além da felicidade por poder estar presente, mais uma vez, naquele momento de adoração. Disse também que, enquanto estiver viva e tiver forças, irá se fazer presente.

As práticas espaciais religiosas presentes na realidade socioespacial de Juazeiro do Norte (re)produz o espaço da cidade numa forte articulação entre o simbólico – a fé e o material – e os templos. Assim como das inter-relações das dinâmicas econômicas entre o sagrado e profano, como aponta Rosendahl (1997), e cultural e político.

As manifestações de fé mencionadas anteriormente ocorrem em diversas partes do espaço urbano, sendo que a maioria delas se concentra em locais simbólicos, sejam eles considerados sagrados ou profanos, espalhados por toda a cidade. Esses espaços assumem significados particulares para cada um dos praticantes.

É sobre esses símbolos que se trata o próximo capítulo, intitulado “*Símbolos do Sagrado e do Profano*”. A abordagem parte, principalmente, da perspectiva de Rosendahl, que propõe que o sagrado ocupa o centro das práticas e o profano constitui o entorno. A seguir, essa análise será aprofundada demonstrando como esses espaços se configuram em cenários significativos para as celebrações religiosas na cidade.

#### **4 OS SIMBOLOS DO SAGRADO E DO PROFANO**

Para a religiosidade, os símbolos são muito importantes, pois são as partes tangíveis daquilo que é cultuado. Este capítulo aborda a maneira como o espaço urbano se utiliza dos símbolos, para representar o sagrado e o profano. A intenção é mostrar como estes ajudam a entender o que é considerado divino e aquilo que faz parte da vida comum e cotidiana. Ao estudar esses elementos, podemos entender

melhor como os sujeitos se organizam e como expressam suas crenças, rituais e valores.

Para o estudo do simbolismo religioso, a professora Zeny Rosendahl expõe dois tipos: os presentes nos locais *sagrados* e nos locais *profanos*. O primeiro representa o espaço central, que permite o contato com as entidades as quais se buscam. É o local de culto, de encontro da fé: as igrejas, mesquitas, sinagogas, entre outras. Já o segundo, representa o entorno do primeiro. São os locais onde estão os elementos - objetos e coisas - necessários para a realização da prática religiosa. É também onde são realizadas festas, quermesses, feiras, entre outras vinculadas ao espaço sagrado:

(...) Enfim, define-se o espaço sagrado como um campo de forças e de valores que eleva o homem religioso acima de si mesmo, que o transporta para um meio distinto daquele no qual transcorre sua existência. É por meio dos símbolos, dos mitos e dos ritos que o sagrado exerce sua função de mediação entre o homem e a divindade. E é o espaço sagrado, enquanto expressão do sagrado, que possibilita ao homem entrar em contato com a realidade transcendente chamada “deuses” nas religiões politeístas e “Deus” nas monoteístas. A experiência do espaço sagrado se opõe à experiência do espaço profano. Em relação a este aplicam-se as interdições aos objetos e coisas que estão vinculadas ao sagrado, numa realidade diferenciada da realidade sagrada. Constitui-se naquele espaço ao “redor” e “em frente” do espaço sagrado (Rosendahl, 1999, p.122).

Os símbolos são partes integrantes fundamentais nas cidades, sendo eles representativos de quaisquer temáticas, desde fatos históricos, marcos espaciais, religiosos, entre outros. A sua importância se dá, tendo em vista que são as representações físicas das ideologias ali presentes, como defende Santos (2006), ao colocar que quando a essência se torna existência, vem à tona os símbolos. Símbolos esses que podem se apresentar de diversas formas, não necessariamente atendendo a um padrão ou a uma estrutura:

Quando, num lugar, a essência se transforma em existência, o todo em partes e, assim, a totalidade se dá de forma específica, nesse lugar a história real chega também aos símbolos. Desse modo, há objetos que já nascem como ideologia e como realidade ao mesmo tempo. É assim que eles se dão como indivíduos e que eles participam da realidade social (Santos, 2006, p. 82).

Para o autor, a transformação da essência em existência de um lugar demonstra a conexão entre os símbolos e a realidade. Objetos que nascem carregados de ideologia não são apenas utilitários, eles se ligam à vida cotidiana, refletindo narrativas e significados que moldam a cultura e as relações humanas. Em

contextos como o das peregrinações, itens como cruzes, ícones religiosos e locais simbólicos perpassam sua função material, tornando-se expressões de fé e identidade.

Conforme observamos no capítulo 1, os templos e as igrejas são expressões centrais na representação do espaço. Os espaços do sagrado, na conceituação de Rosendahl (1999), são fundamentais para manutenção das relações de poder, na (re)produção do espaço enquanto práticas políticas.

E mesmo atendendo a uma mesma ideologia, podem ser representados de formas diferentes. Como aponta Rosendahl:

A definição de um lugar sagrado reflete a percepção do grupo envolvido. Como o simbolismo das formas espaciais varia de grupo para grupo, dificilmente se pode generalizar sobre os princípios da paisagem religiosa, apesar dos geógrafos possuírem agora um viés explicativo muito mais amplo que no passado (Rosendahl, 1999, p. 126).

A cidade de Juazeiro do Norte afirma-se, em grande parte, nos símbolos do sagrado e do profano espalhados por seu espaço urbano. Alguns dos principais símbolos estão relacionados com ao padre Cícero. Como a Capela de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, conhecida como Capela do Socorro, retratada na imagem 7. Essa capela é um dos símbolos mais importantes do catolicismo da cidade. A respeito dela, Costa (2010), destaca que essa relevância se dá, principalmente, por ser um espaço estritamente ligado à figura de padre Cícero, o que demonstra sua importância para a cidade, já que até hoje recebe grande quantidade de visitantes diariamente. Vale ressaltar que ao lado da capela se encontra um cemitério e, quase à frente, um centro de velórios.

Localizado no mais antigo cemitério da cidade, o túmulo onde está sepultado o Padre Cícero é o ponto do roteiro devocional mais visitado. Segundo Carvalho, “é um espaço sagrado por excelência; importante que ele seja mantido em uma singeleza de adro e mausoléu, sobre cuja lápide de mármore os devotos colocam seus objetos para serem abençoados” (Costa, 2010, p. 47).

A capela do socorro, ainda de acordo com Costa, representa também uma dualidade dentro do roteiro de visitas da cidade, podendo ser um local mórbido para aqueles que a visita é direcionada aos locais simbólicos da cidade, diferente daqueles que buscam a vivência do sagrado e de expressão da sua fé, “(...) para o romeiro, está eivada de significados, indicando uma construção utópica que é vivida com imenso fervor”. (Costa, 2010, p. 47).

Como destacado anteriormente, a capela está estritamente ligada ao padre Cícero, por ser o local onde, segundo o site da capela, está sepultado seu corpo:

Para nós, a Capela do Socorro e seu cemitério tem uma grande significação porque ali, a partir de 21.07.1934, esse espaço sagrado tornou-se o mais importante recanto de nossa memória, como a última morada dos restos mortais do Patriarca dessa imensa nação romeira.<sup>36</sup>

Até hoje a capela recebe um número grande de visitantes, tanto da cidade quanto de romeiros que vêm tanto para participar das missas como para conhecer o local, devido ao simbolismo mencionado. Além disso, é nela que tem início a procissão das candeias, importante momento dentro do calendário religioso da cidade.

No momento de registro das imagens, inclusive, encontrava-se em curso uma missa, por volta das 16 horas de uma segunda-feira, na qual a capela se encontrava lotada. Foi possível perceber a agitação dos fiéis expressando de diversas formas os sentimentos que os tomavam. Durante a celebração, uma moça adentrou a igreja de joelhos dando a entender que estava pagando uma promessa<sup>37</sup>. Chamou-me a atenção o fato dos outros(as) sujeitos que lá estavam não ficarem surpresos com a externalização, tornando evidente que é uma prática recorrente.

---

<sup>36</sup> Disponível em: <https://maedasdorejsuazeiro.com/postagens/capela-do-socorro>

<sup>37</sup> Essa é uma forma comum que os devotos utilizam para pagar promessas após as graças que pediram terem sido concedidas

Imagem 7: mosaico composto pela Capela de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro (capela do socorro), ao lado o cemitério, com comércios de artigos religiosos, estrategicamente posicionados em seu entorno, além de um pátio para realização de eventos, onde também são



Fonte: autora, 2024.

A capela apresenta-se como um espaço de simbolismo sagrado. Nela ocorrem cerimônias oficiais da fé cristã. Então, é um local em que os fiéis buscam realizar suas atividades espirituais e alcançar uma proximidade maior com Deus.

Ao redor do local há diversas lojas e barracas que vendem artigos religiosos, tanto voltados para presentes e lembranças da cidade quanto para uso pessoal de devoção. Há também um amplo pátio destinado à instalação dessas barracas e à realização de celebrações, feiras e shows. Embora estejam relacionados ao sagrado, esses eventos transformam o espaço em um ambiente também profano, ampliando sua função para além da expressão de fé, tornando-o um local de convivência e socialização.

As imagens 8, 9, 10 e 11 evidenciam como a produção desse espaço está diretamente ligada à figura do padre. Isso se manifesta por meio da comercialização de imagens, predominantemente dele, do carinho demonstrado pelos comerciantes e



pela forma como as pessoas que frequentam o local se socializam, reforçando sua presença simbólica e afetiva.

Imagem 8: loja de artigos religiosos ao lado da capela do socorro. Nela os proprietários parabenizam de forma carinhosa o padre Cícero pelos 180 de seu nascimento.



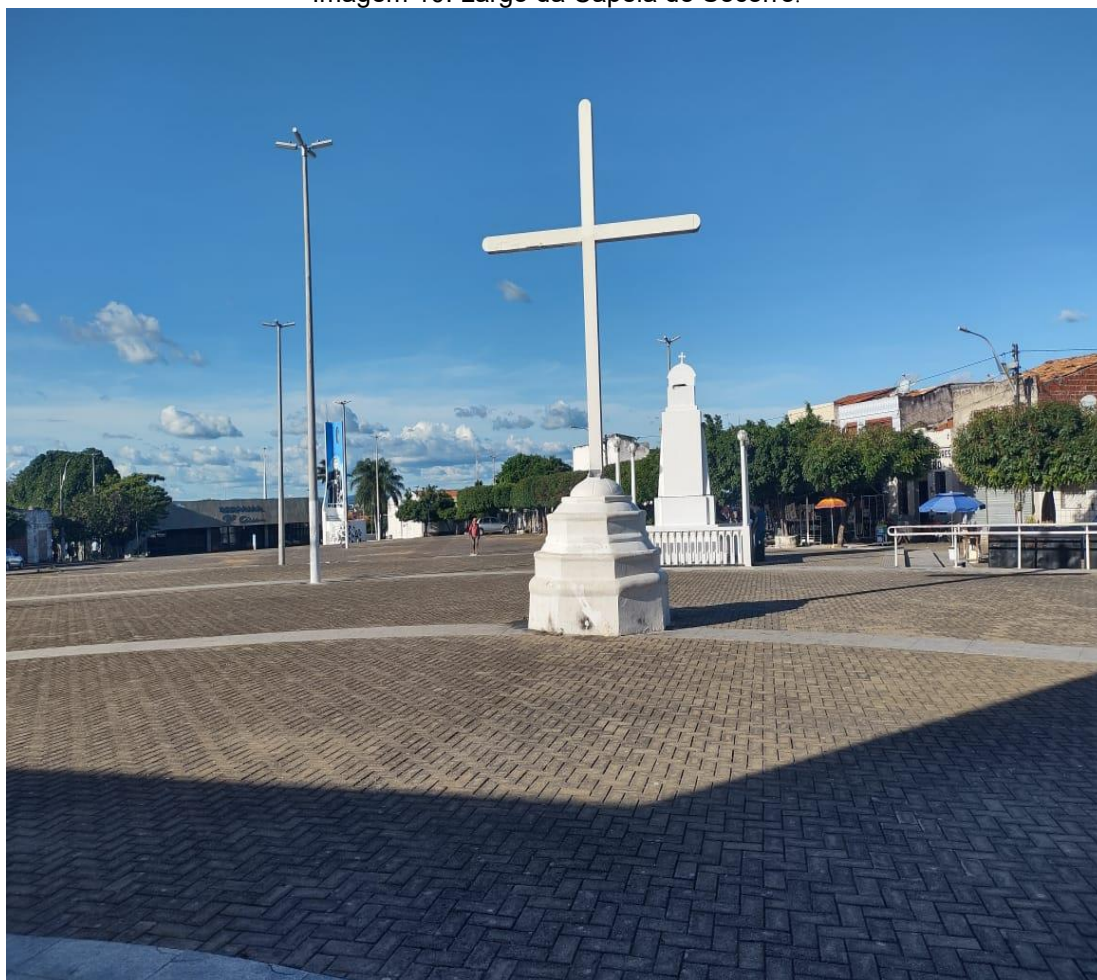
Fonte: autora, 2024.

Imagem 9: loja de artigos religiosos ao lado da capela do socorro



Fonte: autora, 2024.

Imagem 10: Largo da Capela do Socorro.



Fonte: autora, 2024.



Imagem 11: Largo da Capela do Socorro durante celebrações e comemorações



Fonte: reprodução Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/maedasdorejsuazeiro/profilecard/?igsh=aXh2ZnUzcDg3OHV3>. 2024.

Além da capela do socorro, um dos mais importantes símbolos religiosos e históricos da cidade é a Basílica Santuário de Nossa Senhora das Dores, pertencente à diocese do Crato e representada na imagem 12. Essa igreja foi fundada como capela pelo Padre Pedro Ribeiro, fundador do vilarejo que posteriormente deu origem à cidade.

A basílica, devido à importância que tem para os habitantes da cidade e os romeiros que vêm de diversas partes do país, ascendeu à posição de Basílica Menor, título concedido pelo Papa a igrejas católicas que se destacam por sua importância histórica, cultural, litúrgica ou pastoral, mas que não são sedes episcopais (isto é, não são catedrais), em 15 de setembro de 2008, sendo uma das 50 Basílicas Menores do país e a segunda do estado do Ceará. E que, de acordo com Costa:

... é outro espaço sagrado importante para o devoto que vai a Juazeiro. Lá são realizados os principais atos litúrgicos das romarias, como a conhecida benção dos romeiros ou “missa do chapéu”. É considerado um importante

espaço sagrado, pois foi aí que aconteceu o “milagre da hóstia”, fato que deu início às romarias para a cidade. (Costa, 2010, p. 47)

Imagem 12: Basílica Santuário de Nossa Senhora das Dores.



Fonte: autora, 2024.

Nessa igreja são realizadas algumas das principais festividades religiosas da cidade, como o encerramento da procissão de candeias, evento que marca o fim da Romaria de Candeias, que acontece anualmente e atrai para a cidade romeiros de diversos locais do país, como exposto anteriormente.

Essas festividades dão-se tanto dentro, quanto fora da igreja, conforme observado durante o trabalho de campo, que o encerramento da celebração da romaria de candeias aconteceu na calçada da igreja devido ao grande número de fiéis que ocupavam o pátio e as escadarias. Como é perceptível na imagem 13.



Imagem 13: encerramento da Romaria de Candeia



Fonte: reprodução Instagram. Disponível em:  
[https://www.instagram.com/p/C\\_9MLicPGEM/?igsh=NnRneGJhdnZnZWdm](https://www.instagram.com/p/C_9MLicPGEM/?igsh=NnRneGJhdnZnZWdm) 2024

Foi possível perceber, ao longo do dia, como a cidade se organizou para receber a grande quantidade de romeiros e curiosos que vieram prestigiar e observar o momento. Sendo possível reconhecer o que foi citado pelos secretários em relação ao provimento tanto de aparato de segurança, com diversos policiais, guardas e agentes de trânsito; quanto de saúde, com ambulâncias e postos de saúde móveis, e da secretaria de meio ambiente, com garis limpando as ruas. Além da grande quantidade de pousadas, lojas de artigos religiosos, vendedores ambulantes e de diversos outros itens nas ruas adjacentes à igreja, que tornavam até difícil a locomoção de pedestres e quase impossível a de automóveis.

Outro símbolo importante para a (re)produção do espaço da cidade, tendo em vista a grande quantidade de visitantes que recebe todos os anos para visitá-la, é a estátua de padre Cícero, representada na imagem 14.

Imagem 14: estátua de padre Cícero



Fonte: autora, 2024.

Situada no bairro Horto, a construção ocupa um ponto estratégico escolhido pelo próprio sacerdote. Ela foi planejada (concebida) para que o padre ficasse de frente para a cidade, como se a estivesse "guardando", conforme observa-se na imagem 15. Essa ideia de "guardar" está ligada à crença popular de que ele vigia constantemente a cidade a partir de um local elevado e privilegiado, assim, transmitindo aos fiéis uma sensação de proteção e valorização.

Imagem 15: estatua de padre Cícero “guarda” a cidade de Juazeiro do Norte.



Fonte: foto reprodução internet. Disponível em: Horto - Padre Cícero 2024

O monumento foi “inaugurado no dia 1º de novembro de 1969, no alto da Serra do Catolé ou, como é mais conhecida, Colina do Horto, pelo então prefeito Mauro Sampaio” e “conta com 27 metros de altura, se constitui na terceira maior do mundo em concreto e foi esculpida por Armando Lacerda num local que era sempre escolhido pelo sacerdote para os seus retiros espirituais”. (Horto do Padre Cícero).

O tamanho também foi proposital, buscando mostrar imponência, do tamanho da sua importância, e para que a imagem pudesse ser visualizada de qualquer ponto da cidade. E, de fato, até de alguns pontos fora da cidade de Juazeiro do Norte, como do município vizinho, Barbalha, é possível perceber partes da imagem.

A Colina do Horto faz parte do Geoparque Araripe, sendo um de seus nove geossítios e recebendo cerca de dois milhões de visitantes por ano. O que demonstra sua grande importância para a cidade, já que esse grande contingente de pessoas ao visitar o local, consomem os produtos e utilizam as ruas da cidade. Até mesmo em períodos que não compreendem grandes visitas os vendedores ambulantes estão no local com os seus artigos religiosos, além de mercadores fixos do local, posicionados ao redor da estátua.

Com intuito de fomentar o turismo na região e facilitando o acesso à estátua, localizada distante do centro da cidade, foi inaugurado em 28/02/2022 um teleférico que parte da Praça dos Romeiros até o monumento, com capacidade de transportar



2.080 passageiros por hora e sua construção contou com investimento de R\$79,1 milhões (governo do estado do Ceará)<sup>38</sup>. Tal infraestrutura colabora para o acesso mais rápido dos visitantes, em um percurso que anteriormente era percorrido somente por vias terrestres e que muitos romeiros, como expressão de devoção, realizavam e ainda realizam a pé.

Nas imagens 16 e 17 pode-se observar a fachada do teleférico, que também conta com pinturas ilustrando a fé dos fiéis, com destaque para a estátua do padre ao fundo. Já a imagem 17 foca apenas na estátua, a partir da perspectiva de quem está na parte inferior do acesso, na Praça dos Romeiros. No dia da visita, 14/01/2025, o teleférico não pôde ser acessado, pois estava fechado, já que às terças-feiras não são dias de funcionamento.

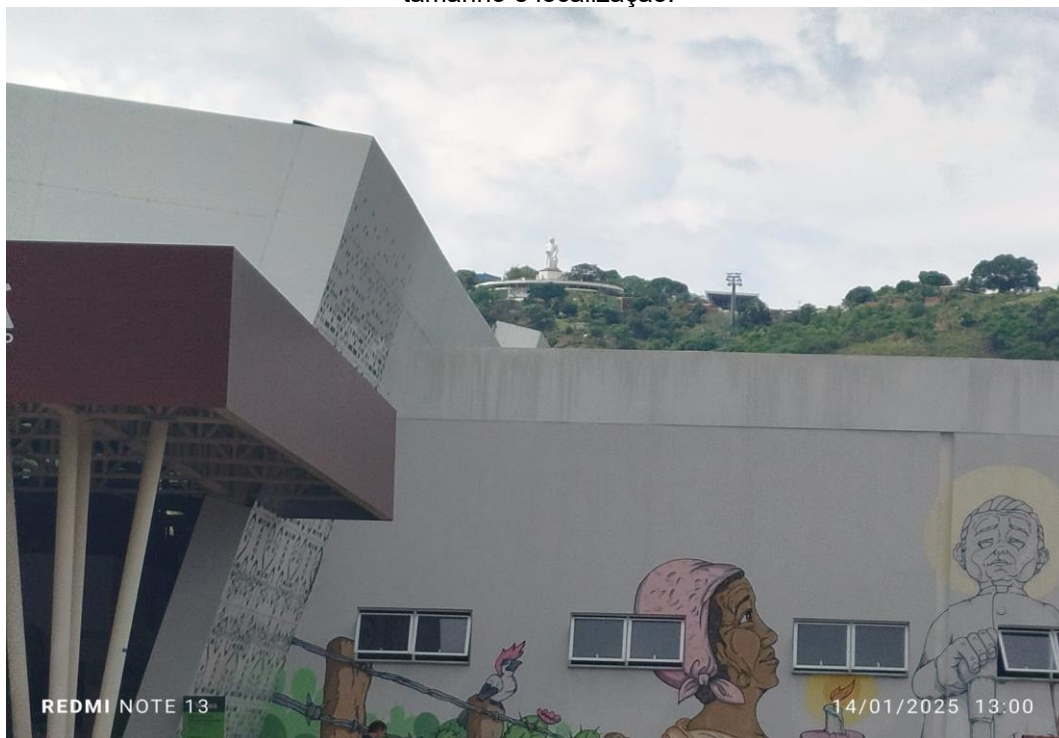
Imagem 16: fachada inferior do Teleférico do Horto, de onde é possível visualizar, ao fundo, a estátua do Padre Cícero na colina do horto.



Fonte: autora 2025.

<sup>38</sup> Disponível em: TELEFÉRICO DO HORTO: INÍCIO DA COBRANÇA É PRECEDIDA DE CADASTRO PARA ASSEGURAR GRATUIDADE AOS MORADORES DO ENTORNO - Secretaria do Meio Ambiente

Imagem 17: monumento de Padre Cícero vista da praça dos romeiros, a visualização é possível não somente pela câmera, mas também a olho nu, devido ao relatado anteriormente a respeito do seu tamanho e localização.



Fonte: autora 2025

Ainda na colina do horto, encontram-se o Casarão de Padre Cícero e a Igreja Bom Jesus do Horto. O primeiro, hoje abriga o Museu Vivo de Padre Cícero e é também o local onde fiéis vão para depositar artigos referentes a pagamento de promessas, após suas graças serem alcançadas. Estes artigos vão desde objetos talhados em madeira de partes do corpo com alguma doença, fotos de pessoas doentes, passando por jalecos, distintivos, fardas, diplomas e demais artigos ligados a conquistas pessoais, educacionais e profissionais, até dinheiro, em espécie, depositados no quarto onde fica uma das estatuas do padre. Como observado na imagem 18.

Imagem 18: em um dos quartos do casarão, uma estátua representa a imagem do Padre Cícero deitado em uma rede, próximo a uma cama e no chão se encontram várias cédulas deixadas pelos visitantes, provavelmente como pagamento de alguma promessa.



Fonte: autora 2024.

Ainda a respeito do museu, o site da prefeitura municipal traz as seguintes informações sobre sua localização, configuração espacial, outros personagens e o intuito de representação.

Inaugurado em dia 1º de novembro de 1999, no velho Casarão do Horto, o Museu Vivo de Padre Cícero retrata e preserva, em personagens em tamanho real, a vida e obra religiosa do padre Cícero Romão Batista. Em homenagem a ele, o Museu Vivo do Padre Cícero abriga, em cinco ambientes, réplicas do patriarca dos nordestinos e pessoas que eram da sua convivência, como Maria de Araújo, José Marrocos, Floro Bartolomeu, Aureliano Pereira. Em salas e quartos, encontra-se a presença de imagens do sacerdote em momentos de descanso, oração e conversas, com as beatas, despachando com José Marrocos em seu gabinete.<sup>39</sup>

Sendo assim, conforme Rosendahl (1999, p.129), “(...) há lugares, contudo, em que a peregrinação teve origem numa hierofania, e o lugar foi então revestido do caráter sagrado, (...)”. O monumento em homenagem ao sacerdote pode ser enquadrado como tal, pois os(as) fiéis em suas constantes peregrinações que incumbiram a ele esse simbolismo, fazendo dele, hoje, um dos locais mais importantes de visita para romeiros e visitantes que buscam conhecer a cidade. Em todas as

<sup>39</sup> Prefeitura de Juazeiro do Norte (online)

entrevistas, quando perguntados quais os locais que pretendiam, ou já haviam visitado, o horto sempre se fazia presente, principalmente em virtude da estátua e do casarão.

Já a Igreja Bom Jesus do Horto, representada na imagem 19, é uma construção idealizada pelo próprio sacerdote, que iniciou sua construção, mas que as autoridades sacerdotais da época, não concordando com a obra, impediram sua finalização. O padre externalizou em testamento sua vontade de que fosse construída uma igreja consagrada ao Bom Jesus na Colina do Horto. “Supplico aos mesmos Padres Salesianos que terminem a construção da Capella do Horto.” Como também retratado a seguir:

Devo dizer para evitar conceitos inverídicos e suspeitos em torno do meu nome que comecei a construí-la para cumprir um voto que eu e os meus falecidos colegas e amigos Padres Manoel Felix de Moura, Francisco Rodrigues Monteiro e Antonio Fernandes Tavora, então vigário do Crato, fizemos. Esse voto fizemos quando apavorados com resultados da secca de mil oitocentos e oitenta e nove (1889) receíamos, aliás, com razão justificada que o ano de mil oitocentos e noventa (1890) fosse também secco, com o povo desta terra ao Santíssimo Coração de Jesus. E como essa obra não pude terminar, muito a contra gosto, é verdade, tão somente para não desobedecer às ordens proibitorias do meu Diocesano, o então Bispo do Ceará, Dão Joaquim Vieira, peço aos Benemeritos Padres Salesianos que concluam esse templo de accordo com a planta que trouxe de Roma e a miniatura em fôlha de flandre que deixo depositada em lugar seguro.<sup>40</sup>

Os Salesianos, ordem que coordena o Horto do Padre Cícero, decidiram, então, dar início à construção da nova igreja, que se localiza também na Colina do Horto, mas em local diferente da primeira.<sup>41</sup>

---

<sup>40</sup> Trecho foi retirado do testamento de Padre Cícero, disponível: história e suas curiosidades: testamento de padre Cícero na íntegra (incluindo termo de abertura). A respeito dos erros de ortografia, o blog explicita que publicou o texto na íntegra, incluindo os erros.

<sup>41</sup> Portal Miséria. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0sVOQkM0E6c>



Imagem 19: Igreja de Bom Jesus do Horto



Fonte: reprodução internet. Disponível em: <https://www.miseria.com.br/ultimas-noticias/cariri/conheca-um-pouco-a-historia-da-igreja-bom-jesus-do-horto/>

Conhecida popularmente como “igreja do fim do mundo”, dito popular, pois quando for finalizada o mundo irá se acabar, em virtude do tempo que tem levado sua construção. A igreja vem sendo construída por meio de doações dos fiéis e, devido à grande quantidade de visitantes que recebe, foi inaugurada, antecipadamente, em fevereiro de 2024, mesmo não estando finalizada.

Conta com missas de segunda a sábado pela manhã e, aos domingos, são realizadas quatro missas ao longo do dia, o que demonstra a grande quantidade de fiéis que visitam o local.

A igreja foi construída em local estratégico, ficando quase a meio do caminho entre a estátua do padre Cícero e o Santo Sepulcro. Servindo até como ponto de descanso para quem se desloca de um local a outro. A igreja chama atenção também pela bela e singular estrutura arquitetônica.

O Santo Sepulcro é uma trilha de 3km santificada pelos romeiros que a percorrem para pagar promessas. “Sacrário a céu aberto, a trilha do Santo Sepulcro é lugar de recorrência para quem se vele do místico em Juazeiro do Norte”<sup>42</sup>. O simbolismo sagrado se deu pois muitos fiéis acreditam ser um dos locais que o padre

<sup>42</sup> [Santo Sepulcro | O POVO \(ONLINE\)](https://especiais.opovo.com.br/santificados/santosepulcro.html). Disponível em: <https://especiais.opovo.com.br/santificados/santosepulcro.html>

Cícero buscava quando precisava de refúgio durante as perseguições que sofria, principalmente pelo bispo da época.

Devotos e turistas percorrem o caminho, que também pertence ao Geoparque Araripe, até chegar à parte final do percurso, onde se dispõem várias rochas de tamanhos diferentes. Durante todo o percurso os visitantes vão deixando fitinhas, fotos e diversos objetos como forma de pagar promessas. Como nos relatos abaixo, prestados por visitantes entrevistados pelo site O Povo, demonstrado nos trechos 1, 2, 3 e 4:

1. Quando nos encontramos no caminho do Santo Sepulcro, uma trilha de três quilômetros entre a estátua de Padre Cícero (no Horto da Colina) e uma floresta de pedras gigantes e Caatinga, Antônio de Jesus agarrava, em uma das mãos, um rosário azul; na outra, um guarda-chuva preto para se proteger do sol de agosto no Cariri. Ali, teriam se refugiados beatos para capir penitências.

2. Encontrei no caminho do Santo Sepulcro, além de Antônio de Jesus, o fotógrafo João Ferreira, 54, a esposa Maria das Dores, 42, e o filho John Robert, 6. Todo dia 20, na data da morte de Padre Cícero (20/7/1934), eles sobem e descem a Colina. "A graça a gente tem todo dia", atravessa João.

3. Dei também com uma família de Araripina, os pernambucanos Sebastião Sousa, 28, Daniela Mendes, 28, Gabriele Mendes, 7 e Emanuel Sousa, 18. Daniele, que vem desde os 7 anos de idade quando aprendeu o caminho das romarias com a avó Isabel, atraiu o namorado (e hoje marido) Tião. Veem pagar promessa.

4. Também cruzei com o destino de Maria Zuleide, 56. Há 12 anos, ela vai buscar o sustento na Colina do Horto e na trilha do Sepulcro. Vende pipoca torrada, água, bombons, terços, rosários, medalhas e fitinhas de um cardápio de santos que povoam Juazeiro. No inverno, não desperdiça chuva e aposta na roça lá embaixo. "Passo aperto, mas não passo fome. É a providência do meu 'padim'. Aqui em Juazeiro é ele", tem crença.<sup>43</sup>

Os relatos trazidos acima ilustram bem a realidade da cidade, todos os dias são encontradas pessoas nos locais tidos como sagrados por eles próprios, e que ao compartilhar a cultura de visitação e peregrinação com as gerações mais novas não deixam que esses locais percam seu simbolismo sagrado. Pedido externalizado pelo Padre Cícero em seu testamento:

Torno extensivo este meu pedido tambem a todos os meus amigos, pessoas de outros Estados e Dioceses, romeiros tambem da Santa Virgem Mãe das Dores, isto é, que continuem a visitar o Joazeiro, em romarias a Santíssima

<sup>43</sup> [Santo Sepulcro | O POVO \(ONLINE\). Disponível em: https://especiais.opovo.com.br/santificados/santosepulcro.html](https://especiais.opovo.com.br/santificados/santosepulcro.html)

Virgem como sempre o fizeram, auxiliando a manutenção de seu culto e das instituições religiosas que aqui fôrem creados<sup>44</sup>

Muitas dessas pessoas fazem da visitação aos locais “sagrados e profanos”, um ritual. Visitando sempre nos mesmos dias do ano, mês ou semana. Fazem isso não apenas como pagamento de promessa, mas como uma forma de manter viva sua devoção pelo padre. Não sendo necessariamente uma obrigação, mas sim, um momento de encontrar paz de espírito e agradecer pelas coisas boas da vida. Como foi possível observar na fala de alguns entrevistados<sup>45</sup>, quando perguntados sobre a motivação que os fazem visitar a cidade, respondem que fazem por gosto e quando não, é por motivo de força maior. Sempre deixando claro o prazer que sentem em visitar e usufruir da cidade.

Os relatos atuais dos romeiros casam perfeitamente com relatos antigos de peregrinos que sonhavam em conhecer os protagonistas dos milagres e a cidade palco deles, como trazido por Pinho:

Na imprensa não faltavam notícias alardeando o crescimento vertiginoso da peregrinação a Juazeiro. O desejo de conhecer de perto a beata do milagre e o santo padre Cícero, torna o fluxo de romeiros tão intenso que um jornal do Rio Grande do Norte cria uma coluna intitulada Romeiros, especialmente para comunicar quem parte e quem chega do povoado. (Pinho, 2019, p. 153)

E continua:

Toda essa movimentação de pessoas em torno dos fatos do Juazeiro irá dinamizar o setor do comércio ligado aos chamados *souvinirs*, ou seja, a venda de objetos religiosos relacionados aos fatos. As imagens de Maria de Araújo e, particularmente, do padre Cícero, começam a circular em medalhas, folhetos de orações e benditos, fotografias, etc. (Pinho, 2019, p. 153)

Com base nesses relatos, podemos concluir que a peregrinação a Juazeiro não só representa uma busca espiritual, mas também se configura como um fenômeno cultural e econômico, onde a fé, o comércio e a política estão interligados. O intenso fluxo de romeiros impulsionou o crescimento do comércio de *souvenires* e produtos religiosos, demonstrando o impacto da religiosidade popular na economia local.

Assim, a cidade de Juazeiro, palco de “milagres” e símbolos sagrados, torna-se um verdadeiro centro de encontro entre fé, memória e a mercantilização da

<sup>44</sup> O trecho foi retirado do testamento de Padre Cícero, disponível: HISTÓRIA E SUAS CURIOSIDADES: TESTAMENTO DE PADRE CÍCERO NA ÍNTEGRA (INCLUINDO TERMO DE ABERTURA). A respeito dos erros de ortografia, o blog explicita que publicou o texto na íntegra, incluindo os erros.

<sup>45</sup> Entrevistas realizadas com romeiros que estavam na cidade para a Romaria de Nossa Senhora das Candeias.

religiosidade. A permanência da tradição ao longo do tempo evidencia a tamanha devoção popular e o papel que ela desempenha na vida e na formação socioespacial urbana. Todas essas práticas, desempenhadas pelos diversos sujeitos que passaram e passam pela cidade, produziram e produzem o seu espaço.

Dessa forma, a partir da teoria de Lefebvre (2006), é possível compreender Juazeiro do Norte como um espaço produzido e continuamente ressignificado pelas práticas sociais, religiosas e simbólicas que o atravessam.

A partir da análise da produção e reprodução do espaço (Capítulo 1), das práticas espaciais religiosas (Capítulo 2) e dos símbolos do sagrado e do profano na constituição da identidade de Juazeiro (Capítulo 3), evidencia-se que o urbano não é apenas uma materialidade construída, mas uma obra viva, impregnada de afetos, crenças e sentidos. A figura de padre Cícero, nesse contexto, atua como elemento mediador entre a fé popular, o poder institucional e a memória coletiva, tornando o espaço urbano de Juazeiro do Norte um lugar onde o sagrado e o profano não se excluem, mas coexistem.

#### **4.1 Fé e Padre Cícero na identidade de Juazeiro do Norte**

*“Juazeiro do Norte respira padre Cícero”*

A relação entre fé e espaço urbano exemplifica como a fé pode constituir a identidade vivida, concebida e percebida no espaço urbano. A cidade se torna muito mais do que um espaço físico; ela é um espaço vivido, vivo de religiosidade, onde a fé e as tradições são constantemente reconfiguradas através da vivência religiosa, um espaço concebido por meio das práticas espaciais e relações de poder e percebido nas representações. Assim, Juazeiro demonstra como o espaço urbano torna-se sagrado, por meio da produção da identidade religiosa de seus habitantes e visitantes (romeiros, peregrinos e turistas religiosos).

A fé, não apenas dos romeiros, mas também, e talvez, principalmente, percebida na/pela população, denota a esta uma identidade de local sagrado. Como destacado no *slogan* da Secretaria de Desenvolvimento Social e Trabalho da Prefeitura Municipal de Juazeiro do Norte-CE, retratado na imagem 20.



Imagem 20: Secretaria de Desenvolvimento Social e Trabalho da Prefeitura Municipal de Juazeiro do Norte-CE



Fonte: Disponível em: <https://programadeacesso.kbsistemas.com.br/> Acesso em: 14/02/2025

Olivera et al. (2018) ao abordarem a respeito dos símbolos empregados na logo acima, afirmam que:

Através das visualidades, a comunicação do repertório urbano de Juazeiro do Norte recebe um olhar pluralizado, situando-a como campo sociocultural que enseja “imaginários urbanos”, um termo de Canclini (1997) para falar das experiências dos cidadãos com as mensagens e informações dos espaços públicos. A cidade, pelo viés comunicacional, não é compreendida apenas por seu espaço físico, mas pelas mediações possíveis no cotidiano, nos modos de vida e expressões que se dão nela e sobre ela. (Oliveira et al. 2018, p. 5)

E continuam ao refletir que parte deles se referem ao padre Cícero, o que dentro do contexto urbano e social faz bastante sentido, pois:

Três dos ícones da marca da gestão municipal têm ligação direta com Padre Cícero<sup>46</sup>, o que sublinha um imaginário cultural ainda vivo em relação a este personagem e as multidões que ele traz para a cidade através das romarias. Considerando o forte apelo religioso de Juazeiro ligado à força econômica, a pesquisadora Maria de Araújo (2011, p.171) alerta que “para pensar e projetar a cidade de Juazeiro do Norte, é preciso considerar um elemento vivo, que são as romarias, com seus espaços de fé e representação, fluxos intensos, de fiéis, mercadorias e circulação de capital”. Ou seja, ao lado da fé há o capital que ela engendra. (Oliveira et al. 2018, p. 5)

Ao trazer as romarias como elemento vivo também de mercadorias e circulação de capital, os autores abordam a questão da mercantilização da fé. Fé e capital, nessa realidade, não são opostos, mas coexistem. As romarias geram uma concentração temporária de pessoas na cidade, o que dá origem a uma série de atividades

<sup>46</sup> A Estátua de Padre Cícero, O Memorial e a Igreja do Socorro

econômicas: venda de objetos religiosos, alimentação, hospedagem, transporte, artesanato, etc.

O mais interessante é que o capital que circula não é alheio à fé, em muitos casos ele é alimentado por ela. As pessoas compram não apenas por necessidade ou consumo, mas por crença, promessa, símbolo e tradição. Uma vela, uma imagem, um lenço, não são apenas mercadorias, mas extensões da espiritualidade. Um exemplo, são as garrafas d'água no formato do sacerdote, imagem 21, criada por uma empresa cratense e que, segundo a matéria, logo viralizou nas redes sociais, destacando que “Uma empresa de água mineral localizada em Crato lançou uma embalagem que deve aquecer as vendas na Romaria de Finados”, Cariri Metropolitano (online, 2016). Fica evidente o uso da fé como meio de movimentar o capital.

Imagem 21: Empresa de água mineral lança garrafa no formato de Padre Cícero como forma de atrair consumidores que buscam artigos relacionados ao sacerdote.



Fonte: reprodução Facebook. Disponível em:  
<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1828802654021159&id=1597561850478575&set=a.1689833101251449>

É possível perceber que, com o tempo, essa dinâmica também pode criar tensões entre o sagrado e o profano, entre a religiosidade popular e os interesses econômicos, entre o sentido profundo do evento e a exploração comercial. A fé pode se manter viva ali, mas também pode ser engolida por práticas que a reduzam a um espetáculo ou oportunidade de lucro.

Mas, no espaço urbano de Juazeiro do Norte, a identidade religiosa é percebida para além dos símbolos espaciais retratados anteriormente, ela também se apresenta na fala, no comportamento, nas tradições da população e elementos não explorados pelo capital. Como quando o secretário Renato Silva fala da quantidade de homens que recebem o nome de Cícero em homenagem ao sacerdote<sup>47</sup> ou quando o padre Paulo Cesar coloca que se fosse feita uma votação na cidade entre o padre Cícero e alguns outros santos, inclusive a Nossa Senhora, acredita que o padre ganharia.

Se botar aqui, se fizer uma eleição, se botar aqui São Francisco de Assis, São Francisco das Chagas e padre Cícero, São Francisco perde. E aqui até... Se botar aqui Nossa Senhora das Dores e padre Cícero, ele tem mais votos que a Nossa Senhora.<sup>48</sup>

E completa falando que, para essa população devota, o padre Cícero é a quarta entidade da Divina Trindade<sup>49</sup>. Sendo esses exemplos um retrato da identificação que a população tem com o padre e a religiosidade.

Outro elemento que ilustra a identidade de Juazeiro foi trazido durante entrevista pela historiadora e psicóloga Djulany Yorrana<sup>50</sup>, que trabalha como historiadora na Fundação Memorial Padre Cícero, ao destacar que na instituição de ensino privada de ensino superior, Universidade Leão Sampaio (UNILEÃO), para o curso de psicologia, existe uma disciplina que trata da psicologia voltada para a religião, enfatizando que é o único caso que conhece dessa disciplina constituir um currículo acadêmico. A imagem 22 se refere à matriz curricular disponível no *site* da referida instituição, corroborando a afirmação feita pela historiadora. Destacando que a primeira se refere à matriz de 2018.

---

<sup>47</sup> Renato Wilamis Silva, 2024 (FONTE ORAL). Entrevista realizada em 24/01/2024

<sup>48</sup> Padre Paulo Cesar Souza, 2024, (FONTE ORAL). Entrevista realizada em 27/02/2024

<sup>49</sup> Padre Paulo Cesar Souza, 2024, (FONTE ORAL). Entrevista realizada em 27/02/2024

<sup>50</sup> Djulany Yorrana. Fonte oral. Entrevista realizada em: 15/04/2024


Imagem 22: matriz curricular 2018.2, em que “psicologia da religião” aparece como disciplina constituinte do currículo de formação do curso de psicologia da UNILEÃO

<div>  <div> <a href="#">Institucional</a> <a href="#">Graduação</a> <a href="#">Pós-Graduação</a> <a href="#">Eventos</a> <a href="#">Pesquisa e Extensão</a> <a href="#">Serviços</a> <a href="#">Fale Conosco</a> <a href="#">Blog</a> </div> </div>						
9º SEMESTRE	PSICOLOGIA DA RELIGIÃO	40	2	0	0	0
9º SEMESTRE	ESTÁGIO SUPERVISIONADO III	160	0	0	8	0
Pré requisito(s): <b>ESTÁGIO BÁSICO II</b>						

Fonte: site da Universidade Leão Sampaio. Disponível em: [Psicologia - Unileão](#)

Na imagem 23 está a matriz vigente com uma mudança no nome da disciplina.

Imagem 23: se refere à matriz curricular vigente do curso, em que é possível perceber uma alteração no nome da disciplina.

<div>  <div> <a href="#">Institucional</a> <a href="#">Graduação</a> <a href="#">Pós-Graduação</a> <a href="#">Eventos</a> <a href="#">Pesquisa e Extensão</a> <a href="#">Serviços</a> <a href="#">Fale Conosco</a> <a href="#">Blog</a> </div> </div>						
8º SEMESTRE	PSICOLOGIA, RELIGIÃO E ESPIRITUALIDADE	40	2	0	0	0
8º SEMESTRE	PSICOLOGIA DA FAMÍLIA	40	2	0	0	0

Fonte: site da Universidade Leão Sampaio. Disponível em: [Psicologia - Unileão](#)

Outros exemplos relevantes que ilustram a identidade urbana com os símbolos religiosos que fazem parte da (re)produção do espaço de Juazeiro do Norte podem ser observados em elementos presentes na paisagem urbana da cidade.

Como o antigo Hospital das Clínicas e Fraturas do Cariri que, após ser adquirido pela operadora de saúde Hapvida, passou a se chamar Hospital Geral Padre Cícero como retratado na imagem 24, uma homenagem ao sacerdote e, ao mesmo tempo, uma evidente estratégia de inserção na identidade local.

Imagem 24: fachada frontal do Hospital Geral Padre Cícero. Uma clara estratégia de inserção, por parte do grupo Hapvida, na identidade da cidade de Juazeiro do Norte



Fonte: autora, 2025.

No Cariri Garden Shopping, localizado no bairro Triângulo, em uma das saídas do estabelecimento, há uma parede decorada com diversas expressões artísticas, representada na imagem 25. Dentre elas, destaca-se a imagem de padre Cícero, mais uma evidência da relevância e consolidação de sua imagem no imaginário coletivo e na paisagem visual.

Imagem 25: dentre as várias imagens escolhidas para estampar a parede, a imagem do Padre Cícero se faz presente.





Fonte: autora, 2024.

Em meio à decoração contemporânea de uma cafeteria no aeroporto regional do Cariri, um elemento visual marcante estampa uma parede de destaque: a imagem de padre Cícero. Reforçando a sua presença simbólica mesmo em ambientes modernos e transitórios. Esse elemento está representado na imagem 26.

Imagem 26: painel na parte interior de uma lanchonete no aeroporto de Juazeiro do Norte



Fonte: autora, 2025.

Essa escolha decorativa revela como sua imagem transcende os limites do religioso e passa a compor, de maneira quase natural, a paisagem cotidiana e afetiva da região. Mesmo em um espaço voltado à circulação, à chegada e à partida, ele está ali como um sinal de pertencimento e de acolhimento a quem chega ou parte do Cariri. O espaço vivido e o espaço percebido urbano estão carregados de padre Cícero.

Outra representação que evidencia a identidade de Juazeiro do Norte, principalmente em relação ao turismo religioso, encontra-se na colina do horto. Uma placa informativa, escrita em inglês, para os visitantes de fora do país, traz informações e um mapa sobre o monumento da estátua de padre Cícero, da igreja, das trilhas e do museu vivo. Um indicativo de que a visitação transcende as fronteiras nacionais.

Imagem 27: para os turistas internacionais, pressupondo que não falem português, a administração do Geossítio Colina do Horto disponibiliza informações em inglês



Fonte: autora, 2024.

Outro elemento presente na paisagem que evidencia a identidade urbana, fortemente ligada à religiosidade e ao padre Cícero, são os táxis que circulam diariamente por Juazeiro do Norte. Essa característica também pode ser observada na imagem 28. Então, para além das representações fixas, como as apresentadas anteriormente, a imagem de padre Cícero transita pela cidade.

Imagem 28: representação da estátua do Padre Cícero na colina do horto, estampa táxis da cidade



Fonte: autora 2024

Nas diversas representações artísticas espalhadas pelo espaço urbano de Juazeiro do Norte, é recorrente a presença da imagem de padre Cícero. Mesmo em meio a outras figuras e temáticas, a sua representação está quase sempre presente, reafirmando o espaço central que ele ocupa no imaginário coletivo da região. É como se, simbolicamente, a sua figura fosse indispensável quando se busca retratar a identidade e os valores do Cariri.

As representações visuais funcionam, portanto, como marcas simbólicas de pertencimento, reforçando os laços entre passado e presente, fé e cotidiano, tradição e modernidade. Juazeiro do Norte se constrói, também, naquilo que escolhe representar.

Além das manifestações físicas e simbólicas presentes no espaço urbano de Juazeiro do Norte, que conferem a ela uma identidade e função religiosa fortemente ligadas ao padre Cícero, essa relação também se revela em outras formas de expressão. É comum ouvir moradores declarando com orgulho que são naturais da "terra de meu Padim".

De fato, a identidade do padre Cícero está muito mais associada a Juazeiro do Norte do que à sua cidade natal, Crato. Essa conexão se manifesta não apenas nos



símbolos espalhados pela cidade ou na fala cotidiana, mas também em expressões artísticas como a música. Exemplos disso são canções de artistas regionais e nacionais, como *"Você não sai de mim"*, de Fábio Carneirinho; *"Sou romeiro do Padre Cícero"*, de Genival Lacerda; *"Viva meu Padim"* e *"Beata Mocinha"*, de Luiz Gonzaga, *"Padre Cícero"*, de Tim Maia, entre muitas outras. Para cada uma dessas canções destacamos a seguir alguns trechos.

A canção "você não sai de mim" do juazeirense Fábio Carneirinho, faz clara referência ao crescimento urbano de Juazeiro do Norte percebido por quem lá cresceu, ao ser observado do Horto de Padre Cícero. Além de trazer elementos como as romarias, a identidade religiosa urbana e a forte ligação emocional que tem com ela:

Subo a ladeira do Horto só pra te olhar. Desço com uma vontade danada de te abraçar. Tu cresceu, mas cabe dentro do meu peito Daqui do Horto, já não te vejo mais direito. (2x)

Se eu não tivesse nascido aqui Juro que eu diria: Que teria nascido aqui verdade eu mentiria

Se eu não tivesse nascido aqui juro que eu diria: Ainda bem que mamãe veio e ficou aqui, numa dessas romarias

Mas o tempo foi passando nas águas do Salgadinho Juazeiro eu te amo Juazeiro do meu Padrinho

Quando eu tô por aí viajando e a tv começa a mostrar Juazeiro capital da fé eu grito que sou de lá.<sup>51</sup>

A letra da música *"Sou romeiro do Padre Cícero"*, do paraibano Genival Lacerda, assume um tom mais reflexivo ao pedir a intervenção do sacerdote frente às dificuldades enfrentadas pelo povo nordestino, ampliando ainda mais a escala de sua influência:

Meu Padre Cícero, do Juazeiro, sou forrozeiro, sou devoto do senhor. Os nordestinos pedem a sua atenção, ora por nós, meu Padim Ciço Romão.

Os seus romeiros têm guardado na memória os seus milagres, sua vida e sua história. Por isso, meu Padrinho, eu faço esse pedido: Proteja o meu Nordeste, tão heroico e tão sofrido<sup>52</sup>

"Viva meu padim", imortalizada na voz do pernambucano Luiz Gonzaga, que tinha uma famosa devoção pelo padre Cícero, é uma música que mistura

---

<sup>51</sup> Trechos da canção "Você não sai de mim" de Fabio Carneirinho. Disponível em: Você Não Sai de Mim "Juazeiro" - YouTube

<sup>52</sup> Trechos da canção "Sou romeiro do Padre Cícero" de Genival Lacerda. Disponível em: Sou Romeiro do Padre Cícero - YouTube

religiosidade, identidade regional e tradição, exaltando o papel do “Padim” como um símbolo de conforto espiritual e liderança. Ao cantar, o povo expressa gratidão, busca proteção e reafirma a presença de uma fé que sustenta a cultura e o cotidiano sertanejo:

Olha lá, no alto do Horto, ele está vivo, o Padim não tá morto (2x).

Viva meu padim, viva meu padim Ciço Romão. Viva meu padim, viva também Frei Damião.

Eu todos os anos setembro, novembro vou ao Juazeiro.

Alegre e contente cantando na frente, sou mais um romeiro. Vou ver meu Padim de bucho cheio ou barriga vazia. Ele é o meu pai ele é o meu santo é minha alegria.<sup>53</sup>

Já na curta letra de “beata mocinha”, o rei do baião canta:

Minha santa beata mocinha, eu vim aqui, vim “vê” meu “padrim”.

Meu “padrim” fez uma viagem, “ôi”, deixou Juazeiro “sozím” (bis).

Meu “padrim” Padre Ciço foi pro céu vendo o povo sem sorte, pro senhor foi pedir proteção pros romeiros do Norte (bis).

Na música “Padre Cícero” o carioca Tim Maia, artista associado ao soul, se aproxima de um tema que, à primeira vista, parece distante do seu universo habitual: o religioso nordestino.

A canção revela como Juazeiro do Norte construiu sua identidade ao redor da figura de padre Cícero, transformando a cidade num polo de romaria, fé e resistência. O “Padim Ciço” é mais do que um padre, ele é um santo não canonizado, um intercessor popular, alguém que representa o elo direto entre o povo e o divino.

No sertão do Crato, nasce um homem pobre.

Porém muito jovem, porém muito jovem, todo mundo vai saber, quem ele é. Este homem estuda, mesmo sem ajuda, se formou primeiro e no Juazeiro todo mundo respeitou.

O padre Cicero, Padre Cicero, Padre Cicero, padre Cicero Daí então tudo mudou, de reverendo a lutador desperta ódio e amor, passaram anos pra saber se era bom ou mal, mas ninguém até hoje afirmou<sup>54</sup>

<sup>53</sup> Trechos da canção “Viva meu padim” de Luiz Gonzaga. Disponível em: Viva Meu Padim - Luiz Gonzaga - LETRAS.MUS.BR

<sup>54</sup> Trecho da canção “Padre Cícero” de Tim Maia. Disponível em: Padre Cícero - Tim Maia - LETRAS.MUS.BR

O último trecho destacado acima diz respeito a uma das questões mais notórias em torno de padre Cícero. Já que muitas foram as tentativas, ao longo dos anos, de desvincular a imagem dele à cidade, principalmente com fortes críticas não só ao “milagre da hóstia”, mas a sua pessoa e sua jornada como sacerdote.

As tentativas de desacreditar a imagem que a população nordestina tinha partiram de vários frentes, sendo uma das mais fortes a própria igreja católica, que tentou calar tanto o sacerdote quanto os seus apoiadores e a beata Maria de Araújo. Nesse sentido, Padre Paulo afirma que, em sua época de seminário, os superiores afirmavam que quem participasse das festividades populares voltadas ao padre Cícero, quando retornasse, as suas malas já estariam prontas<sup>55</sup>.

Em relação à beata Maria de Araújo podemos quase dizer que os críticos obtiveram êxito, pois pouco se fala sobre ela em comparação ao padre, que de acordo com Pinho (2019 p.25) “(...) foi assumindo o lugar de protagonista a ponto de tornar-se um dos mais populares, se não o mais conhecido, debatido e polemizado sujeito histórico do sertão nordestino”. Mesmo sendo ela um dos protagonistas do “milagre” pouco se vê pela cidade que a retrate. Mas existem alguns movimentos culturais e trabalhos acadêmicos que tentam manter a sua memória viva.

Talvez esse “apagamento” se dê pelo fato da igreja ter conseguido mantê-la exilada por muito tempo, da sua popularidade não ser tão grande quanto a do padre, mas também por sua posição “inferior” de beata, pobre e negra.

A igreja e parte da imprensa da época tentaram, sem êxito, como é possível perceber atualmente, calar os dois protagonistas dos milagre e, conseqüentemente, a multidão cada vez maior e efervescida que se formava em torno das figuras dos dois, como destacado por Pinho, em se tratando das atitudes tomadas pelo bispo Dom Joaquim, na tentativa de abafar e acabar com os movimentos que aconteciam na região:

A barulhenta reverberação do atestado sem a anuência e conhecimento do bispo diocesano ensejou o desenvolvimento de uma atmosfera caracterizada por tensões constantes, pondo fim ao discreto e resguardado comportamento da hierarquia diante dos acontecimentos de Juazeiro, levando-a a tomar providências mais severas no sentido de aplacar os ânimos acirrados. Nessa direção, convoca o padre Cícero para comparecer à sede do bispado, em Fortaleza, com o objetivo de que este preste “[...] esclarecimento dos fatos extraordinários sucedidos com Maria de Araújo”. Tendo protelado o máximo possível sua ida à capital cearense, o padre Cícero, acompanhado de uma comissão, decide viajar em julho de 1891. (Pinho, 2019, p. 122)

---

<sup>55</sup> Padre Paulo Cesar Borges. Fonte: oral. 2024

Mas, nenhuma dessas providências, assim como de várias outras, foi capaz de aquietar os ânimos daqueles que acreditavam nos fatos ocorridos em Juazeiro e amparavam-se, buscando alento, no imaginário de ter um santo entre eles, naquela terra tão desprovida de conforto, como era o sertão nordestino à época.

Merece atenção uma análise mais aprofundada sobre essa questão. Como a exposta por Josué de Castro que, após abordar a fome em diferentes regiões do mundo, volta o seu olhar para a realidade brasileira, concentrando-se na análise desse fenômeno na Amazônia e no sertão nordestino. Sobre esse segundo ele afirma:

Já no estudo desta nova área — a do sertão nordestino — vamos encontrar um novo tipo de fome, inteiramente diferente. Não mais a fome atuando de maneira permanente, condicionada pelos hábitos de vida cotidiana, mas apresentando-se episodicamente em surtos epidêmicos. Surtos agudos de fome que surgem com as secas, intercaladas ciclicamente com os períodos de relativa abundância que caracterizam a vida do sertanejo nas épocas de normalidade. As epidemias de fome destas quadras calamitosas não se limitam, no entanto, aos aspectos discretos e toleráveis das fomes parciais, das carências específicas, encontradas nas outras áreas até agora estudadas. São epidemias de fome global quantitativa e qualitativa, alcançando com incrível violência os limites extremos da desnutrição e da inanição aguda e atingindo indistintamente a todos, ricos e pobres, fazendeiros abastados e trabalhadores do eito, homens, mulheres e crianças, todos açoitados de maneira impiedosa pelo terrível flagelo das secas. (Castro, 1984, p.174)

Posteriormente, o autor aprofunda sua análise ao afirmar que:

Se o sertão do Nordeste não estivesse exposto à fatalidade climática das secas, talvez não figurasse entre as áreas de fome do continente americano. Infelizmente, as secas periódicas, desorganizando por completo a economia primária da região, extinguindo as fontes naturais de vida, crestando as pastagens, dizimando o gado e arrasando as lavouras, reduzem o sertão a uma paisagem desértica, com seus habitantes sempre desprovidos de reservas, morrendo à míngua de água e de alimentos. Morrendo de fome aguda ou escapando esfomeados, aos magotes, para outras zonas, fugindo atemorizados à morte que os dizimaria de vez na terra devastada. (Castro, 1984, p. 176- 177)

O autor evidencia que a fome nessa região não é apenas uma consequência direta das secas periódicas, mas o resultado de uma estrutura socioeconômica frágil e da ausência de políticas públicas eficazes. Embora o fenômeno climático tenha papel relevante, é a desorganização das ações que transforma a seca em tragédia. A perda de lavouras, o desaparecimento das fontes naturais de água e o extermínio do gado reduzem o sertão a uma paisagem desértica, cujos habitantes, sem reservas ou apoio, morrem de fome ou são forçados ao êxodo.

Diante desse cenário de abandono e sofrimento constante, a fé religiosa emerge como um importante elemento de resistência emocional e cultural entre os sertanejos. A extrema precariedade material, somada à insegurança alimentar recorrente, fortaleceu, ao longo do tempo, uma espiritualidade intensa, na qual a crença em Deus, em milagres ou em uma vida melhor após a morte se tornou um dos poucos refúgios possíveis diante da adversidade. Assim, o sofrimento coletivo gerado pela fome e pela seca não apenas moldou as formas de viver no sertão, mas também consolidou práticas religiosas como fonte de consolo, esperança e explicação para as tragédias aparentemente inevitáveis.

A religiosidade nordestina, marcada por rituais, romarias e promessas, é, portanto, não apenas uma expressão cultural, mas uma estratégia de sobrevivência espiritual diante da realidade dura imposta pela fome. Enquanto o Estado falha em garantir os direitos mais básicos, a fé ocupa esse vazio com promessas de alívio. Dessa forma, a religiosidade torna-se uma resposta coletiva a um sofrimento histórico, transformando-se em um pilar essencial da identidade sertaneja.

Para exemplificar e ilustrar os fenômenos trazidos por Castro (1984) do êxodo e da fé sertaneja, utilizamos uma manifestação cultural típica do sertão nordestino: o cordel. São poemas impressos em forma de pequenos livros e vendidos pendurados em cordões, nas feiras em toda a região nordeste, ilustrando, principalmente, as dificuldades, alegrias e o amor que os nordestinos sentem por sua terra. A imagem 29 e a poesia que a complementa ilustra o êxodo sertanejo.

Imagem 29: xilogravura representa momento da partida de família sertaneja em busca de melhores condições de vida



Fonte: Xilogravura de J. Borges

## O SERTANEJO

Autora: Maria de Lourdes Aragão Catunda

O Sertanejo quando sai  
Do seu querido torrão,  
Só sai porque necessita,  
Sai porque tem precisão.  
Se fosse mesmo por gosto,  
Jamais deixaria seu chão.

Nos alforjes carregados  
Transporta tristeza e dor.  
Saudades da lua cheia,  
Das noites no interior.  
Do amanhecer do dia  
Com galo despertador.

Com olhos marejados,  
Lacrimosa de emoção.  
Quando escuta no rádio  
Ou mesmo na televisão,  
Canções que antes ouvia  
Em seu saudoso sertão.

Dói na alma dói no peito,  
É bem grande a emoção,  
Do "sertanejo que é forte",  
Mas vira menino chorão,  
Se sente a saudade telúrica  
Batendo em seu coração.

O segundo fenômeno trazido anteriormente, a fé sertaneja, que é o alicerce espiritual de muitos homens e mulheres do sertão. Em meio à seca, à pobreza e às incertezas da vida, ela surge como uma força que sustenta, conforta e dá esperança. É também uma forma de resistência. É ela que mantém o sertanejo de pé, plantando, acreditando e seguindo em frente, mesmo quando tudo parece faltar. No sertão, a fé é mais que crença, é sobrevivência. Abaixo, ilustramos mais uma vez com a poesia:

Ave Maria Sertaneja<sup>56</sup>

---

<sup>56</sup> Disponível em: <https://antonioglauber.com.br/ave-maria-sertaneja/>



## Ave Maria Sertaneja

Autor: Antonio Glauber Santana Ferreira

No sertão de céu aberto,  
Entre mandacaru e chão,  
Surge a fé que é por certo,  
Sustento de todo irmão.

Ave Maria, mãe divina,  
Do sertão és protetora,  
Em cada prece se inclina,  
A tua luz salvadora.

Nas noites de lua cheia,  
Teu manto brilha no céu,  
E a fé sertaneja anseia,  
Por teu amor, doce véu.

Sob o sol quente e a seca,  
O povo mantém a esperança,  
A vida aqui é sofrida,  
Mas não se perde a confiança.

Ave Maria, mãe querida,  
O sertão te faz oração,  
És estrela sempre viva,  
No peito de cada cristão.

No barulho da enxada,  
No cantar do sabiá,  
Tua presença é sagrada,  
A nos guiar e a cuidar.

Quando a chuva tarda a vir,  
E o solo clama por vida,  
O sertanejo a te pedir,  
Que sua prece seja ouvida.

Ave Maria, sertaneja,  
No sertão és a rainha,  
Tua graça nos enseja,  
O milagre da vida, a linha.

Entre cactos e o espinho,  
Entre a seca e a fatura,  
És o nosso doce ninho,  
Nosso alívio na amargura.

Oh, mãe de todos nós,  
Nos teus braços queremos estar,  
Na alegria ou na foz,  
Do nosso rio a cantar.

Ave Maria, mãe amada,  
Nos conduz por esse chão,  
Tua luz sempre guardada,  
No sertão e no coração.

A fé sertaneja, e claro, sua afloração em forma de cordel também abrange a fé direcionada ao padre Cícero. Ao caminhar pela cidade de Juazeiro do Norte e em rápidas pesquisas online, é muito fácil encontrar essas representações que dão conta de demonstrar a grande fé que o povo sertanejo tem por esse tão aclamado sacerdote. As poesias que seguem são provas disso.

PADRE CÍCERO: um santo nordestino<sup>57</sup>

---

<sup>57</sup> Disponível em: <https://cordelversosvida.blogspot.com/2012/06/cordel-padre-cicero.html>

PADRE CÍCERO  
Um Santo Nordestino  
Autora: Pascoa Antônia

Tem um currículo santo  
muitos anos de história  
e contar aqui em verso  
para mim é uma glória  
sei que ele nasceu em Crato  
não discuto sei que é fato  
guardo na minha memória.

Filho de Joaquim Romão  
pequeno comerciante  
e Joaquina Vicência  
uma mulher radiante  
Quinô, todos a chamavam  
às vezes até brincavam  
disse um jovem aspirante.

Cícero Romão Batista  
na era de oitocentos  
ano de quarenta e quatro  
digo aqui aos quatro ventos  
a vinte e quatro de março  
ganhou então seu espaço  
está nos seus documentos.

Começando a estudar  
aos seis anos de idade  
com o professor Rufino  
que tinha capacidade  
aprendeu tudo certinho  
pois tinha lá seu jeitinho  
e muita seriedade.

Tinha o cabelo louro  
e também a pele branca  
seus olhos eram azuis  
estou sendo muito franca  
relato com consciência  
e também inteligência  
ele tinha vida santa.

Veja que fato importante  
que marcou sua infância  
aos doze anos de idade  
eu conto sem arrogância  
fez voto de castidade  
e viveu na santidade  
por ter bastante constância.

Mil oitocentos sessenta  
e aos dezesseis de idade  
Cícero foi estudar  
pra sua felicidade  
Paraíba, Cajazeiras  
lá não tinha brincadeiras  
contou com simplicidade.

Com a morte do seu pai  
que de cólera morreu  
voltou depois de dois anos  
seu estudo interrompeu  
voltou pra sua casinha  
morar com sua mãezinha  
assim ele resolveu.

E aos vinte e um de idade  
ingressou no seminário  
foi graças ao seu padrinho  
que ganhava bom salário  
na Prainha, Fortaleza  
porém não teve moleza  
contou bem ao comissário.

Vinte e seis anos de vida  
ele retornou ao Crato  
ordenado sacerdote  
ao bom Deus, ele foi grato  
mil oitocentos setenta  
portanto ninguém inventa  
foi real aqui relato.

Portanto a missa do galo  
o meu Padim celebrou  
com sua voz modulada  
todo povo se alegrou  
depois com sua família  
e toda sua mobília  
um lugar ele encontrou.

Ele foi bem escolhido  
pra aquela localidade  
foi vigário nomeado  
pois tinha capacidade  
de assumir no Tabuleiro  
hoje a grande Juazeiro  
digo com sinceridade.

No pequeno aglomerado  
tinha linda capelinha  
algumas casas de taipa  
e também uma santinha  
Nossa Senhora das Dores  
onde o povo dá louvores  
Nossa Mãe, Nossa Rainha.



No cordel “Padre Cícero, novo servo de Deus” o autor inicia externalizando a sua alegria em saber que o padre Cícero, que outrora foi destituído de seu sacerdócio e escomungado pela igreja a qual serviu, recebeu, pelo Papa Francisco, o título de Servo de Deus, que é “atribuído àqueles que estão no início do processo de beatificação.” (G1, 2025, online)<sup>58</sup>. Na sequência, o autor pede aos romeiros do sertão que se alegrem pela notícia. Conforme o esperado, o autor faz referência ao nascimento do padre na cidade de Crato, em seguida aborda sobre a sua chegada a Tabuleiro Grande e a sua importância para o povoado e a cidade de Juazeiro do Norte, a partir da vinda dos romeiros para conhecê-lo, e segundo o poema, ele os recebia de ótima forma. Por fim, o poeta roga que seja rápida, por parte do Vaticano, a conclusão do processo de beatificação e como esperado pelos seus devotos, de santificação. Segue o cordel:

#### PADRE CÍCERO, NOVO SERVO DE DEUS<sup>59</sup>

---

<sup>58</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/ce/ceara/cariri/noticia/2025/05/19/primeira-parte-do-processo-de-beatificacao-do-padre-cicero-e-concluida-entenda-os-proximos-passos.ghtml>

<sup>59</sup> Disponível em: <https://salesianos.org.br/noticia/29789-2/>

## PADRE CÍCERO, NOVO SERVO DE DEUS

Autor: Pe. Valdemar Pereira dos Santos,sdb

Eu não sou poeta não,  
Mas, gosto de escrever  
Aqui, ali, acolá,  
Se o assunto merecer.  
Pego a notícia voando,  
Ai eu vou transformando  
Num cordel que vai nascer.

É isso o que vou fazer  
Eu não sou poeta não,  
Mas, gosto de escrever  
Aqui, ali, acolá,  
Se o assunto merecer.  
Pego a notícia voando,  
Ai eu vou transformando  
Num cordel que vai nascer.

É isso o que vou fazer  
Da notícia alvissareira  
Que tomei conhecimento  
Nesta manhã prazenteira,  
Do dia vinte de agosto,  
O sangue subiu pro rosto  
Numa emoção verdadeira.

A Santa Sé declarou  
Pela determinação  
Do nosso Papa Francisco  
Que o padre Cícero Romão  
Agora é Servo de Deus...  
Abriu-se a porta dos céus  
Pra beatificação!

Alegrai-vos! Exultai-vos!  
Romeiros do meu sertão!  
Exultai, povo de Deus,  
Do Brasil, grande nação!  
Mais um "Servo" na fileira  
Dos que cuja vida inteira,  
Semeou paz e união!

O padre Cícero nasceu  
No Crato, ali pertinho  
Do povoado Juazeiro,  
Duas léguas de caminho.  
Quando padre ali morou  
O povo logo adotou  
Com o nome de "Meu Padrinho".

Juazeiro era uma vila,  
Logo passou a cidade,  
Romeiros vinham a pé  
Viajando em quantidade  
Nossa Senhora apontando  
Olha lá, tamo chegando,  
Sintam-se bem de verdade!

"Padim Ciço" os recebia  
Com o coração aberto,  
Multidões de toda parte,  
De norte a sul e oeste.  
Com muito amor e carinho,  
Vinham ver o "Meu Padrinho"  
Abençoando de perto...

Padre Cícero pregava  
O amor e a fé a Maria.  
Recomendava rezar  
O rosário todo dia.  
"Do nascente ao poente  
O rosário é um presente  
Da Santa Virgem Maria!"

Foi um santo conselheiro,  
Como um pai ama os filhos  
Aconselhava plantar  
Arroz, feijão e milho.  
"Quem matou não mate mais,  
Quem roubou não roube mais..."  
Procurem "andar nos trilhos".

Aconselhava cuidar  
Do espírito, alma e corpo.  
Receituava remédios  
À direta e a torto"...  
Indicando ervas, raízes,  
Assim como o povo diz:  
"Chá que levanta até morto"!

Costumava toda a tarde,  
Da janela da sua casa  
Dirigir "santos conselhos"  
Pros romeiros que o escutavam,  
Quer sentados, quer de pé,  
Lá na Rua São José,  
No fim com eles rezava.

Aproveito o curto espaço  
Deste pequeno cordel  
Pra dizer da alegria  
Que é de tirar o chapéu,  
Em saber que "Meu Padrinho"  
Tem este título assim:  
"SERVO DE DEUS", lá no céu.

Tomara que o Vaticano  
Acelere a decisão,  
De logo chegar o dia  
Da Beatificação.  
E que o milagre aconteça  
E o "Padim Ciço" mereça,  
Sua Canonização.

A interconexão da quantidade de comércios de artigos religiosos, os nomes dos diversos tipos de empreendimentos espalhados pela cidade, os nomes das pessoas, a paisagem, músicas e cordéis, entre outros, demonstram como a identidade local vai além dos espaços religiosos formais e se manifesta em objetos do dia a dia, reforçando o quanto a figura do padre Cícero está integrada à vida cotidiana.

Uma conclusão da autora que vos escreve, como alguém que conhece de perto a região, é que mesmo um visitante leigo, a partir do momento que souber quem é o padre Cícero, ao caminhar pelas ruas de Juazeiro do Norte, perceberá claramente a forte presença da religiosidade na sua paisagem urbana, reconhecendo-a, sem dificuldade, como uma cidade marcada pela fé e devoção.

É o espaço vivido, de Lefebvre (2006, p. 59), o “espaço de representações”, e que se:

apresentam (com ou sem códigos) simbolismos complexos, ligado ao lado clandestino e subterrâneo da vida social, mas também à arte, que eventualmente poder-se-ia definir não como código do espaço, mas códigos dos espaços de representação. (Lefebvre, 2006, p. 59)

E destaca “trata-se do espaço dominado, portanto, suportado, que a imaginação tenta modificar e apropriar que os sujeitos, dentro das suas diferentes formas de ocupar e se relacionar com o espaço, vão moldando e apropriando-se dele.” (Lefebvre, 2006, p. 66).

Dessa forma, as imagens que ocupam os espaços públicos e comerciais de Juazeiro do Norte, como murais, vitrines, fachadas e interiores de estabelecimentos, não são meros elementos decorativos, mas expressões vivas da identidade cultural da cidade. A recorrência da figura de padre Cícero, em especial, revela o quanto a sua memória está entranhada no imaginário coletivo e molda a maneira como a cidade se vê e se apresenta.

As manifestações culturais da população, os símbolos sagrados e profanos espalhados pela cidade, o destaque que o poder público e as instituições privadas dão à religiosidade são um retrato da identidade da cidade. O que aparece muito bem destacada na fala do Padre Paulo Cesar Souza, quando interpelado a respeito da dificuldade em explicar, para sujeitos de outras localidades, o fenômeno que acontece

na cidade, ele então afirma de forma simples e objetiva “para você explicar tudo, Juazeiro do Norte respira Padre Cícero.”<sup>60</sup>

## 4.2 A territorialidade da fé

Território é, segundo Correia (2020) um dos “cinco conceitos-chave” tratados pela Geografia. A importância do conceito de território se dá, em grande parte, pela sua capacidade de integrar diferentes dimensões, como: política, econômica, social e cultural, que acontecem no espaço geográfico. Essa importância imprime ao conceito um papel fundamental nos debates dessa ciência.

De acordo com Souza (2013), esse é um dos conceitos que mais vem sendo debatidos dentro da geografia, devido à amplitude com a qual tem sido tratada sua definição. O que vem submetendo-o a diversas tentativas de “redefinição e depuração”, Souza (2013, p.77). Por essa razão, ele está no centro de diversas discussões, seja quanto ao seu nível de abrangência, seja na busca por novas definições.

A conceituação de território extrapola a delimitação física de um espaço, passando a envolver também a construção simbólica, a apropriação e o controle exercido por diferentes sujeitos e agentes sociais, o que amplia ainda mais seu entendimento dentro da Geografia.

Ainda de acordo com Souza (2013), e também com Haesbaert (2004), território pode ser entendido através das relações de poder que acontecem no espaço geográfico. O que é percebido nos conflitos geopolíticos que acontecem diariamente, e colocam o território em discussões fora das esferas acadêmicas, literárias e da própria geografia. Sendo tratado por cientistas políticos, economistas, jornalistas, internacionalistas, dentre outros. Mas sempre abrangendo o que os autores supracitados afirmam, trata-se das relações de poder.

Essas relações de poder podem acontecer em escalas diversas e por diferentes agentes, como quando Sack (2013, p.63) nos traz que “Territórios políticos e propriedades privadas de terra podem ser as formas mais familiares em que a territorialidade ocorre em vários níveis e em numerosos contextos sociais.” E

---

<sup>60</sup> Padre Paulo Cesar Souza, 2024, (FONTE ORAL). Entrevista realizada em 27/02/2024

complementa “É o meio pelo qual espaço e sociedade estão inter-relacionados. As funções de mudança da territorialidade nos ajudam a entender as relações históricas entre sociedade, espaço e tempo” (2013, p.63). O autor está nos mostrando que essas relações de poder conectam os espaços físicos e as sociedades, principalmente por meio da dominação que alguns grupos exercem sobre outros, dentro de um espaço delimitado espacialmente.

Essas relações de poder podem ser observadas em diferentes formas, incluindo aquelas em que um Estado soberano impõe regras de conduta social à sua população, como ocorre em alguns países de maioria muçulmana. Um exemplo marcante foi durante a Copa do Mundo de 2022, realizada no Catar, no Oriente Médio. Na ocasião, os visitantes precisaram seguir normas específicas que, embora mais brandas do que as aplicadas aos cidadãos locais, ainda refletiam a autoridade do Estado sobre seu território. Essas normas incluíam orientações sobre vestimentas adequadas e onde usá-las, a proibição do consumo de bebidas alcoólicas em certos locais, restrições a demonstrações públicas de afeto e a proibição de fotografar prédios governamentais. Tais medidas são evidências claras do controle exercido por uma nação sobre o que ocorre dentro do seu território.

Vale ressaltar que o controle exercido pelo Estado citado anteriormente tem pilares na doutrina religiosa seguida pela nação, não sendo o único caso no mundo, reforça a religião como véis de doutrinação.

Mais do que uma simples área delimitada no mapa, o território se revela como um espaço permeado por regras, valores e comportamentos que refletem as relações estabelecidas entre as pessoas que o ocupam. Essas relações indicam que o território não é apenas um espaço físico, mas também um lugar onde se expressam dinâmicas sociais e culturais que moldam a convivência. É nesse contexto que surge a noção de territorialidade, que envolve as práticas e estratégias pelas quais indivíduos e grupos afirmam seu vínculo com o espaço, controlam seu uso e atribuem sentidos simbólicos ao lugar que ocupam.

Diferente de território, frequentemente associado à delimitação oficial de áreas sob o controle de Estados nacionais, a territorialidade refere-se a uma dimensão mais simbólica, prática e dinâmica do uso e apropriação do espaço. Trata-se de uma construção social que envolve relações de poder, pertencimento, identidade e resistência.



A territorialidade pode ser entendida como a maneira pela qual indivíduos ou coletividades estabelecem e exercem algum tipo de controle, influência ou vínculo com um determinado espaço, seja ele legalmente reconhecido ou não. Um exemplo evidente dessa dinâmica está presente nas comunidades indígenas que, mesmo sem o reconhecimento legal de suas terras, mantêm uma relação ancestral, espiritual e simbólica com o espaço que ocupam, caracterizando uma forte territorialidade.

Esse exemplo demonstra que a territorialidade não depende necessariamente da posse formal do território, mas sim de práticas cotidianas e simbólicas que conferem sentido e valor a determinados lugares.

Outro aspecto relevante é que a territorialidade pode funcionar tanto como um instrumento de dominação quanto de resistência. Por um lado, o Estado exerce sua territorialidade por meio de leis, fronteiras e instituições; por outro, grupos sociais oprimidos usam a territorialidade como forma de luta e sobrevivência, ao reivindicar seu direito à terra, à moradia ou ao reconhecimento cultural. Assim, a territorialidade se revela como uma arena de conflito e negociação, onde diferentes atores disputam o espaço e os significados atribuídos a ele.

Embora em um contexto cultural, religioso e político bastante distinto, em Juazeiro do Norte o poder religioso também marca profundamente o território, não de forma legalista, mas simbólica e cultural. A cidade é organizada em torno da fé popular, cuja figura central é padre Cícero, líder religioso, político e símbolo máximo da identidade local.

O que torna essa relação política entre igreja, fé e poder ainda mais significativa é o fato de que a própria Igreja Católica tentou, durante décadas, silenciar o padre Cícero. Como durante o desenrolar do inquérito a respeito do “milagre da hóstia” em que, segundo Pinho:

Mesmo depois do sangramento da hóstia em 1889, cartas trocadas entre o bispo e sacerdotes da região, sobretudo, o padre Cícero e Monsenhor Monteiro, demonstram que o prelado diocesano acompanhava com atenção os acontecimentos mantendo, porém, uma reação contida e discreta. Ainda que tenha repreendido o padre Cícero algumas vezes proibindo-o de pregar em público os milagres, mantinha um tom cordial e até amistoso para com o sacerdote (Pinho, 2013, p.121)

No entanto, Pinho (2013) destaca que essa relação cordial é rompida a partir da divulgação de um atestado médico assinado pelo Dr. Marcos Madeira, amplamente

repercutido na imprensa da época e que reconhecia a sobrenaturalidade dos acontecimentos envolvendo padre Cícero.

Esse documento provocou uma reação imediata da Igreja, levando o bispo a convocar o sacerdote para comparecer à sede da diocese em Fortaleza. A partir desse momento, a hierarquia e o poder institucional da Igreja se tornam mais evidentes, como mostra a declaração formal de que “[...] aquele sangue não é nem pode ser o sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo” (Pinho, 2013, p. 127). Além disso, outras medidas foram tomadas no sentido de reafirmar a autoridade e o controle da Igreja sobre seus membros e sobre o território de atuação de padre Cícero:

Junto com a Decisão Interlocutória, o bispo determina a remoção de Maria de Araújo de Juazeiro para a Casa de Caridade do Crato por um período de seis meses, designando que outro padre assuma a função de diretor espiritual da beata em substituição ao padre Cícero. Em 21 de julho, baixa uma portaria criando a primeira Comissão Episcopal de Inquérito com o objetivo de averiguar os fatos de Juazeiro, nomeando os padres Clycério da Costa Lobo na função de Delegado e Francisco Ferreira Antero, como secretário. Ambos os sacerdotes deveriam viajar a Juazeiro para, in loco, averiguar a situação e elaborar um relatório a ser entregue no intuito de que as devidas providências sejam tomadas. (Pinho, 2013, p. 127)

Essa primeira comissão, após alguns meses de investigação em que foram conduzidos experimentos médicos e entrevistas com padres e populares, retorna a Fortaleza, com o resultado final que consta que os acontecimentos não têm explicação científica. Mas o bispo, insatisfeito com esse resultado, o rejeita e designa nova comissão para uma nova investigação dos fatos ocorridos em Juazeiro, esta conclui que tudo não passava de uma farsa.

Todavia, as declarações e decisões do bispo não aplacaram os ânimos dos defensores do milagre, pelo contrário:

A declaração do bispo diocesano de que aquele não se tratava do sangue de Cristo, portanto, negando o milagre, não arrefeceu os ânimos dos seus defensores, que passaram a atuar em duas frentes: 1. Pelas vias legais, por meio de uma petição de apelação contestando à Decisão Interlocutória e solicitando o envio do caso à Santa Sé; 2. Intensificando a publicação de artigos e documentos na imprensa como estratégia tanto para pressionar o bispo diocesano, quanto para conquistar novos adeptos que favorecessem a causa já estabelecida entre o clero do Brasil e a população como um todo. (Pinho, 2013, p. 127)

No entanto, a população resistiu. Mesmo com as decisões tomadas pela diocese, os romeiros continuaram visitando Juazeiro, realizando procissões e reafirmando sua fé no “Padim Ciço”. Isso evidencia como as territorialidades estão em

disputa. A Igreja oficialmente, enquanto instituição hierárquica, tentou impor seu domínio sobre os corpos, as crenças e os espaços, mas a força da territorialidade criada pela fé popular foi mais forte. A devoção transformou-se em identidade coletiva, e Juazeiro do Norte, mesmo sob resistência institucional, consolidou-se como cidade sagrada no imaginário de milhões de nordestinos.

Hoje, a influência da religião em Juazeiro ainda molda comportamentos, regula espaços e orienta práticas espaciais, especialmente durante as romarias. As normas que se estabelecem nesse período, o respeito aos espaços sagrados, o comportamento esperado dos fiéis e as formas de ocupação do espaço urbano são exemplos de como a territorialidade da fé se estrutura. Portanto, na produção do espaço, o território de Juazeiro não é apenas materialidade administrativa, mas um campo de relações de poder, que disputa significados e organiza a vida em sociedade.

### 4.3 Os peregrinos e seus percursos

*“Essa foi a primeira vez, só o coração que já veio muitas vezes”<sup>61</sup>*

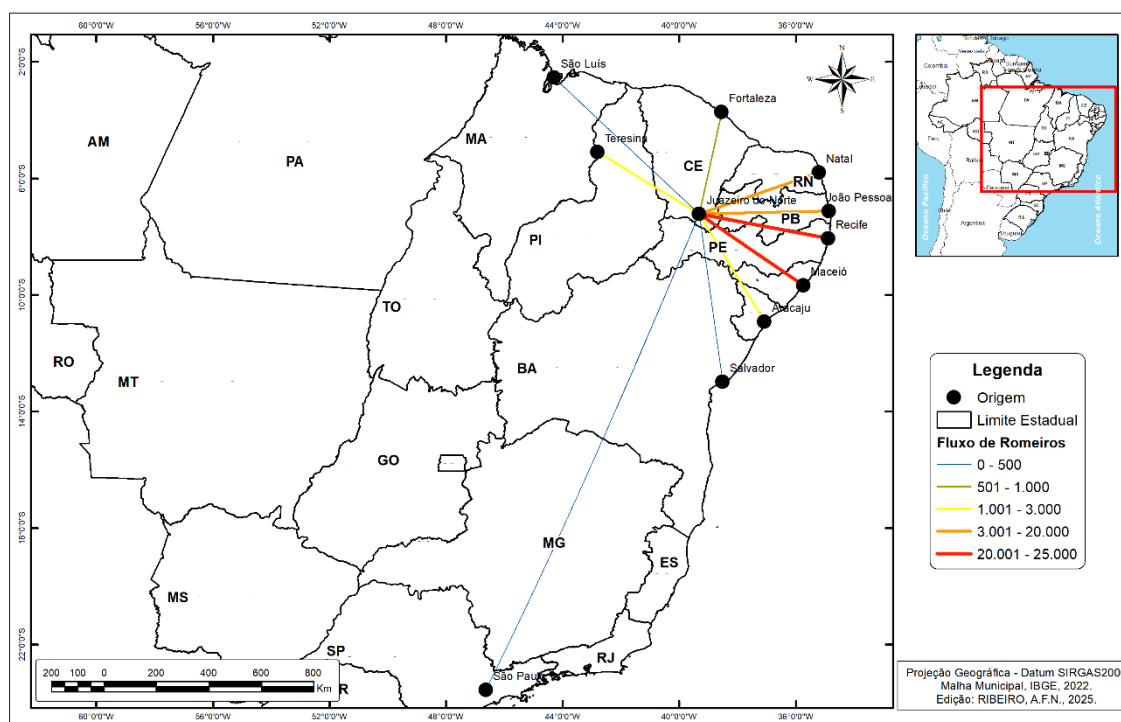
Em Juazeiro do Norte as romarias acontecem em várias épocas do ano, com destaque para as de Candeias (2 de fevereiro), Aniversário de morte do padre Cícero (20 de julho) e Romaria de Finados (2 de novembro). A cidade, como apresentamos nos capítulos anteriores, recebe milhões de pessoas por ano, oriundas principalmente de estados como Pernambuco, Paraíba, Piauí, Maranhão, Alagoas e Bahia, mas também de estados como São Paulo. Muitos percorrem grandes distâncias a pé ou em caminhões paus de arara, mantendo viva uma tradição de fé e resistência<sup>62</sup>. O mapa 2 representa a quantidade e o local de origem dos romeiros registrados em 2025, durante a Romaria de Candeias.

---

<sup>61</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/DJ-B2HhPpJ2/?igsh=MWJxa3cwdmN0Zm9iaQ%3D%3D>

<sup>62</sup> Recomenda assistir: <https://www.instagram.com/reel/DMNqJchsZCg/?igsh=MXczM2gwNnhrdDRmag%3D%3D>  
<https://www.instagram.com/reel/DG2s5GaREsZ/?igsh=MXhodDhoMGlvYTQwMw%3D%3D>

Mapa 2: quantidade e local dos romeiros que se registraram durante a Romaria de Candeias de 2025



Organização: autora

Edição: Ribeiro, A.F.N

Fonte: rede social. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/DFp5C-nRd67/?igsh=MWNtNDFhODhyNWd4dA==>

O percurso dos romeiros pela cidade é também um trajeto simbólico de espiritualidade. Ao chegar, muitos seguem diretamente para a Igreja Matriz de Nossa Senhora das Dores, a primeira construída por padre Cícero e hoje considerada o marco inicial da fé em Juazeiro. De lá, seguem em direção à Capela do Socorro, onde está o túmulo do Padre Cícero, local de intensa comoção, orações e promessas.

Outro ponto fundamental é a subida à Colina do Horto, onde se encontra a monumental estátua de padre Cícero. A caminhada até o Horto é, para muitos, um verdadeiro rito de passagem: um trajeto feito sob o sol forte do sertão, marcado por cânticos, orações e lágrimas<sup>63</sup>. No alto da colina, os romeiros não apenas contemplam a imagem do “santo popular”, mas também reconstroem a própria fé, reforçando os laços entre a religiosidade e a vida cotidiana.

<sup>63</sup> Recomenda assistir: [Os Romeiros do Padre Cícero - Direção: Eduardo Coutinho \(1994\) - YouTube](#)

Alguns desses locais, repletos de significado para os romeiros, estão descritos na tabela 1.

Tabela 1: principais locais visitados pelos romeiros durante visita a Juazeiro

<b>Local</b>	<b>Descrição</b>	<b>Significado para os Romeiros</b>
Colina do Horto	Local onde está a famosa estátua de Padre Cícero, com 27 metros de altura.	Símbolo de devoção; muitos sobem a pé como forma de penitência ou promessa.
Igreja Matriz de Nossa Senhora das Dores	Igreja central da cidade e principal templo religioso ligado a Padre Cícero.	Local onde estão os restos mortais do padre; ponto central das celebrações.
Capela do Socorro	Capela onde Padre Cícero está sepultado, ao lado do Cemitério do Socorro.	Lugar de oração e agradecimento; recebe milhares de fiéis diariamente.
Museu Vivo do Padre Cícero (Casarão)	Antiga residência do Padre Cícero, hoje transformada em museu com objetos pessoais e históricos.	Espaço de memória e conhecimento sobre a vida do padre.
Praça Padre Cícero	Centro simbólico da cidade, com estátua e feira de artigos religiosos.	Ponto de encontro, comércio e manifestações culturais e religiosas.
Feiras e mercados religiosos	Áreas de comércio de imagens, velas, terços, livros e lembranças religiosas.	Parte da vivência do romeiro; espaço de consumo simbólico e partilha cultural.

Fonte: autora, 2025

Ao longo desse percurso, o espaço urbano é inteiramente transformado. As calçadas e praças são tomadas por barracas de alimentos, artigos religiosos, redes, ervas medicinais, entre outros. Famílias locais abrem suas casas para hospedar romeiros, o comércio formal e informal se expande e diversos serviços públicos precisam ser reorganizados para atender à demanda temporária, porém constante. Há também uma adaptação espontânea do mobiliário urbano: bancos de praça viram locais de descanso, áreas públicas se tornam dormitórios improvisados e pontos turísticos ganham significados religiosos.

Mais do que modificar fisicamente a cidade, os romeiros também produzem novas formas de vivência urbana. A cidade se ressignifica por meio da fé: cada esquina, cada estátua, cada pequeno altar improvisado se torna parte de um santuário vivo. O fluxo de pessoas cria uma cidade viva, onde o trajeto sagrado é percorrido com o corpo e com a alma. Como quando sobem a escadaria que as acesso a estátua de joelhos, ou fazem o percurso da cidade até o Horto a pé em procissão, entoando seus cânticos e orações.

Portanto, os romeiros de Juazeiro do Norte não podem ser vistos apenas como visitantes ou consumidores. Eles são sujeitos sociais que, por meio de sua fé, sua cultura e suas práticas transformam o espaço urbano em território sagrado. Essa transformação vai além do visível; ela constrói identidades, movimenta a economia, influencia políticas públicas e redefine a própria imagem da cidade. Em Juazeiro, o espaço urbano está em constante (re)construção, onde a fé popular é o alicerce de uma cidade viva e pulsante.

Essa realidade socioespacial demonstra que a produção do espaço não depende apenas de grandes obras ou decisões do Estado, mas também da ação coletiva e simbólica das pessoas no cotidiano. A fé dos romeiros, expressa em cada passo rumo a Juazeiro, é também uma força de transformação espacial, econômica e cultural. O caminho do romeiro e o destino final não são áreas, mas territórios vivos, em constante (re)construção.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção do espaço urbano em Juazeiro do Norte revela-se num processo dinâmico e multifacetado, profundamente marcado por aspectos históricos, socioespaciais, culturais, religiosos e políticos. A partir das contribuições teóricas de Henri Lefebvre (2006), especialmente sua compreensão do espaço como produto social, foi possível perceber que o urbano não pode ser reduzido a uma estrutura física ou técnica. Pelo contrário, trata-se de uma construção coletiva pelas relações entre o espaço vivido, percebido e concebido.

As reflexões desse e outros autores ajudaram a compreender o modo como Juazeiro do Norte foge de classificações rígidas. O espaço da cidade se estrutura por meio de lógicas híbridas, em que o sagrado e o profano, o formal e o informal, o tradicional e o moderno se sobrepõem e interagem. Essa dinâmica se manifesta de forma intensa durante os períodos de romaria, quando a cidade é ressignificada por práticas religiosas e sociais que transformam profundamente sua paisagem e sua funcionalidade.

As entrevistas com secretários municipais, romeiros e moradores evidenciaram as relações e os usos cotidianos do espaço. Muitas vezes, as políticas públicas adotam uma perspectiva técnico-racional à cidade planejada. Nesse contexto, não dá conta da complexidade da cidade vivida.

O conhecimento empírico acumulado ao longo da vida permitiu reconhecer que o espaço urbano de Juazeiro do Norte é produto de relações simbólicas e materiais que atravessam a vida social local. As práticas religiosas em torno do padre Cícero não apenas ocupam o espaço, mas o produzem ativamente, moldando trajetos, usos, temporalidades e sentidos. Assim, o espaço urbano se torna um território de significações múltiplas.

Em síntese, as práticas espaciais em Juazeiro do Norte revelam uma dinâmica urbana singular, profundamente marcada pela religiosidade popular e pelas romarias dedicadas a padre Cícero. A presença constante dos romeiros e suas formas de apropriação do espaço conferem à cidade uma territorialidade própria, onde o sagrado se entrelaça ao cotidiano urbano, produzindo e reproduzindo sentidos que ultrapassam as lógicas convencionais de organização do espaço. Assim, Juazeiro se diferencia de outras cidades não apenas pela sua paisagem física, mas principalmente por sua paisagem simbólica e afetiva, moldada pelas experiências de fé e pelos fluxos

de devoção que, ao longo do tempo, passaram a constituir a identidade e a alma da cidade.

Conclui-se, portanto, que Juazeiro do Norte constitui um exemplo emblemático de cidade onde a produção e reprodução do espaço urbano não pode ser compreendida apenas a partir das diretrizes do planejamento estatal. É necessário considerar as práticas espaciais e os significados simbólicos que estruturam, diariamente, o tecido urbano. Nesse sentido, a cidade se apresenta como uma expressão viva das vivências, das relações, dos sentidos e das resistências que definem o urbano contemporâneo.

Essa compreensão ampliada do espaço urbano de Juazeiro do Norte, construída a partir da articulação entre teoria, dados empíricos e escuta dos sujeitos locais, permite reforçar a necessidade de um olhar crítico e dialético sobre o urbano. A cidade não pode ser entendida como um objeto neutro, moldado apenas por decisões técnicas ou econômicas. Ela é, acima de tudo, uma construção social em constante transformação, em que se manifestam disputas por visibilidade, pertencimento e poder.

Partindo dessa compreensão do espaço urbano como uma construção social dinâmica e atravessada por múltiplas disputas, reconheço que as limitações enfrentadas ao longo da pesquisa também interferiram na forma como esse urbano pôde ser apreendido. A distância entre meu local de residência e a cidade de Juazeiro do Norte impôs restrições à vivência cotidiana do espaço e à participação em determinados eventos e práticas sociais. Ainda assim, essas limitações não anulam a reflexão proposta, mas reforçam a necessidade de reconhecer os limites do olhar do pesquisador e a importância de articular diferentes fontes e perspectivas na análise do espaço urbano.

Além disso, os desafios logísticos, como a disponibilidade de tempo e recursos para deslocamento, impediram minha participação em algumas festividades importantes do município, que possuem grande relevância cultural e social. A ausência nesses eventos restringiu o contato direto com práticas e manifestações que poderiam contribuir de forma mais significativa para a análise da pesquisa.

Somam-se a essas dificuldades outras limitações, como restrições de cronograma e acesso a determinadas informações durante o período da investigação. Ainda assim, busquei minimizar os impactos dessas problemáticas por meio do uso



de fontes bibliográficas e documentais, o que possibilitou o desenvolvimento do estudo de forma coerente, reconhecendo, de maneira crítica, os limites enfrentados ao longo do processo de pesquisa.

Dessa forma, concluo que, apesar das limitações enfrentadas ao longo do processo de pesquisa, o estudo alcançou seus objetivos ao propor uma análise crítica sobre a produção do espaço urbano de Juazeiro do Norte, evidenciando-o como uma construção social marcada por dinâmicas, conflitos e transformações constantes. Assim, esta pesquisa contribui para o debate sobre o urbano, ao mesmo tempo em que reconhece seus próprios limites e abre possibilidades para novas investigações e olhares sobre a cidade.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Maria de Lourdes de. **A cidade do Padre Cícero: trabalho e fé**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

CASTRO, Josué de. **Geografia da fome: o dilema brasileiro: pão ou aço**. Rio de Janeiro: Edições Antares, 1984.

CAVA, Ralph Della. **Milagre em Juazeiro**. Tradução de Maria Yedda Linhares. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

CEARÁ. Governo do Estado do Ceará. **Colina do Horto: a fé que movimenta o turismo no Cariri**. Disponível em: <https://www.ceara.gov.br/2021/11/19/colina-do-horto-a-fe-que-movimenta-o-turismo-no-cariri/>. Acesso em: 12/08/2025

CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. **Explorações geográficas: percursos no fim do século**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

COSTA, Otávio José Lemos. **Canindé e Quixadá: construção e representação de dois lugares no sertão cearense**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2011.

COSTA, Otávio José Lemos. **Hierópolis: o significado dos lugares sagrados no sertão cearense**. In: ROSENDAHL, Zeny (org.). *Trilhas do sagrado*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010. p. 35–60.

FREITAS, Tânia Maria de; FERREIRA, Cleison Leite. **A produção do espaço urbano: formação de território e governança urbana, o caso da Quadra 50 da cidade do Gama – DF**. Code, 2011.

G1. Templo prometido por padre Cícero é apontado como a 'igreja do fim do mundo'; entenda. **G1 Cariri**, 10 mar. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/ce/ceara/cariri/noticia/2024/03/10/templo-prometido-por-padre-cicero-e-apontado-como-a-igreja-do-fim-do-mundo-entenda.ghtml>. Acesso em: 07/08/2025.

HAESBAERT, Rogério; RAMOS, Tatiana. O mito da desterritorialização econômica. **Geographia**, ano 6, p. 25–48, 2004.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Juazeiro do Norte (CE). **Cidades e Estados**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ce/juazeiro-do-norte.html>. Acesso em: 21/09/2025.

JACOBSEN, D. A. D. L. **Metodologia científica: orientação ao TCC**. [S.l.]: [s.n.], 2016.

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Tradução de Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins. (Original: *La production de l'espace*. 4. éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão brasileira: 2006.

LOURENÇO FILHO, Manoel Bergström. **Juazeiro do Padre Cícero**. Obra premiada pela Academia Brasileira de Letras em 1927. 4. ed. aum. Brasília: MEC/Inep, 2002.

O POVO. Santo Sepulcro. Disponível em: <https://especiais.opovo.com.br/santificados/santosepulcro.html>. Acesso em: 21/08/2025

OLIVEIRA, C. D. M.; OLIVEIRA, L. C. I. Turismo e políticas públicas. **Terra Livre**, São Paulo, ano 25, v. 2, n. 33, p. 155–170, jul./dez. 2009.

OLIVEIRA, E. A. de; OLIVEIRA, J. K. F. de; ROMÃO, L. D.; OLIVEIRA, R. G. de; FERNANDES, T. de S. Juazeiro do Norte em cinco ícones: a comunicação urbana a partir da identidade visual da prefeitura da cidade. In: INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. **XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste**. Juazeiro, BA, 5–7 jul. 2018. Anais [...].

PENA, Rodolfo Alves. Produção do espaço geográfico. **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/producao-espaco-geografico.htm>. Acesso em: 18/05/2025.

PEREIRA, Claudio Smalley Soares. Conceitos fundamentais em geografia: práticas espaciais. **Geographia**, Niterói, v. 26, n. 56, 2024. ISSN 1517-7793; e-ISSN 2674-8126.

PINHO, Maria de Fátima Moraes. **Padre Cícero: anjo ou demônio? Teias de notícias e ressignificações do acontecimento Padre Cícero (1870–1915)**. 2019. Tese (Doutorado) — Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.

PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Representações espaciais e sociais da fé e da religiosidade popular no Triângulo Mineiro. In: **Fé, território e sociedade**. 2024. p. 89.

PREFEITURA MUNICIPAL DE JUAZEIRO DO NORTE. Inscrição. Disponível em: <https://programadeacesso.kbsistemas.com.br>. Acesso em: 28/08/2025.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

ROSENDAHL, Zeny. **O sagrado e o espaço**. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (org.). **Explorações geográficas: percursos no fim do século**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

ROSENDAHL, Zeny. O sagrado e o urbano: gênese e função das cidades. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro: UERJ, edição comemorativa, p. 67–79, 1993–2008.

SACK, Robert David. **Territorialidades humanas e redes sociais**. Organização de Leila Christina Dias e Maristela Ferrari. 2. ed. rev. Florianópolis: Insular, 2013.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed., 2. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. (Coleção Milton Santos, 1).

SETUR – Secretaria do Turismo do Estado do Ceará. Horto do Padre Cícero é o ponto turístico mais visitado do Triângulo Crajubar. Disponível em: <https://www.setur.ce.gov.br/2023/07/31/horto-do-padre-cicero-e-o-ponto-turistico-mais-visitado-do-triangulo-crajubar/>. Acesso em: 14/06/2025.

SOARES, Agenor; SILVA JÚNIOR. “Nas sombras da cruz”: a Igreja Católica e o desenvolvimento urbano no Ceará (1870–1920). **Revista Historiar**, ano I, n. I, 2009.

SOUZA, Marcelo Lopes de. Da “diferenciação de áreas” à “diferenciação socioespacial”. **Revista Cidades**, v. 4, n. 6, 2007.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa socioespacial**. 1. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. **Capitalismo e urbanização**. São Paulo: Contexto, 1988.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. **Produção do espaço urbano: notas para um debate**. [S.l.: s.n.], [s.d.].

UNILEÃO – Centro Universitário Doutor Leão Sampaio. Psicologia. Disponível em: <https://unileao.edu.br/graduacao/psicologia/>. Acesso em: 21/05/2025.

## **ANEXOS**

### **ANEXO I**

#### **Roteiro de entrevista semi-estruturada com agentes do poder público (secretário de cultura e secretário de turismo e romaria)**

1. Quais as principais políticas realizadas pelo padre, enquanto prefeito, para desenvolvimento econômico da cidade?
2. Quais as principais políticas realizadas pelo padre, enquanto prefeito, para desenvolvimento social da cidade?
3. Se existem leis da época do padre que vigoram até os dias atuais, em relação a cidade
4. Se existe alguma lei (incentivo) do poder público em relação as práticas religiosas
5. Recebem demandas de fieis quanto a infraestrutura da cidade? Se sim, quais as principais? São atendidas?
6. Como veem a influência do Padre hoje?
7. As secretarias desenvolvem alguma atividade relacionada a figura do padre que movimenta a cidade/traz pessoas de fora?

Como se deu a história dele?

## **ANEXO II**

### **Roteiro de entrevista semi-estruturada com agentes do poder público**

#### **(Entrevista presidente do memorial – Teresa)**

1. Quais as atribuições do memorial?
2. Quais peças de acervo mais importantes?
3. Qual o nível de atuação na comunidade?
4. Quantos visitantes recebe por ano?
5. Recebe pesquisadores (de qualquer área) pesquisando a respeito do padre?
6. Quem mantém financeiramente as atividades do museu?
7. Histórico do padre: quantos anos como pároco em Juazeiro e como foi a vida após a política
8. Quais as principais políticas realizadas pelo padre, enquanto prefeito, para desenvolvimento social da cidade?
9. Como veem a influência do Padre hoje?